



2

JOSUÉ A ÉSTER

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray



2

JOSUE A ESTER

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray

1. [1 E 2 SAMUEL](#)
2. [0 MINISTÉRIO DE SAMUEL](#)
3. [SAUL TORNA-SE REI 1 Samuel 9.1—15.35](#)
4. [SAUL E DAVI](#)
5. [1 Samuel 25.39-26.19](#)
6. [0 REINADO DE DAVI](#)
 1. [7. A Censura de Joabe a Davi \(19.1-15\)](#)
7. [UM APÊNDICE 2 Samuel 21.1—24.25](#)
 1. [SEÇÃO IV](#)

B

Comentário Bíblico

EACON



C9©

B

Comentário Bíblico

EACON



cb®

Os Livros de

1 E 2 SAMUEL

W. T. Purkiser

Introdução

Os dois livros de Samuel são os primeiros dos seis “livros duplos” que

originalmente não estavam divididos e que perfaziam um total de três: Samuel, Reis e Crônicas. Samuel e Reis são encontrados no cânon hebraico ao lado de Josué e Juizes em uma seção conhecida como “Os Profetas Anteriores”. Juntos, estes livros contêm o registro histórico iniciado por Josué e a travessia do Jordão e estendem-se até o período do exílio babilônico.

Na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento hebraico, os volumes, originalmente não divididos, foram separados. Os dois livros de Samuel foram chamados de Primeiro e Segundo dos Reinos, e os nossos *1* e *2 Reis* eram chamados de Terceiro e Quarto dos Reinos. Jerônimo adotou nomes similares na Vulgata Latina, a fim de chamá-los de Primeiro, Segundo, Terceiro e Quarto Reis, uma prática refletida nos subtítulos da versão inglesa do rei Tiago, conhecida como “King James Version” ou apenas KJV, “O Primeiro Livro de Samuel, outrora chamado O Primeiro Livro de Reis” e “O Primeiro Livro de Reis, comumente chamado de O Terceiro Livro de Reis”.

A. Autoria e Data

Os livros de Samuel são anônimos no que se refere à autoria, embora tenham recebido o nome do grande profeta-juiz, cuja obra é descrita em algum detalhe em 1 Samuel 1-8. Uma vez que a morte de Samuel é descrita em 1 Samuel 25.1, ele não poderia ter escrito os livros da maneira como se encontram hoje. Porém, uma das funções do profeta era agir como historiador, e é possível que ele tenha deixado anotações ou registros que foram incorporados aos livros. Temos informações de um livro escrito por Samuel e colocado por ele “perante o Senhor” (1 Sm 10.25); em 1 Crônicas 29.29 há uma referência ao relato dos atos de Davi num livro chamado “crônicas de Samuel, o vidente”.

As mais importantes teorias a respeito da autoria e da composição dos livros de Samuel variam em detalhes. Em adição à história de “Samuel, o vidente”, outras fontes do período abrangido pelos registros de 1 e 2 Samuel são mencionadas no Antigo Testamento, tais como as “crônicas do profeta Natã” e as “crônicas de Gade, o vidente” (1 Cr 29.29). Entretanto, a afirmação relativa à duração do reinado de

Davi em 2 Samuel 5.4 deixa claro que os livros não poderiam ter assumido sua presente forma antes de algum tempo depois do reinado de Davi. Referências ocasionais a condições ou marcos existentes “até ao dia de hoje” (1 Sm 5.5; 6.18; 27.6) parecem apontar para uma data posterior à época de Salomão, mas anterior ao exílio babilônico - provavelmente para o período da monarquia dividida, entre 931 e 721 a.C. O texto de 1 Samuel 9.9 mostra que o termo “profeta” veio para substituir a palavra anterior, “vidente”.

O estudo conservador está mais inclinado para a idéia de que 1 e 2 Samuel foram compilados, em grande parte, das fontes já mencionadas, isto é, os livros de Samuel, Natã e Gade. As vidas destes três profetas cobriram todo o período. Há pequenas indicações nos próprios livros de que pequenas fontes foram empregadas, tais como dois relatos da advertência feita a Eli (1 Sm 2.29-36; 3.11-14) e da guerra dos amalequitas (1 Sm 14.48; 15.1-35), ou das repetidas explicações das conexões da família de Davi (1 Sm 16.11-13; 17.12). Porém, não há necessidade de supor que esses dois relatos antagônicos tenham sido inadvertidamente inseridos por algum editor do século VI, como se alega.¹

O material certamente representa uma história da mais verdadeira e alta qualidade, isto é, trata-se da avaliação dos eventos a partir do ponto de vista de uma grande idéia. Esta grande idéia tornou-se a inspiração dos líderes proféticos de Israel em épocas posteriores e justifica plenamente o lugar dado a esses livros dentre os “Profetas Anteriores” na parte das Escrituras Sagradas chamada *Nebhiim* ou Profetas. A verdade tão bem ilustrada é que a história realmente é “a sua história”, a revelação dos atos poderosos de Deus nos acontecimentos humanos, a fim de recompensar a retidão e punir o pecado. Os sucessos de Israel são vistos por toda parte como a defesa de Deus e de seus propósitos e promessas. Os fracassos e derrotas da nação são claramente mostrados como resultado da rebelião e do pecado. Toda a história é uma ilustração viva da verdade condensada em Provérbios 14.34, uma pequena afirmação de longa observação: “A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos”.

B. Cronologia

A cronologia deste período não pode ser estabelecida com absoluta certeza. Há muitos indicadores temporais que apontam para 931 a. C. como a data da morte de Salomão e da divisão do reino. Como há uma afirmação de co-regência entre os reinos de Davi e Salomão (1 Rs 1.32-40), não é possível simplesmente adicionar os oitenta anos atribuídos aos dois reinos para se descobrir a data da morte de Saul. Uma atribuição razoável para as datas de Samuel, Saul e Davi seria:²

Nascimento de Samuel	1115 a.C.
Chamado de Samuel	1105 a.C.
Samuel se torna juiz	1070 a.C.
Unção de Saul como rei	1043 a.C.
Morte de Samuel	1025 a.C.
Davi torna-se rei	1010 a.C.
Morte de Davi	970 a.C.

C. Arqueologia do Período

Apesar de o período de um século e meio abrangido pelos livros de Samuel ser o mais importante momento entre o êxodo e o exílio, além de ser amplamente coberto pelos livros bíblicos, a arqueologia do período ainda não foi totalmente produzida.

Explorações na planície litorânea da Palestina revelaram um grande número de fósseis dos filisteus, os maiores inimigos de Israel durante os dias de Samuel e Saul. O próprio nome, *Palestina*, é derivado do termo filisteu. Os fragmentos de cerâmica mostram uma conexão próxima com a cultura *egéia* da Grécia e atualmente há pouca dúvida de que os filisteus tenham sido originalmente um povo de origem grega, mais precisamente da ilha de Creta.

Os filisteus também foram pioneiros no uso do ferro no Oriente Médio e desfrutavam do monopólio completo do trabalho com metal na época de Saul. A língua dos filisteus é desconhecida, uma vez que não foram deixadas inscrições. Entretanto, numerosas evidências de sua religião foram descobertas na escavação de dois templos em Bethsan, feitas por Fisher, Rowe e Fitzgerald entre 1921 e 1933. Um destes templos é, sem dúvida, um local onde a armadura de Saul foi levada após sua morte na batalha do monte Gilboa.³

Outro item da época de Saul é a escavação na fortaleza de Gibeá por William F. Albright em 1922 e 1923. Hoje conhecidas como Tell el-Ful, distantes aproximadamente cinco quilômetros ao norte de Jerusalém, essas ruínas da Gibeá bíblica revelam um estabelecimento anterior no local, o qual foi queimado no final do século XII a.C., provavelmente na época dos eventos descritos em Juizes 19 e 20. A segunda ocupação aconteceu cerca de um século mais tarde.

Em um segundo nível, datado como no tempo de Saul, foi encontrada uma fortaleza de dois pavimentos. Ela foi construída com paredes duplas e uma torre em cada extremidade. Vasos de cerâmica dão idéia do que tem sido chamado de “uma certa medida de luxo rústico”. Um arado de ferro encontrado nas ruínas indica alguma atividade agrícola na região. Este era, sem dúvida, o quartel-general de Saul durante as guerras filistéias. Ele foi destruído e ficou abandonado por alguns anos, provavelmente após a morte deste rei. Foi construída uma outra fortaleza no mesmo lugar, só que em escala menor.⁴

No Sudeste da Palestina foram construídas várias cidades fortificadas na época de Davi, caracterizadas pelas assim chamadas paredes de casamata. Estas edificações eram paralelas e relativamente finas,

suportadas por paredes transversais entre elas, a fim de dar um efeito de grande força e solidez. A disposição das fortificações sugeriria defesa contra os filisteus.

A conquista da fortaleza jebusita em Jerusalém tem um destaque arqueológico interessante. Davi disse: “Qualquer que ferir os jebuseus, (...) será cabeça e capitão”. A ARA traz a seguinte tradução: “Todo o que está disposto a ferir os jebuseus suba pelo canal subterrâneo”. Os arqueólogos encontraram um canal vertical, coberto pelas rochas sobre as quais a cidade foi construída, que levava a um tanque alimentado pela Fonte da Virgem, do lado oposto da vila de Siloé. Este canal teria permitido às tropas o acesso à água do tanque sem que tivessem que passar por suas paredes fortificadas. S. R.

Driver descreve o canal como um túnel que desce 15 metros até um outro horizontal, com aproximadamente 12 metros de comprimento, e segue em um ângulo de 45 graus por cerca de 13 metros e termina num canal perpendicular de 14 metros abaixo do poço.⁵ É bem possível que Joabe e seus homens tenham conseguido subir por este local desguarnecido e pegaram de surpresa os super-confiantes e descuidados jebuseus.

Uma nota arqueológica conclusiva vem das escavações de J. B. Pritchard em 1956, no lugar da descoberta de Gibeão, atual El-Jib. A identificação do local da descoberta está acima de questionamento em função da cerâmica encontrada com inscrições do nome bíblico Gibeão. Um grande tanque com 10 metros de profundidade, com uma escada em volta, foi escavado na rocha. Pritchard sugeriu que esse era o local onde os servos de Davi e de Isbosete se reuniram para a batalha, conforme descrito em 2 Samuel 2.12-17.⁶

Esboço

I. O Ministério De Samuel, I Samuel 1.1-8.22

A. Nascimento e Infância de Samuel, 1.1-3.21

B. Samuel como Profeta e Juiz, 4.1-8.22

II. Saul TORNA-SE REI, 1 SAMUEL 9.1-15.35

- A. A Escolha e a Coroação de Saul, 9.1-12.25
- B. A Guerra contra os Filisteus, 13.1-14.52
- C. A Missão contra Amaleque, 15.1-35

III. Saul e davi, 1 samuel 16.1-31.13

- A. A Unção e a Graça Na Infância de Davi, 16.1-17.58
- B. Davi e Jônatas, 18.1-20.42
- C. Davi Foge de Saul, 21.1-24.22
- D. O Constante Perigo Enfrentado por Davi, 25.1-27.12
- E. A Última Guerra de Saul e sua Morte, 28.1-31.13

IV. O REINO DE DAVI, 2 SAMUEL 1.1-20.26

- A. Davi Reina em Hebrom, 1.1-4.12
- B. Davi Reina sobre toda a Nação, 5.1-10.19
- C. O Pecado de Davi e suas Conseqüências, 11.1-14.33
- D. A Revolta de Absalão, 15.1-19.43
- E. A Revolta de Seba, 20.1-26

V. Um apêndice, 2 samuel 21.1-24.25

- A. A Vingança Gibeonita, 21.1-14
- B. Ilustrações de Coragem em Batalha, 21.15-22
- C. Cântico de Davi em Ação de Graças, 22.1-51

- D. As Últimas Palavras de Davi, 23.1-7
- E. Os Valentes de Davi e suas Façanhas, 23.8-23
- F. A Legião de Honra, 23.24-39
- G. A Peste, 24.1-25

Seção I

- [0 MINISTÉRIO DE SAMUEL](#)
- [SAUL TORNA-SE REI 1 Samuel 9.1—15.35](#)
- [SAUL E DAVI](#)
- [1 Samuel 25.39-26.19](#)
- [0 REINADO DE DAVI](#)
 - [7. A Censura de Joabe a Davi \(19.1-15\)](#)
- [UM APÊNDICE 2 Samuel 21.1—24.25](#)
 - [SEÇÃO IV](#)

0 MINISTÉRIO DE SAMUEL

1 Samuel 1.1 — 8.22

Os livros de Samuel iniciam-se com um resumo da vida e obra do profeta Samuel, conhecido como o último dos juizes e o primeiro da ordem profética. Ele foi considerado o maior personagem na história de Israel entre Moisés e Davi. (cf. Jr 14.1).

A. Nascimento e Infância de Samuel, 1.1—3.21

Há muitos nascimentos extraordinários contados na Bíblia. Na maioria dos casos, as pessoas nascidas destacaram-se em algum aspecto. Podemos citar os exemplos de Isaque, Moisés, Sansão, Samuel, João Batista e, de uma maneira totalmente singular, Jesus. ¹

Zofim”, empregados para distinguir esta cidade de outras localidades, as quais também são conhecidas como Ramá. Esta última significa “cume” e, numa região montanhosa como a Palestina, é provável que existisse uma diversidade de locais com este nome. Seis delas são mencionadas no Antigo Testamento. Mais tarde, Samuel viveu e foi sepultado na cidade de Ramá (1.19; 2.11; 7.17; 8.4; 25.1, 28.3).

A cada ano, Elcana levava sua família para **Siló**, onde estava localizado o tabernáculo desde os dias de Josué (Js 18.1). Eles realizavam essa jornada com o intuito de **adorar** e **sacrificar ao Senhor dos Exércitos** (3; heb., *Yahweh tsaba*, “o Senhor de todos os poderes”; a Septuaginta traduz a expressão como “o Todo-Poderoso”) - usado aqui pela primeira vez no Antigo Testamento. ¹

Eli (uma contração de “Deus é grande”) era um sumo sacerdote. Entre os outros sacerdotes estavam os seus dois filhos, **Hofni e Finéias**, notáveis por sua corrupção e incredulidade (2.12-17, 23.25; 3.13). Como era hereditário, o sacerdócio passava do pai para para os filhos sem consideração pelo caráter ou da falta do mesmo.

a. *O desejo e oração de Ana* (1.4-11). Ana lamentava muito o fato de

não poder ter filhos, pois isto era motivo de vergonha para as mulheres hebréias. Seu marido tentava consolá-la. **Uma parte excelente** (5) seria uma “uma porção dobrada” (ou “porção dupla” na ARA).

Penina tirou plena vantagem da situação e tornou-se **competidora** de Ana (6), ou sua rival. **E assim o fazia ele de ano em ano** (7). Em sua aflição, Ana orou na porta do Tabernáculo. **Templo** (9) - hebraico *hekal*, também pode significar “palácio” ou “majestosa construção”. O templo ainda não fora construído àquela época.

A oração de Ana por um filho incluía o voto de que (a) ele seria entregue ao Senhor **por todos os dias da sua vida**; e (b) **sobre a sua cabeça não passará navalha** (11). Este último detalhe era a característica principal dos nazireus (Nm 6.5), homens ou mulheres que eram especialmente consagrados a Deus. Os votos dos nazireus deveriam ser seguidos por um período de tempo limitado, mas o propósito de Ana era a dedicação de seu filho para toda a vida. Duas regras especiais impediam os nazireus de ficarem cerimonialmente impuros pelo contato com mortos e também de tomarem qualquer tipo de vinho ou bebida forte. Sansão também foi consagrado como nazireu, mas não considerou o grande significado de sua devoção. Em parte, pelo menos, os votos e a vida dos nazireus eram uma forma de santidade no Antigo Testamento.²

b. Repreensão e bênção de Eli (1.12-18). Ana continuou a orar (12), não satisfeita com apenas um pedido - a importância da persistência foi claramente ensinada por Jesus (Lc 18.1-8). **Eli fez atenção à sua boca** - ele notou o movimento de seus lábios. Sem perceber uma voz audível, erroneamente concluiu que ela estava bêbada e resmungava numa espécie de estupor da embriaguez. Este é um triste comentário sobre o estado da religião daquela época e particularmente sobre o santuário de Siló. As coisas pioraram muito em função do caráter e da conduta dos próprios filhos de Eli.

Eli exigiu que a mulher se apartasse do vinho (14). A palavra hebraica para vinho é *yayin*, “o que é prensado”, e refere-se à bebida feita de uvas. De acordo com Gênesis 9.21 - onde esse termo aparece pela

primeira vez na Bíblia - e o uso por todo o Antigo Testamento, o vinho embriagava. **Bebida forte** (15), do hebraico *shekar*, referia-se a qualquer bebida embriagadora feita de frutas ou grãos tais como tâmara, cevada, mel ou flor de lótus. *Yayin wa-shekar*, **vinho e bebida forte** (15), fazem a inclusão de todo tipo de bebida alcoólica.

A oração é notavelmente definida como o derramar da **minha alma perante o Senhor** (15). Ana não era **filha de Belial** (16), mas sim uma mulher em profundo sofrimento e que carregava um grande fardo, pelo que pediu a ajuda de Deus. É sempre perigoso chegar a conclusões a partir de rápidas observações. Um filho ou **filha de Belial** (heb., *beliyaal*, “inútil, maldoso”) era uma pessoa vil ou maldosa. A expressão é usada num total de dezesseis vezes no Antigo Testamento e nove nos livros de Samuel.

Eli rapidamente corrigiu seu erro e uniu-se a Ana em seu pedido para que Deus atendesse seu desejo. Ana ilustra a natureza da fé conforme ensinada no Novo Testamento. Convencida de que o Senhor ouvira sua oração, ela não estava mais triste, muito embora não houvesse um sinal verdadeiro de que seu pedido fora atendido. “Tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis e tê-lo-eis” (Mc 11.24); “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não vêem” (Hb 11.1).

Os versículos 1-18 ilustram “Os ingredientes para uma vida maravilhosa”. Eles devem ser dados em números de três: (1) Um lar piedoso (w. 1-8); (2) Uma mãe que ora (w. 9-11) e (3) um pastor fiel (w. 12-18).

c. *Nascimento e dedicação de Samuel* (1.19-28). Quando a criança nasceu, Ana **chamou o seu nome Samuel** (20; *Shemuel* em 1 Cr 6.33), que literalmente significa “nome de Deus” ou “um nome piedoso”. Como recebera a criança em resposta a sua oração, Ana procurou por um nome e um caráter divinos. Os nomes do Antigo Testamento compostos por “el” são derivados de *Elohim* ou *El*, os termos hebraicos genéricos para Deus.

Ana não acompanhou a família até Siló para a festa anual depois do

nascimento de Samuel, até que seu filho crescesse o suficiente para ser **desmamado** (22), o que geralmente acontecia entre os dois e três anos de idade. Fica claro que Elcana foi informado sobre o voto que Ana fizera em relação ao seu filho desejado e que ele consentiu plenamente com o desejo de sua esposa. O significado de um sacrifício pessoal, tanto para ele como para Ana, é visto na atitude de Jacó para com José, o primeiro filho de sua esposa favorita, Raquel (Gn 37.1-4). No versículo 21, em vez de **sacrifício anual e a cumprir o seu voto**, a Septuaginta traz “pagar seus votos e todos os dízimos de sua terra”.

Na época da festa seguinte ao desmamar Samuel, Ana o levou para Siló com ofertas que consistiam em **três bezerros e um efa de farinha e um odre de vinho** (24; as versões LXX e a Siríaca trazem “bezerros de três anos de idade”). Um dos bezerros seria para a oferta queimada da dedicação de Samuel (25); os outros dois, seguindo a KJV, seriam parte dos sacrifícios anuais da família. Um **efa** seria um pouco maior do que um alqueire em termos de medidas atuais. O **odre de vinho** era um *nebel*, uma garrafa de couro ou pele de animal, ou ainda um jarro. Isso indicaria uma oferta muito generosa.

Quando apresentou o menino a Eli juntamente com o animal do sacrifício, Ana fez questão de lembrar ao idoso sacerdote a sua oração. **Ao Senhor eu o entreguei** (28) - a idéia melhor seria expressa como “Eu o devolvi ao Senhor”. **E ele adorou ali ao Senhor** - A ARA substitui “ele” por “eles”. De qualquer maneira, o ponto a destacar é que Samuel, que permaneceu e cresceu em Siló no serviço do Tabernáculo, aprendeu a adorar ao Senhor ali.

d. O cântico de louvor de Ana (2.1-10). Então, orou Ana (1) na forma de um salmo de ação de graças. Esta é uma poesia de grande beleza e profundidade, e é o modelo do “Magnificat” de Maria no Novo Testamento (Lc 1.46-55). **O meu poder (1)** - melhor na ARA, “minha força”. **A minha boca se dilatou** - anteriormente sem palavras por causa das provocações de sua rival, a boca de Ana agora se abre em louvor a Deus. **Na tua salvação** - do hebraico *yeshuah*, “segurança, bem-estar, salvação” - é usada de muitas maneiras por toda a Bíblia: em vitória política ou militar, alívio do sofrimento ou enfermidade,

mas principalmente na libertação do pecado.⁴

Rocha nenhuma há como o nosso Deus (2) - Deus é freqüentemente descrito como uma rocha (e.g., 2 Sm 22.2,3; SI 18.2; 28.1; 62.2,6; etc.), tanto no sentido de refúgio como de alicerce. **Não multipliqueis palavras** (3) - “não fale mais”, dirigido à adversária de Ana. **Até a estéril teve sete filhos** (5) - pode ser a profecia da família subsequente de Ana, apesar de a quantidade de seus filhos parecer ser seis (21). O número poderia ser usado em seu significado secundário ou relacionado à perfeição ou inteireza.

E dará força ao seu rei, e exaltará o poder do seu ungido (10). Apesar de Israel não ter tido um rei durante muitos anos após estas palavras terem sido ditas, a idéia era familiar, pois as pessoas quiseram que Gideão se tornasse um monarca (Jz 8.22). Sem dúvida, mesmo naquela época, a nação sentia que precisava de um governo forte e centralizado, o que raramente foi alcançado com os juizes. **Seu ungido** (*mashiac*, de onde vem a palavra “Messias”) é usado pela primeira vez aqui. Isto se tornou tanto um título como um nome para Jesus (“Cristo” é o termo grego para o hebraico *mashiach*). A expectativa da vinda do Messias cresceu muito durante a era profética posterior em Israel e é a base do cumprimento neotestamentário em Cristo, tanto em sua primeira vinda como em seu retorno.

2. No Tabernáculo com Eli (2.11-36)

Samuel **ficou servindo ao Senhor, perante o sacerdote Eli** (11). A natureza das atividades de Samuel não é explicada, a não ser pelo fato de ele estar à disposição de Eli (3.5, 8) e de abrir os portões do Tabernáculo pela manhã (3.15).

a. Os filhos maus de Eli (2.12-17). Hofni e Finéias são descritos **como filhos de Belial e não conheciam o Senhor**. (12) Veja os comentários de 1.16 sobre os **filhos de**

Belial. Nas Escrituras, “conhecer” ou “não conhecer” o Senhor normalmente se refere a um conhecimento pessoal de Deus em

adoração e obediência. Os hebreus não consideravam o conhecimento primeiramente como algo intelectual, mas sim como algo completamente pessoal. O termo usado significava “ter proximidade de”, em vez de simplesmente “conhecer”.⁵ Mesmo treinados no ritual e nas cerimônias do Antigo Testamento e, sem dúvida, familiarizados com as exigências da lei, esses dois jovens eram maldosos e inescrupulosos em caráter pessoal.

A lei prescrevia cuidadosamente a natureza das ofertas que deveriam ser trazidas ao altar do Senhor, juntamente com a maneira pela qual o sustento dos sacerdotes era provido (cf. Lv 7.28-34). A iniquidade dos filhos de Eli residia em suas exigências magnânimas e pouco razoáveis de receberem sua porção antes de o sacrifício ser formalmente dedicado ao Senhor. O resultado foi que **os homens desprezavam a oferta do Senhor** (17).

Por todo o texto dos capítulos 1 a 4 o autor inspirado estabelece um contraste entre a maldade dos filhos naturais de Eli com a espiritualidade crescente e o discernimento de Samuel, filho adotivo do sumo sacerdote. Sem dúvida, o ambiente do início da vida desempenha um papel importante no caráter moral e na experiência espiritual das crianças. Contudo, uma das mais certas evidências de liberdade e autodeterminação da alma humana é vista em situações como as apresentadas aqui.

b. As Visitas de Ana a Samuel (2.18-21). A visita anual de Elcana e sua família a Siló tinha um duplo significado agora, pois, além da adoração religiosa, havia a alegria de se reunir com o filho que fora dedicado ao serviço do Senhor. O **éfode de linho** (18) era um traje cerimonial usado por aqueles que serviam em um local religioso. E provável que ele cobrisse apenas a parte frontal do corpo e, por isso, às vezes era chamado de avental. Ana também trazia para Samuel, a cada ano, uma **túnica** feita por ela. A família de Elcana foi abençoada com mais **três filhos e duas filhas** (21), todos de Ana.

c. O desconsolo de Eli (2.22-26). A razão do fracasso de Eli em lidar com a imoralidade de seus filhos pode ser explicada parcialmente em função de sua idade avançada. Tal imoralidade era agravada por ser

cometida no próprio Tabernáculo. A presença de mulheres ligadas ao funcionamento do Tabernáculo é expressa em Êxodo 38.8. O escândalo era evidente (24).

A advertência de Eli a seus filhos abrangia tanto o efeito da conduta deles sobre os outros - **fazeis transgredir o povo do Senhor** (24) - como as conseqüências sobre eles mesmos (25). A conduta ética imprópria - o pecado de um homem contra outro - poderia ser julgado nas cortes da lei; mas o pecado religioso contra Deus seria punido pelo próprio Senhor. Pelo fato de o termo hebraico traduzido como **juiz** ser *ha-Elohim*, que também significa “Deus”, a ARA e outras traduções modernas trazem: “Pecando o homem contra o próximo, *Deus* lhe será o árbitro”, ou “*Deus* o julgará”. Em vista do mal agravado, a repreensão de Eli parece ser muito branda.⁶ Para pecados “com alta mão” - desafio e rebelião contra o próprio Deus - o Antigo Testamento não apresenta uma solução. Somente Cristo pode ser o mediador entre o homem e Deus (1 Tm 2.5,6).

Porque o Senhor os queria matar - a partícula primitiva hebraica *kee*, **porque**, é usada em relações causais de todos os tipos, antecedentes ou conseqüentes. Também pode ser apresentada como “portanto”. Os homens não eram pecaminosos porque Deus desejava matá-los, mas, porque eles se tornaram ímpios, o Senhor os julgaria e traria uma morte dolorosa e prematura.

Mais uma vez, a piedade de Samuel é contrastada com a pecaminosidade dos filhos de Eli. No mesmo ambiente, **o jovem Samuel ia crescendo e fazia-se agradável, assim para com o Senhor como também para com os homens** (26). Uma declaração similar é feita em relação ao menino Jesus (Lc 2.52). Isso demonstra aprovação completa, tanto em sua conduta ética como religiosa.

d. E profetizado julgamento contra a casa de Eli (2.27-36). **E veio um homem de Deus a Eli e disse-lhe: Assim diz o Senhor** (27) - **homem de Deus** e **assim diz o Senhor** são as credenciais do profeta, como o ofício se desenvolveu mais tarde em Israel. Mesmo nestes primórdios havia aqueles que o Senhor mandava juntamente com sua palavra. Aparentemente foi um homem de Deus

não identificado que confrontou o sacerdote Eli. A **casa de teu pai** - Moisés e Arão eram ambos da tribo de Levi, da qual Eli também fazia parte. Todos os levitas eram dedicados ao serviço do Senhor para tomar o lugar dos primogênitos, que foram poupados durante a última praga antes do êxodo (cf. Nm 3.41, 45).

Os sacerdotes eram tomados da descendência de Arão. **Para trazer o éfode perante mim** (28), cf. comentário de 2.18. Deus provera generosamente as necessidades dos levitas e dos sacerdotes. Apesar disto, os filhos de Eli não estavam satisfeitos. **Por que dais coices** (...)? (29); a Septuaginta traz “Por que tratais isso com desprezo?”.

O fato da eleição condicional na Bíblia é claramente mostrado aqui (30). Deus escolheu a casa de Levi e prometeu que ela seria estabelecida para sempre. **Portanto, diz o Senhor** - as promessas estavam sujeitas às condições de obediência e fidelidade em confiar. Tanto no Antigo como no Novo Testamento a eleição não é designação para o privilégio, mas para a responsabilidade. E um dom de Deus e, portanto, não pode ser conquistada ou merecida; mas pode ser perdida pela rebelião e pela descrença (cf. Rm 9 - 11).

Porque aos que me honram honrarei (30). Dentro da liberdade do homem, Deus colocou a opção entre a honra e a humilhação, entre a glória e a vergonha. **Serão envilecidos** - hebraico *qalal*, “ser humilhado”, “ser desprezado”, “ser menosprezado”. **Cortarei o teu braço** (31) - isto é, “sua força, sua eminência ou sua liderança”. **Para que não haja mais velho algum** - uma vida longa e idade madura eram considerados sinais da bênção especial de Deus. (cf. SI 91.16).

O versículo 32 é difícil de ser traduzido. Ele pode significar que um sacerdote rival ministraria no santuário. Moffatt traduz: “Então, em sua necessidade você olhará com inveja toda a prosperidade que dou a Israel”; Berk: “Em minha casa você testemunhará a escassez dentre todas as bênçãos que eu darei a Israel”; ARA: “E verás o aperto da morada de Deus, a um tempo com o bem que fará a Israel”.

O homem citado no versículo 33 refere-se a Abiatar, o único que

escapou do massacre dos sacerdotes em Nobe, evento no qual esta horrível profecia se cumpriu (1 Sm 22.18-23; 1 Rs 2.26-27). **Ambos morrerão no mesmo dia** (34) - cf. 4.11. **E eu suscitarei para mim um sacerdote fiel** (35) - parcialmente cumprido em Samuel, e talvez também em Zadoque (2 Sm 8.17; 15.24). **Meu ungido** - o rei, mas ultimamente o Messias. **Todo aquele que ficar de resto** (36) - os poucos descendentes de Eli que restassem procurariam sustento em Samuel e nos principais sacerdotes dos dias posteriores.

3. *A Primeira Visão de Samuel* (3.1-21)

Como o julgamento dos filhos pecadores de Eli aproximava-se rapidamente, o Senhor apareceu a Samuel, que tinha então entre dez e doze anos de idade. **A palavra do Senhor era de muita valia** (1) - do hebraico, *yaqar*, “raro”, o mesmo termo usado em várias versões como nas frases “pedras preciosas” ou “metal precioso”. **Não havia visão manifesta** - isto é, as visões não eram comuns ou frequentes. A palavra em hebraico é *parats*, “irromper” '. Não existia um profeta reconhecido para transmitir a palavra do Senhor.

A lâmpada de Deus (3) - o castiçal de ouro, com sete canas, colocado no lugar santíssimo fora do véu que abrigava a arca de Deus (Ex 25.31-40). **Se apagasse** - uma vez que a lâmpada era acesa à tarde e iluminava até pela manhã. **Templo** - ou Tabernáculo; cf. comentário sobre 1.9. Uma voz audível despertou o rapaz que dormia.

O relato da rápida resposta de Samuel ao que ele julgou ser a voz de Eli, e o reconhecimento de Eli de que Deus falava com o rapaz, é uma das histórias favoritas do Antigo Testamento. **Samuel ainda não conhecia o Senhor** (7) - em hebraico, *yada*, “conhecer”, significa mais que o conhecimento intelectual (cf. comentário sobre 2.11). Implica em conhecimento pessoal. Até agora, Deus não tinha aparecido a Samuel com visões proféticas, embora o Senhor o preparasse para o lugar que deveria ocupar.

Em resposta às palavras de Samuel, **Fala, Senhor, porque o teu servo ouve** (910), ao quarto chamado do Senhor, Deus disse as suas primeiras palavras proféticas ao jovem. A esta altura nós podemos

perceber a disposição para ouvir como uma condição para as palavras posteriores de Deus (cf. At 26.14-18). Aparentemente, houve algum tipo de aparição visual, pois o texto afirma, **veio o Senhor, e ali esteve** (10) - em hebraico, *yatsab*, “esteve”, tipicamente quer dizer “apresentar-se perante”⁸. A mensagem era similar àquela trazida pelo homem de Deus, sem referência de nome, em 2.27-36, exceto que anunciava a proximidade da época do julgamento na casa de Eli. **Vou eu a fazer** (11) significa literalmente: “Eu estou fazendo”. Os acontecimentos já naquela ocasião modelavam aquilo que proporcionaria o cumprimento das predições feitas previamente. Inúmeras traduções posteriores trazem “Eu irei fazer”. **Tinirão ambas as orelhas** (11) era uma expressão comum que significava ouvir com horror e medo (cf. 2 Rs 21.12; Jr 19.3).

“Ouvindo o Chamado de Deus” é o tema dos versículos 1-10. As principais verdades são: (1) Deus está em silêncio quando a Sua Palavra não é conhecida, 1; (2) O chamado de Deus pode ser confundido, 2-7; (3) A Palavra de Deus é transmitida quando os seus servos ouvem, 8-10.

Como havia sido anunciado previamente, Eli deve compartilhar do destino dos seus filhos pecadores, embora ele mesmo tenha sido um homem virtuoso. O seu pecado foi não usar a sua autoridade para interromper ou pelo menos conter a conduta sacrílega dos dois, apesar de saber o que eles faziam de errado (13). **Fazendo-se... execráveis** - a Septuaginta diz “blasfemaram Deus”. O problema tinha ultrapassado o “ponto sem retorno”, isto é, já era irreversível, e nem **sacrifício nem oferta de manjares** (14) poderiam repará-lo. A repetição das palavras **para sempre** (13-14) indica a terrível certeza das ações poderosas de Deus. Parece que o primeiro aviso (2.27-36), embora expresso em um futuro absoluto, tinha o objetivo de ocasionar uma mudança na atitude de Eli com relação aos seus filhos (cf. o aviso de Jonas a Nínive, 3.4, e os seus resultados, 3:10, 4.12). Mas existe um fim definitivo para a rebelião impenitente, e um pecado para a morte, e para esse não há oração (1 Jo 5.16).

Somente com o firme pedido de Eli na manhã seguinte Samuel

revelou-lhe a natureza da mensagem que o Senhor tinha dado. Existe algo de patético e ainda assim nobre na maneira humilde como o sumo sacerdote aceita as tristes notícias de Samuel (18)⁹.

O crescente reconhecimento, entre o povo de Israel, de que o Senhor estava com Samuel e fazia dele o Seu porta-voz, está indicado em 19-21. **Cair em terra** (19), isto é, “deixar de ocorrer, ou ser provada errada”. **Desde Dã até Berseba** (20) é a típica maneira de descrever “a extensão e a amplitude da terra” (cf. Jz 20.1). Dã estava no extremo norte, Berseba era o ponto mais ao sul.

Profeta do Senhor (20). O registro de Atos 3.24: “E todos os profetas, desde Samuel, todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias”, indica que Samuel foi o primeiro de uma nova ordem ou linhagem de profetas. A palavra *nabi* (provavelmente de uma raiz do hebraico, que significa “borbulhar como uma fonte”) foi aplicada somente a três pessoas antes de Samuel (Abraão, Moisés, e o homem cujo nome não é mencionado em Juizes 6.8), mas se tornou um dos títulos de maior honraria a partir da época de Samuel. O profeta é “aquele que anuncia” e sua missão não era predizer, mas sim “passar adiante” a palavra do Senhor.

É importante observar que **o Senhor se manifestava a Samuel, em Siló, pela**

palavra do Senhor (21). O fato de uma apresentação visual ter acontecido está implícito em 3.10 (veja comentário) e podem ter havido outras. Contudo, a revelação de Deus vinha principalmente através da sua palavra. *Dabar*, “palavra”, é um dos termos-chave do Antigo Testamento. A palavra de Deus tinha por trás de si a sua autoridade e o seu poder, e vinha como uma revelação da sua vontade e natureza.

“A criação de um homem de Deus” está resumida nos versículos 19-21 em (1) Uma vida em crescimento, 19; (2) A presença de Deus, 19; (3) Uma palavra ungida, 19; (4) Uma boa reputação, 20; e (5) **A palavra do Senhor**, 21 - ou, como deveria ser para nós, uma Bíblia aberta.

A frase: **E veio a palavra de Samuel a todo o Israel** (4.1) deveria ser conectada ao capítulo 3, para significar que a mensagem do Senhor tornara-se a palavra de Samuel, e que a reputação deste jovem como profeta espalhou-se pela terra. A mensagem de Samuel, como a palavra de qualquer pregador ou professor, era poderosa a ponto de refletir e personificar a mensagem do Senhor.

B. Samuel como Profeta e Juiz, 4.1—8.22

A ocasião que levou Samuel a tornar-se juiz enquanto simultaneamente era profeta foi um novo início de guerra contra os filisteus. Não sabemos o que ocasionou isso, embora tenha sido afirmado que a crescente reputação de Samuel alarmou os filisteus. A versão Septuaginta implica que foram os estes vizinhos de Israel que provocaram o novo ataque, e o idioma hebraico pode simplesmente dizer que os israelitas saíram para resistir a alguma nova agressão por parte de seus inimigos de longa data. A última referência aos filisteus está em Juizes 13-16, embora sejam mencionados desde a época de Abraão (Gn 21.32,34; 26.1), e tenham permanecido no caminho de Israel na sua rota natural do Egito a Canaã, no êxodo (Ex 13.17-18). Não se conhece com exatidão a sua origem, embora hoje se acredite que eles sejam procedentes da Grécia e Chipre ou Creta e estabeleceram-se ao longo da planície marítima da Palestina, de Jope a Gaza, um território com cerca de oitenta quilômetros de extensão e 24 de largura.

Os arqueólogos que trabalhavam ao longo da planície costeira da Filístia desenterraram uma forma distinta da “cerâmica dos filisteus” que é encontrada mais freqüentemente nas cidades identificadas na Bíblia como ocupadas por eles, embora seja rara em outros lugares. As escavações desenterraram inúmeras fornalhas tanto para cobre como para ferro, que indicam que os filisteus eram talentosos trabalhadores com metais (cf. 13.1920). Um objeto comum encontrado nas suas cidades é a caneca de cerveja, que nos recorda a referência à festa dos filisteus na qual houve muita bebida (Jz 16.25)¹⁰. Eles eram um povo belicoso, e não foram completamente dominados antes da época de Davi. Durante os primeiros anos de conflito, os filisteus

freqüentemente derrotaram os israelitas.

1. A Invasão dos Filisteus (4.1-22)

Aparentemente, os filisteus avançaram sobre o território israelita a partir da extremidade norte de sua planície costeira, e eles atacaram os hebreus no seu acampamento em Afeca, em torno de quarenta quilômetros de Siló (veja mapa). Em seu primeiro combate, os israelitas perderam cerca de quatro mil homens. Mas, ao reagruparem as suas forças dispersadas, os líderes hebreus decidiram trazer de Siló **a arca do concerto do Senhor dos Exércitos** (4). Ela era um objeto em forma de caixa que se constituía o centro da adoração de Israel, tanto no Tabernáculo como mais tarde, no Templo. Era guardada no Santo dos Santos. Somente o sumo sacerdote podia ministrar perante ela, e só uma vez por ano (cf. Ex 25.10ss.). Ela incluía as figuras esculpidas dos querubins, seres semelhantes a anjos com as asas abertas, um de frente para o outro, com o propiciatório entre eles, que formava a cobertura da arca¹¹. Frequentemente se afirma que Deus **habita entre os querubins** (4; cf. também Nm 7.89; 2 Sm 6.2; 2 Rs 19.15; SI 80.1; 99.1; Is 37.16).

Devido à santidade da arca, e conectada à presença de Deus, os israelitas decidiram levá-la à batalha como um tipo de talismã para assegurar a vitória. Os dois filhos de Eli acompanharam-na, e ao grito de triunfo antecipado dos israelitas, os filisteus amedrontados, mas com a energia nascida do desespero, atacaram novamente. As palavras, **destes grandiosos deuses** (8), indicam o pensamento politeísta dos filisteus; isto é, a sua crença em muitas divindades. De acordo com a tradução correta do versículo 8, o plural também deveria aparecer no versículo 7, como em Moffatt e Berkeley, por exemplo, “os deuses vieram ao arraial”.

As pragas junto ao deserto (8) indicam que, embora os filisteus soubessem sobre as pragas do Egito e a libertação no mar Vermelho (o deserto), eles confundiam as duas coisas. Aqui o autor pode ter tido a intenção de expor tal ignorância. As ações poderosas de Deus na libertação de Israel do Egito eram um fator básico na fé da nação, e um marco que a distinguia dos outros povos do Oriente Próximo.

Não venhais a servir aos hebreus (9) - em hebraico, *abad*, “servos”, pode significar tanto escravo como uma pessoa em cativeiro. Os hebreus tinham sido oprimidos pelos filisteus durante o período dos juizes (Jz 10.7; 13.1; etc.) e o seriam de novo e periodicamente (1 Sm 13.19ss.), até a libertação final realizada por Davi. Na parte inicial do Antigo Testamento, o termo “hebreu” era freqüentemente usado pelos inimigos de Israel como uma expressão de desprezo. A sua origem é obscura - talvez derive de Eber (Gn 10.21) ou de um termo que significa “alguém do outro lado, um nômade”¹².

a. A captura da Arca (4.10-11). A presença física da arca não tinha poder quando o Deus da arca era ignorado, e os israelitas foram derrotados com um **grande estrago (10)**. Foram mortos 30 mil homens, inclusive Hofni e Finéias, os filhos apóstatas de Eli.

A própria arca foi capturada pelos filisteus como um troféu de sua vitória, embora eles mais tarde se lamentassem por tê-la capturado (cap. 5). Neste fiasco temos outra demonstração do fato de que Deus está mais preocupado com a lealdade íntima do que com os símbolos; sejam eles, como naquela época, o Tabernáculo e a arca ou, em nossos dias, coisas como a filiação à igreja, o batismo, a confirmação ou a ortodoxia doutrinária. “O homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração” (16.7).

b. A morte de Eli (4.12-22). Um mensageiro escapou e retornou a Siló com as tristes notícias da derrota e da captura da arca. **As vestes rotas e terra sobre a cabeça (12)** - sinais típicos de profunda tristeza e pesar. A preocupação de Eli com a arca é patética. Ele **estava assentado... vigiando ao pé do caminho (13)**, embora cego (cf. 15, comentário), à espera, com o coração pesado e agourento, de alguma notícia sobre a arca. Ele recebeu as notícias somente depois de ouvir os gritos de pesar dos habitantes da cidade **(13-14)**. **Estavam os seus olhos tão escurecidos, que já não podia ver (15)** - em 3.2 lemos que os olhos de Eli “se começavam já a escurecer [ou se escureciam gradualmente]”. Naquele trecho a palavra em hebraico, *keheh*, significa “tênue, obscuro, um pouco escuro”. Aqui, este termo significa “definitivo”. Eli havia ficado completamente cego.

Existe uma progressão trágica na narração do mensageiro: a derrota do exército, o grande número de mortos e feridos, a morte dos filhos de Eli, e, para maior tristeza, a captura da arca. Quando ouviu esta última notícia, o sumo sacerdote, com noventa e oito anos de idade e muito pesado, caiu para trás da sua cadeira que estava próxima à porta e quebrou o pescoço (15,18). Ele suportou a notícia da morte dos seus filhos, mas entrou em colapso ao ouvir o destino da arca. O velho sacerdote tinha muitos defeitos, mas era um homem profundamente preocupado com a obra de Deus. **Quarenta anos** (18) é um número encontrado freqüentemente nos registros dos juizes como a duração de um determinado período. E talvez um número aproximado que representaria uma geração.

A tragédia para a casa de Eli ainda não havia terminado. A esposa de Finéias estava grávida e as notícias desencadearam nela o trabalho de parto. Ela morreu pouco tempo após o nascimento de seu filho, mas não antes de dar a ele o nome simbólico de **Icabô**, “sem glória” ou “oh, glória”, e acrescentou: **Foi-se a glória de Israel** (21). O autor deixa claro, como no caso de Eli, que o golpe supremo foi a notícia da captura da arca¹³.

Os versículos 19-22 tratam do impressionante tema: “Quando a glória se vai” - Ela **chamou ao menino Icabô, dizendo: Foi-se a glória de Israel**, 21. Quando a glória se vai, (1) as pessoas dependem mais dos símbolos da sua fé (a arca) do que da sua própria realidade, 19; (2) A derrota e a morte atingem a alma, 19; (3) O medo substitui a fé, 20; e (4) Os filhos são destituídos de sua verdadeira herança, 21.

2. Os Filisteus são Afligidos (5.1-12)

Os capítulos 5 e 6 parecem um parêntesis na história de Samuel, e descrevem os problemas vividos na Filístia por causa da arca do Senhor. **Asdode** (1) [veja mapa] era uma das cinco cidades principais dos filisteus, e o lugar de adoração a Dagom. **Dagom** (2) seria o deus nacional da Filístia, também adorado entre os fenícios. As tábuas de Ras Shamra, descobertas em 1929 nas proximidades da costa do Mediterrâneo, no lugar da antiga Ugarit, faziam de Dagom ou Dagan o pai de Baal, o deus da agricultura. Supõe-se que o ídolo tivesse a

cabeça, os braços e o tronco com forma humana e que a sua parte inferior se afilava em um rabo de peixe.

Dagom não era páreo para o Senhor Deus. Na primeira manhã, o ídolo foi encontrado prostrado diante da arca; e no segundo dia ele estava novamente no chão, com a cabeça e as mãos cortadas sobre o limiar do templo. **Somente o tronco ficou a Dagom** (4), isto é, “somente o tronco da forma humana do ídolo”. Isto é dito como a explicação para o fato dos sacerdotes de Dagom e os seus adoradores saltarem (não pisarem) o limiar do templo de Dagom, **até ao dia de hoje** (5). Pode haver uma referência a este rito de saltar o limiar em Sofonias 1:9. A existência destas cidades e da adoração do ídolo parece indicar que o relato foi escrito antes da época de Uzias (cf. 2 Cr 26.6).

Além da profanação do ídolo, os filisteus sofreram de **hemorróidas (6)** - em hebraico, *aphal*, “inchação”. Em 6.11,17, elas são chamadas de *techor*, “furúnculos, úlceras” ou ainda “hemorróidas, tumores”, particularmente tumores no ânus; portanto, hemorróidas. Uma boa argumentação foi feita para a teoria de que os filisteus foram acometidos por uma epidemia de peste bubônica, e que as hemorróidas eram as glândulas linfáticas intumescidas na virilha, características desta temida doença. A inclusão de “ratos” de ouro como parte da oferta propiciatória em 6.5 reforça esta suposição, uma vez que ratos e roedores são infestados por pulgas, conhecidas por serem transmissoras da praga¹⁴.

Os líderes da comunidade de Asdode rapidamente reuniram um conselho dos **príncipes** (chefes ou príncipes) **dos filisteus** (8), e a arca foi levada a Gate, outra das cinco principais cidades do país. As referências em 7,8,10,11 parecem indicar que os filisteus haviam aprendido que o Deus de Israel era o Senhor, porque agora a referência está no singular (cf. 4.8, comentário). Em Gate, uma destruição similar teve lugar, embora não haja menção de que a arca tenha sido colocada em um altar ou templo. Talvez esta cidade tenha sido escolhida porque não havia um templo de Dagom, com base na suposição de que a epidemia era o resultado de um conflito entre o Senhor e este deus.

Ecrom (10) foi a próxima cidade a ser ameaçada pela temida presença da arca do Senhor. Mas os filisteus já tinham aprendido. Outro conselho reuniu-se rapidamente, e foi decidido devolver a arca a Israel (11). **O clamor da cidade subia até o céu (12)** -uma expressão para a grande lamentação e o grande pranto do povo atingido, assim como um possível reconhecimento por parte dele da causa de sua aflição.

3. *O Retorno da Arca (6.1—7.2)*

A arca esteve na Filístia durante **sete meses** (1). Os príncipes filisteus **chamaram os sacerdotes e os adivinhadores** (2). **Adivinhadores** (mágicos, Moffatt; ou aqueles que lêem a sorte) eram funcionários religiosos altamente considerados pelos povos pagãos do Oriente Próximo. Eles afirmavam ter o poder de predizer eventos futuros. A esta altura eles foram consultados para dizer o que deveria ser feito com a arca e **como a tornaremos a enviar** (2), ou o que deveria ser enviado com ela com o propósito de aliviar a praga.

Os adivinhadores aconselharam **uma oferta para a expiação da culpa** (3), ou oferta pela transgressão. Quando eles fossem curados, saberiam então a origem de seus sofrimentos e a razão deles. Com base na reciprocidade, os adivinhadores sugeriram que a oferta consistisse de **cinco hemorróidas de ouro e cinco ratos de ouro** (4). Para o possível significado dos ratos, veja o comentário sobre 5.6. Chegou-se ao **cinco** devido ao número de cidades principais e chefes dos filisteus - **porquanto a praga é uma mesma sobre todos vós** (4). **Ratos que andam destruindo a terra** (5) indicariam uma infestação de roedores, algo raro naquelas terras; e que os animais mortos, assim como as pessoas mortas, contaminavam a cidade e o país. O modo como se relata o conselho dos adivinhadores parece indicar que eles não eram da Filístia. Certamente estavam familiarizados com a história do êxodo e advertiram os filisteus contra o endurecimento dos seus corações **como os egípcios e Faraó endureceram o coração** (6).

Deveriam ser tomadas providências detalhadas para a devolução da arca a Israel. Ela deveria ser colocada em um carro novo juntamente

com a oferta para a expiação da culpa, e duas vacas - sobre as quais não tivesse subido o jugo - deveriam ser atadas ao carro, e os seus bezerros separados delas (7-8). Se não houvesse uma força sobrenatural envolvida, as vacas assustadas iriam debandar e esmagar o carro, e sob nenhuma circunstância deixariam os seus bezerros. Com este teste, os filisteus esperavam determinar se os seus sofrimentos eram um julgamento de Deus, ou se era um **acaso** ou coincidência que lhes **sucedeu** (9) - para conectar a presença da arca com a erupção da epidemia. **Pelo caminho do seu termo** - “o caminho para a sua própria terra”. Para **Bete-Semes**, uma cidade sacerdotal na fronteira, perto da Filístia.

Quando essas instruções foram seguidas, **as vacas se encaminharam diretamente pelo caminho de Bete-Semes e seguiam um mesmo caminho, andando e berrando, sem se desviarem nem para a direita nem para a esquerda** (12). Os chefes filisteus, que iam atrás delas para ver o que aconteceria, dificilmente poderiam ter tido um sinal mais evidente do sobrenatural.

Os homens de Bete-Semes ficaram felizes por verem a arca, e imediatamente ofereceram uma oferta em holocausto ao Senhor, usando a madeira do carro como combustível e as vacas como sacrifício. Como eram **levitas** (15), eles tinham permissão de tocar a arca, e a puseram sobre uma grande pedra (**a grande pedra de Abel**, “o campo” - 18) próxima à cidade. Os chefes dos filisteus viram aquilo, e podemos ter a certeza de que o fizeram com grande interesse; então retornaram às suas cidades, cujos nomes estão listadas (17).

Alguns dos homens de Bete-Semes, no entanto, cometeram sacrilégio e **olharam para dentro da arca do Senhor** (19), literalmente “olharam com curiosidade profana”. Isto tinha sido proibido, e a punição era a morte (Nm 4.19-20); os homens da tribo levita dificilmente seriam ignorantes quanto à lei a esse respeito.

Cinquenta mil e setenta homens é provavelmente o resultado de uma variação textual. O texto em hebraico usado pelos tradutores da versão KJV em inglês apresenta “setenta homens e cinquenta mil homens”, mas alguns dos textos em hebraico não contêm os

“cinquenta mil” e provavelmente sejam corretos.

O povo de Bete-Semes ficou aterrorizado com esta demonstração da impressionante santidade de Deus, e enviou mensageiros aos sacerdotes de **Quiriate-Jearim (21)**, a cerca de quatorze quilômetros de distância, uma cidade próxima a Siló, para que viessem e levassem o objeto sagrado. A arca foi então levada **à casa de Abinadabe**, e seu filho **Eleazar** foi ordenado seu guardião. O termo **consagrado** ou **consagraram (1)** é usado aqui no seu sentido mais comum do Antigo Testamento, o de “separar para o serviço a Deus”. Embora nunca lhe faltasse completamente o conceito de libertação do pecado ou de pureza moral, mesmo no Antigo Testamento, foi somente com a vinda de Cristo que o significado da palavra pôde ser totalmente compreendido. No Novo Testamento, o conceito da separação ou consagração permanece, mas o significado predominante é o da santificação ou da libertação do pecado.

E difícil saber exatamente por que a arca permaneceu tanto tempo em Quiriate-Jearim. A referência a **vinte anos (2)** é aparentemente o período de tempo entre o retorno da arca a Israel e a reforma feita por Samuel em 7.3ss, desde que a arca ainda permaneceu na casa de Abinadabe até o começo do reinado de Davi (2 Sm 6.3,4). Alguns supõem que Siló tenha sido ocupada pelos filisteus durante essa época, enquanto Samuel preparava-se para a reforma que será descrita a seguir. Talvez Siló estivesse em ruínas nesse período. O que se sabe é que a cidade esteve, em determinada época, completamente destruída, pois suas ruínas são apontadas por Jeremias (7.12-14) como uma evidência da certeza do julgamento divino.

4. Samuel como Juiz (7.3-17)

Samuel havia sido reconhecido como profeta do Senhor há muito tempo. Agora ele assume o seu lugar na história sagrada como o último dos juizes. Estes eram líderes militares por cujas mãos o Senhor trouxe libertação para o seu povo. Também serviam em um trabalho civil, em razão do respeito que os seus companheiros tinham por eles. Embora não saibamos a idade de Samuel na época da captura da arca pelos filisteus, provavelmente estava na casa dos seus

quarenta anos na época em que ocorreram os seguintes eventos¹⁵.

Samuel convocou o povo de Israel para **com todo o coração retornarem [converterem-se] ao Senhor** (3). Os desastres dos últimos anos e a ocupação pelos filisteus tinham preparado o caminho para essa convocação, pois **lamentava toda a casa de Israel após o Senhor** (2). **Converter-se ao Senhor** é a expressão familiar do Antigo Testamento para descrever o genuíno arrependimento. Somente um afastamento sincero dos falsos deuses e um serviço decidido ao Deus verdadeiro poderia abrir caminho para a libertação divina das mãos de seus inimigos.

Os baalins e os astarotes (4) representam os deuses dos cananeus e de grande parte do Oriente Próximo daquela época. **Baalins** é a forma plural de *baal*, uma palavra que significa “senhor”, “possuidor” e “marido”. Originalmente um substantivo comum, a palavra passou a ser usada como um nome próprio para descrever as várias divindades locais que supostamente controlavam a fertilidade das terras e dos rebanhos. Também era usada para descrever o baal supremo ou senhor de um país. A adoração aos baalins era viciosa e depravada. **Astarote** era uma deusa também conhecida como Astarte, adorada pelos fenícios e pelos cananeus. Era correspondente à Vênus dos gregos, e era a deusa do sexo e da fertilidade.

O passo seguinte de Samuel foi reunir o povo em Mispa, quase treze quilômetros ao norte de Jerusalém, e não distante da cidade de Ramá, que era a sua terra natal e onde ele havia estabelecido a sua moradia (1.19; 7.17). Este era um local tradicional de encontro das tribos (Jz 20.1-3; 21.1,5,8; 1 Sm 10.17). Ali o povo jejuava, confessava seus pecados e orava. **Tiraram água, e a derramaram perante o Senhor** (6) como uma libação. Esta não era uma forma comum de adoração entre os israelitas, mas provavelmente está indicada em 2 Samuel 23.16. Há várias suposições de que representa a oração, a absolvição, a purificação, o ato de fazer um voto, ou uma penitência¹⁶.

As notícias da reunião dos israelitas provocaram um ataque dos filisteus, que supunham que se planejava uma revolta e esperavam esmagá-la antes que ela pudesse ser concretizada. Os israelitas foram

tomados pelo medo e agora se voltaram a Samuel para pedir-lhe: **Não cesses de clamar ao Senhor... para que nos livre da mão dos filisteus** (8). A oração anterior de Samuel (5) tinha sido para o perdão e a restauração do povo ao favor de Deus, algo que deve preceder a esperança de qualquer forma de ajuda divina.

A seguir, Samuel sacrificou um cordeiro em holocausto a Deus, e orou pela libertação de seu povo - **e o Senhor lhe deu ouvidos** (9).
Sacrificar inteiro em holocausto

ou sacrificar completamente em holocausto significa ser inteiramente consumido pelo fogo. Enquanto se fazia a oferta, os filisteus iniciaram os seus ataques. **Trovejou o Senhor aquele dia com grande trovoadas sobre os filisteus e os aterrou** (10) - Em várias versões lê-se: “O Senhor os atacou com fortes trovoadas. Então eles ficaram em completa confusão”. **Abaixo de Bete-Car** (11) - os estudiosos tentam identificar este local como uma elevação a cerca de sete quilômetros a oeste de Jerusalém.

Tomou Samuel uma pedra (12) - grandes pedras como monumentos eram comuns na época do Antigo Testamento (por exemplo, Gn 28.22; 31.45; 35.14; Js 24.26; 1 Sm 14.33). **Entre Mispa e Sem** - não se identificou Sem. O nome significa “dente”, e pode ter sido uma formação rochosa com a aparência de um dente. A Septuaginta apresenta Jesana no lugar de Sem, uma vila não distante de Mispa. **Ebenézer**, “pedra de ajuda”, foi o nome usado para identificar o lugar antes mesmo de receber o seu nome formal (4.1; 5.1).

“Deus, nossa ajuda” é o tema dos versículos 3-12: **Até aqui nos ajudou o Senhor**, 12. Aqui podemos encontrar: (1) Condições para receber a ajuda de Deus, 3,4; (2) Confissão da necessidade da ajuda de Deus, 5,6; (3) A crise como ocasião da ajuda de Deus, 7; (4) Chamado à oração pela ajuda de Deus, 8,9; (5) Vitória por meio da ajuda de Deus, 10-12.

Uma sinopse do balanço da vida de Samuel é apresentada em 13-17. Ele fixou a sua residência em Ramá, sua terra natal. Como Siló não é mais mencionada durante a sua vida, assume-se que ela tenha sido

destruída durante as guerras contra os filisteus. Samuel erigiu um altar em Ramá, e anualmente visitava Betei, Gilgal e Mispa. Os filisteus a oeste já não representavam uma ameaça, embora o seu poder tenha ressurgido mais tarde (cf. 9.16; 10.5; 13.9-23), e havia paz com os amorreus a leste e na região montanhosa. O território perdido havia sido recuperado, e o quadro geral era de paz e prosperidade.

5. O Povo Procura um Rei (8.1-22)

O capítulo 8 é uma transição entre o período dos juizes e a era da monarquia. Em termos teológicos, ele representa o fim da teocracia, ou o reino de Deus por meio de juizes ou líderes indicados diretamente. Vários críticos assumiram que 1 Samuel 8-12 (como, na verdade, todo o registro de 1 e 2 Samuel) é o resultado da união de duas fontes independentes e bastante diferentes. Supõe-se que haja uma fonte anterior favorável à idéia de um reino, e refletida em 9.1-10.16; e uma posterior, oposta à monarquia e vista em 8.1-22; 10.17-27; e 12.1-25. No entanto, tal reconstrução é altamente especulativa e bastante desnecessária¹⁷.

Tendo Samuel envelhecido (1) - em nenhum lugar se define a sua idade, mas em 12.2 ele fala de si mesmo com os termos “envelheci e encaneci”. **Constituiu a seus filhos por juizes** - os seus nomes são expressos em 1 Crônicas 6.28 como Vasni e Abias. No entanto, o Texto Massorético não os menciona, e o nome Joel pode ter sido obtido a partir de 1 Crônicas 6.33, como também o do versículo 2. A passagem sugere que Samuel associou os seus filhos consigo mesmo devido à sua própria idade avançada. Os seus próprios nomes expressam a devoção que havia no coração de Samuel: Joel significa “O Senhor é Deus”, e Abias quer dizer “O Senhor é Pai”. Infelizmente, eles não corresponderam à esperança que seus nomes expressavam (3-5).

Uma irônica semelhança entre os últimos anos de Samuel e os de Eli está descrita no versículo 3. Nos dois casos, os filhos em quem se confiava provaram ser desleais. No entanto, existe uma diferença, a de que o autor inspirado não sugere a culpa de Samuel em nenhum ponto. Os pecados de seus filhos não eram tão exacerbados e eram de

um tipo que não era imediatamente visto ou detectado. **Avareza** (3) - dinheiro; ou, como Lutero traduziu, cobiça. **Perverteram o juízo** - “perverteram a justiça”.

Todos os anciãos de Israel (4) vieram até Samuel, para demonstrar uma ampla insatisfação com a situação. A sua exigência de um rei se baseava em duas razões: **já estás velho, e teus filhos não andam pelos teus caminhos** (5), além do desejo de que o rei pudesse ser o seu juiz ou líder e de que eles pudessem ser como **todas as nações**. Este desejo de adequar-se aos outros, rebelando-se contra as características divinas, foi uma fonte de problemas para o povo de Deus em todas as épocas.

O descontentamento de Samuel (6) não ocorreu porque o povo julgou que ele estava velho e que os seus filhos não eram dignos de sucedê-lo, mas porque pediram um rei - fato no qual ele via claramente implicações profundas com envolvimento morais e espirituais. Os seus receios se confirmaram quando o Senhor lhe disse: **o povo não te tem rejeitado a ti; antes, a mim me tem rejeitado, para eu não reinar sobre ele** (7). A nação já tinha uma triste história de rebelião e idolatria, e estava, agora, apenas fazendo a Samuel o que já havia feito ao Senhor (8). Esperava-se que o profeta concordasse com o pedido, mas ele protestou e claramente informou os líderes do resultado da sua escolha (9).

Há argumentos de que a descrição de Samuel sobre os abusos do poder na monarquia (11-18) só poderiam ter sido escritos muito tempo mais tarde, quando a experiência gerou essas tristes linhas. No entanto, tal conclusão é definitivamente desnecessária. A história dos despotismos do Oriente nas nações forneceu abundantes exemplos da indubitável verdade de que “o poder corrompe, e o poder completo ou absoluto corrompe completamente”. Adicionalmente, Samuel era um homem que possuía uma visão profética, e falava **todas as palavras do Senhor** (10). Incluídos nos abusos da monarquia estavam o alistamento militar obrigatório (11-12); o trabalho forçado (12-13, 16-17); a apropriação das propriedades (14); e uma pesada carga tributária (15,17). O termo **per-fumistas** (13) significa “confeccionadoras de perfumes” (Berk.). Embora o povo

clamasse sob estas injustiças, **o Senhor não vos ouvirá naquele dia** (18). A ordem: **lavrem a sua lavoura** (12) significa semeá-la ou cultivá-la.

Embora mais do que avisado, o povo renovou o seu pedido por um governante, para ressaltar novamente o seu desejo de ser **como todas as outras nações** (20). Além disso, indicou a necessidade de ter alguém que o liderasse na guerra e lutasse nas suas batalhas. Samuel, ao falar a Palavra de Deus como o seu profeta, agora se voltou e falou a mensagem do povo a Deus, como o seu sacerdote (21). Novamente o Senhor indicou a sua aquiescência quanto ao pedido dos representantes da nação, e Samuel os enviou às suas casas para que aguardassem a ocasião para agir (22).

Seção II

[1](#)

A Família de Elcana (1.1—2.10)

O pai de Samuel era **Elcana** (“criado ou adquirido de Deus”), cuja ascendência vai até Levi em 1 Crônicas 6.33-38, mas que não estava na família araônica ou sacerdotal. Sua casa estava no território de Efraim; conseqüentemente, ele era conhecido como **efrateu** (1).

Este tinha duas mulheres (2). A poligamia (várias esposas) era permitida pela lei de Moisés (Dt 21.15). Jesus deixou claro que o plano original de Deus era o casamento de um homem com uma mulher para toda a vida (Mt 19.8). O registro do Antigo Testamento mostra que a prática do casamento poligâmico sempre foi seguida de problemas. **Penina**, que teve filhos, importunava a vida de **Ana** (“graça” ou “presente gracioso”), que era estéril. O favoritismo também era uma fonte de atrito (5-8).

Elcana era um homem muito devoto, aparentemente o chefe da família de Zufe, de quem sua aldeia tomou o nome. **Ramataim-Zofim** (1) significa “os cumes gêmeos de

SAUL TORNA-SE REI 1 Samuel 9.1—15.35

A carreira diversificada do primeiro rei de Israel é mais extensamente detalhada do que a história de qualquer monarca, com a exceção de Davi. O relato ocupa o balanço de 1 Samuel, em que a última parte apresenta o relacionamento entre Saul e Davi¹.

A. A Escolha e a Coroação de Saul, 9.1—12.25

1. A Escolha de um Rei (9.1-27)

Como é de costume, o registro começa com a genealogia de Saul, que parte através de Quis, seu pai, Abiel (14.51), Zeror, Becorate e Afias, que é identificado como **filho de um homem de Benjamim**. Em 1 Samuel 14.51; 1 Crônicas 8.33 e 9.39 apresenta-se Ner como o pai de Quis, uma aparente discrepância, melhor compreendida quando entendemos que as genealogias bíblicas freqüentemente omitem algumas gerações. **Varão alentado em força** (1) é a expressão usada para descrever Quis. Ela pode indicar a sua riqueza ou a sua bravura, ou ambas. De qualquer maneira, o registro mostra que Saul vinha de uma família importante e abastada da tribo de Benjamim - uma família de boa situação econômica e altamente respeitada.

O próprio Saul é descrito como **jovem e tão belo** (2). O termo hebraico utilizado não indica necessariamente juventude, mas sim o apogeu da vida - pois Saul tinha pelo menos um filho adulto na época de sua escolha como rei. **Belo... mais belo** - a palavra em hebraico indica uma impressão favorável e pode significar “bonito, elegante, bem feito, robusto”. Uma menção especial é feita à altura de Saul.

O extravio das jumentas de Quis é a ocasião para o primeiro encontro entre Saul e o profeta Samuel. Acasa da família de Quis ficava em Gibeá (11.14; 2 Sm 21.6) e a procura foi feita pela região montanhosa de **Efraim** (4) e por um distrito conhecido como **Salisa**, não identificado de outra maneira. **Saalim** é igualmente desconhecida, mas **Zufe** (5) é a área onde se localizava Ramá, a cidade de Samuel, ao sul do território da tribo de Benjamim. Depois de três dias (cf. 20),

Saul concluiu que àquela altura seu pai deixara de pensar nos animais e passara a se preocupar com o seu filho e o seu servo.

Quando eles estavam prestes a abandonar a busca, o servo sugeriu uma consulta a Samuel, descrito como **um homem de Deus, e homem honrado** (ou estimado) (6). **Esta cidade** seria Ramá, a terra de Samuel. O fato de que Saul não parece ter conhecimento de Samuel levantou alguns debates entre os estudiosos do Antigo Testamento, e foi usado para argumentar a favor da teoria das duas fontes dos livros de Samuel. No entanto, isso pode ser suficientemente justificado pelo fato de que nessa época Saul era um jovem tímido e reservado, ocupado com o trabalho da fazenda e aparentemente sem interesse pelos assuntos políticos ou religiosos. É possível também que o servo, mais velho, estivesse mais familiarizado com o território, o que trouxe Samuel à sua mente e não à de Saul.¹

A cortesia exigia que se levasse um presente, e Saul objetou que eles não o possuíam, uma vez que **o pão de nossos alforjes se acabou** (7), ou, como diz Moffatt: “nossos sacos já não têm pão”. O servo tinha consigo **um quarto de um siclo de prata** (8). Como não existia a cunhagem de moedas naquela época, os metais eram pesados. Essa quantidade corresponderia aproximadamente à oitava parte de uma onça, com um valor aproximado de dez centavos de dólar na atualidade, mas que valia muito mais naqueles dias.

Um parêntesis é fornecido no versículo 9, a fim de indicar a data posterior do registro da narração. Aqui se explica que a pessoa conhecida como profeta na época em que o registro foi feito era chamado vidente nos dias de Saul e também anteriormente a ele. *Roeh* ou “vidente” refere-se principalmente ao fato da visão profética. O profeta é aquele que “vê”. Esse era, sem dúvida, o nome popular para os homens de Deus nos tempos antigos. *Nabi* ou “profeta” tinha referência particular à proclamação pública da vontade de Deus, conforme discernido através da visão profética. O último uso da palavra “vidente” no Antigo Testamento é encontrado em conexão com a época de Asa, no início do século X a.C.²

Os dois chegaram em uma boa hora, pois **as moças que saíam a**

tirar água (11) disseram a Saul e ao seu servo que somente naquele dia Samuel tinha retornado à cidade. O trabalho das jovens de retirar e carregar água nos tempos bíblicos é freqüentemente refletido no Antigo Testamento (por exemplo, Gn 24.11,43; Ex 2.16). Era considerado um trabalho humilde (Js 9.21-27). A expressão **no alto** (12) freqüentemente reflete a referência no Antigo Testamento aos “lugares altos” como lugares de adoração. Durante o período em que não havia tabernáculo central nem templo, os sacrifícios autorizados e a adoração ao Senhor eram realizados ali. Depois da construção do Templo, os “lugares altos” tornaram-se sinônimos de idolatria.

Comer (13) - as épocas de sacrifício e adoração eram ocasiões para se comer em conjunto. Exceto no caso do “sacrifício completo em holocausto” - no qual tudo era consumido pelo fogo no altar - somente o sangue e o fígado, com o seu envoltório (o redenho), do animal sacrificado eram ofertados ao Senhor (Ex 29.13, 22; Lv 3.4,10,15). O que sobrasse das carcaças era comido pelos sacerdotes e pelos adoradores. **Samuel lhes saiu ao encontro** (14) - melhor ainda “Samuel saiu e veio em direção a eles”.

Samuel fora avisado sobre o encontro. **O Senhor o revelara aos ouvidos de Samuel** (15), ou “o Senhor tinha revelado a Samuel”. O homem que viria até ele deveria ser ungido **capitão sobre o meu povo de Israel** (16). **Capitão** - do hebraico *nagid* -significa “príncipe, chefe, cabeça” (cf. 17, **dominará**). Os filisteus novamente ameaçavam e oprimiam Israel depois de terem sido anteriormente derrotados por Samuel. O profeta apresentou-se a Saul **no meio da porta** (18) - que seria a entrada da cidade. Samuel lhe disse para ir ao lugar de sacrifício e do banquete e declarou-lhe: **pela manhã te despedirei e tudo quanto está no teu coração to declararei** (19). Saul provavelmente estivesse preocupado com a opressão dos inimigos de Israel. O jovem não devia mais se preocupar com os animais perdidos, porque haviam sido encontrados. **Todo o desejo de Israel** (20) traduz melhor como “todas as coisas desejáveis de Israel”. Saul tinha viera procurar as jumentas. Ao invés disso, receberia um reino. A sua modesta renúncia (21) era em parte verdadeira - porque Benjamim tornara-se a menor das tribos de Israel (Jz 19-21) - e em parte era

uma indicação do seu espírito modesto e humilde.

Saul foi conduzido à **câmara (22)**, ou sala de jantar, e colocado no lugar de honra entre os trinta convidados acomodados na sala. **A espádua (24)** do animal sacrificado, reservada para o sacerdote que presidia e que fora cerimonialmente apresentada ante o altar do Senhor, foi colocada diante de Saul como um símbolo da mais alta honra. **Levantou** significa literalmente “alçou” - cf. Êx **29.27**; Lv **7.34**; etc. **Guardou-se** - melhor “manteve” ou “reservou”.

Ao retornar à casa do profeta na cidade, **chamou Samuel a Saul ao eirado (25)**. Na Septuaginta lê-se: “Uma cama foi preparada para Saul sobre o telhado, e ele deitou-se para dormir” ou, como nas versões modernas: **Aí arrumaram uma cama para Saul no terraço, e ele dormiu ali**. Sem dúvida, o homem mais velho passou o tranqüilo entardecer ao lado de Saul, a fim de falar-lhe sobre os assuntos nacionais e religiosos da época. Os tetos achatados das casas orientais eram (e são) freqüentemente usados como lugares para dormir. O telhado da casa do profeta também fornecia a privacidade necessária para tal conversa. No versículo 26, conforme a versão *Berkeley*: “E se levantaram de madrugada; e sucedeu que, quase ao subir da alva, chamou Samuel a Saul ao eirado, e disse-lhe: Levantate, e despedir-te-ei. Levantou-se Saul, e saíram ambos, ele e Samuel”. Na extremidade da cidade, ordenou-se ao servo que fosse antes, e Samuel disse a Saul **a palavra de Deus (27)**.

herdade - terras, herança, posses. Israel pertencia a Deus em razão tanto da libertação da nação da escravidão no Egito como da sua escolha de Israel, entre todas as nações, para ser o canal do seu amor e de redenção para todo o mundo.

Saul receberia três sinais relacionados à veracidade das palavras de Samuel e da certeza da sua escolha como príncipe e rei: (a) dois homens iriam informá-lo do regresso das jumentas; (b) ele iria encontrá-los **subindo a Deus (3)** - isto é, encaminhando-se para a adoração - e iriam dar parte das suas ofertas a Saul; e (c) ele iria **encontrar um rancho de profetas**, e o Espírito do Senhor desceria sobre ele, a fim de torná-lo um homem diferente. A localização do

carvalho de Tabor não é conhecida. Saul deveria então ir a **Gilgal**, onde esperaria sete dias pela vinda de Samuel e receberia instruções (2-8). **O outeiro de Deus** (5), ou *Gibeah-Elohim*, provavelmente uma elevação perto de Gibeá, uma vez que Saul era bastante conhecido na cidade que tinha aquele nome (1011). *Gibeah* é a palavra em hebraico para “colina”, e a sua tradução é uma questão não resolvida, poderia ser “colina” ou “Gibeá”.

Saltérios, e tambores, e flautas, e harpas (5) - não se conhece a exata natureza desses antigos instrumentos musicais. Moffatt traduz: “alaúdes, tambores, flautas e liras tocando diante deles”. A música e os instrumentos musicais têm tido um lugar importante na adoração desde tempos imemoriais (cf. SI 150). A natureza da declaração profética é obscura. Da descrição em 19.23-24, de um segundo acontecimento desse tipo, parece que a profecia em questão era uma declaração extasiada, talvez similar ao fenômeno das “línguas”, observado na história do cristianismo, assim como em algumas religiões não cristãs. A expressão - **faze o que achar a tua mão (7)** - pode ser traduzida como “faça o que quer que a sua mão encontre para fazer”.

Cada um dos sinais preditos aconteceu. Quando Saul se virou para partir em direção à sua casa, **Deus lhe mudou o coração em outro** (9). O humilde trabalhador rural estava a caminho de tornar-se um líder militar e civil. **O Espírito de Deus se apoderou dele** (10) e os seus conhecidos, ao vê-lo, perguntavam uns aos outros: **Está também Saul entre os profetas?** (11), uma frase destinada a tornar-se famosa em uma época posterior, sob as mais extremas manifestações de 19.23-24. **Tornou-se provérbio** (12) não significa necessariamente a partir daquele momento, mas pode ter sido na época posterior narrada no capítulo 19⁵.

Os versos 6-11 mostram “A criação de um novo homem”, pois Samuel disse a Saul: **te mudarás em outro homem**, 6. Aqui temos (1) Redenção - **Deus lhe mudou o coração em outro**, 9; (2) Renovação - **O Espírito de Deus se apoderou dele**, 10; e (3) Reconhecimento - **todos os que dantes o conheciam viram que eis que com**

os profetas profetizava; então disse o povo, cada qual ao seu companheiro: Que é o que sucedeu ao filho de Quis? 11.

A pergunta do versículo 12 é difícil de ser entendida. O que quer dizer a resposta de um homem de Gibeá: **Pois quem é o pai deles?** Em conexão com o assombro do povo expresso em 11: **Que é o que sucedeu ao filho de Quis?** A resposta pode querer dizer simplesmente que o fato do filho de Quis profetizar não era mais surpreendente que o fato de que aqueles homens, cujos pais eram desconhecidos, também profetizassem. Moffatt tenta dar sentido à interpretação do versículo, ao traduzir a observação como um comentário adicional, uma expressão de surpresa por Saul ter sido encontrado “entre homens sem família!”, como observou um habitante local”.

O tio de Saul, ao saber que seu sobrinho tinha se encontrado com Samuel, tentou descobrir o que o profeta havia dito. Ele respondeu somente que o homem de Deus lhe tinha dito que **as jumentas se acharam. Porém o negócio do reino... lhe não declarou (16).**

3. A Escolha Pública (10.17-27)

O próximo passo de Samuel era organizar uma apresentação pública do rei recém-ungido. Com essa finalidade ele **convocou... o povo ao Senhor em Mispa (17)**, à cidade de Benjamim que era o lugar das convocações nacionais. Não ficava longe de Ramá, onde morava Samuel (cf. comentário sobre 7.5).

As palavras introdutórias de Samuel recordaram ao povo as libertações de Deus, do Egito e das mãos dos inimigos (18). Esses fatos imputaram ainda mais culpa à sua rejeição ao seu governo direto sobre eles, ou seja, a teocracia (19). O povo apresentou-se **pelos... tribos e pelos... milhares**. A palavra hebraica para **milhares** também significa “famílias”, o que parece ser o caso aqui. **Tomou-se a tribo de Benjamim (20)** - isto é, a tribo foi escolhida por sorteio. Embora não se conheça a exata maneira de conduzir a seleção, é muito provável que fosse extraído de um vaso o nome da tribo escolhida, como em Números 33.54. Das famílias da tribo de

Benjamim, **a família de Matri** (21) foi escolhida. Esse nome não é mencionado em outra passagem do Antigo Testamento. É possível que diversos passos intermediários não estejam descritos, ou talvez devêssemos ler conforme a Septuaginta: “Finalmente, ele trouxe a família dos matritas, homem por homem”.

Quando Saul foi chamado, mas não encontrado, perguntou-se ao Senhor **se aquele homem ainda viria ali** (22) - ou, como se lê na Septuaginta: “O homem veio aqui?”. Não se conhece a razão pela qual Saul se escondeu **entre a bagagem**, mas, provavelmente, foi por causa da sua modéstia e timidez - características lamentavelmente perdidas posteriormente em sua vida. Como em 9.2, há um comentário sobre a sua elevada estatura. Quando Samuel então apresentou-o, **jubilou todo o povo, e disseram: Viva o rei** (24) - ou “Longa vida ao rei!” - uma expressão de respeito e lealdade.

Novamente Samuel **declarou ao povo o direito do reino** (25), para que, avisados previamente, estivessem prevenidos - embora haja conjecturas sobre uma eventual distinção entre **o direito** (ou lei) **do reino** e a “maneira (ou costume) do rei” (8.11ss.). Alei do reino (“os direitos e deveres da monarquia” ou “os direitos e deveres de um rei”) representaria os limites constitucionais colocados, por sanção divina, nos poderes da monarquia; ao passo que “o costume do rei” representaria os abusos desses poderes que pudessem ocorrer. Samuel **escreveu-o num livro** - a primeira menção à escrita desde o tempo de Moisés, e a primeira referência à escrita entre os profetas. **Pô-lo perante o Senhor** - talvez em um Tabernáculo agora reconstruído em Siló, ou talvez em Mispa, de alguma maneira que desconhecemos. Embora o reinado estivesse aprovado e o rei fosse apresentado, ainda foi Samuel quem dispersou o povo⁶.

Saul, por sua vez, voltou à sua casa em Gibeá, acompanhado por um **exército, aqueles cujo coração Deus tocara** (26). A Septuaginta diz: “homens de valor”. Em contraste com estes estavam **os filhos de Belial** (27 - literalmente, “filhos dos sem-valor”, que o desprezaram. Diante de tal desprezo, ele somente **se fez como surdo** - em hebraico, literalmente, “ele ficou como surdo”, e agiu como se não

tivesse ouvido nada).

A fortaleza de Saul em Gibeá foi escavada por W. F. Albright⁷. Anteriormente, houve uma cidade neste lugar, destruída pelo fogo nos tempos dos juizes (Jz 19-20). Embora essa fortificação que data da época de Saul não seja ampla nem luxuosa, é descrita como possuidora de “uma certa quantidade de luxo rústico”⁸. Era uma estrutura retangular com paredes duplas e possuía uma torre em cada canto. O interior do edifício tinha dois andares. Nas ruínas foram encontrados inúmeros recipientes de cerâmica, alguns grandes caldeirões e um arado de ferro. A partir das referências a “Gibeá de Saul”, parece que este foi o quartel general deste rei durante as guerras contra os filisteus, e a capital do seu reino.

4. As *Primeiras Proezas de Saul* (11.1-15)

Não foi muito tempo depois da convocação em Mispa, da escolha pública de Saul, e de sua posterior ida a Gibeá, que alguns acontecimentos confiaram ao novo rei uma liderança ativa. A Septuaginta acrescenta as palavras: “Aconteceu, depois de um mês” (cf. 12.12). O **amonita** (1), do Leste - não tão poderoso como os filisteus do Oeste, mas ainda assim fornece a ocasião para a primeira vitória de Saul. **Jabes-Gileade**, a leste do Jordão, foi o primeiro ponto de ataque. De acordo com Juizes 11.13, parece que os amonitas reivindicavam o território a leste do Jordão. Foi talvez a renovação dessa reivindicação que causou o ataque sem outra justificativa. O fato de que havia fortes laços entre Jabes e Benjamim é visto em Juizes 21.8-14, onde se lê que quatrocentas jovens de Jabes foram dadas como esposas aos sobreviventes de Benjamim.

Os indefesos habitantes de Jabes queriam se render sob quaisquer termos razoáveis, uma oferta que Naás, rei dos amonitas, recusou com desdém. Ele iria arrancar o **olho direito** (2) dos seus cativos como uma afronta e uma desgraça que cairia sobre toda a nação de Israel, e que não teria como ser evitada. No entanto, ele permitiu uma prorrogação de **sete dias** (3), período em que os homens de Jabes poderiam procurar ajuda junto às tribos que estavam a oeste do Jordão.

Embora os mensageiros tivessem sido enviados **por todos os termos de Israel** (3), eles foram em primeiro lugar **a Gibeá de Saul [e], falaram estas palavras** (4) aos ouvidos do povo. Somente com o choro do povo o futuro rei de Israel soube do perigo, quando retornava de seu trabalho nos campos (5). Com essas notícias, **o Espírito de Deus se apoderou de Saul,, e acendeu-se em grande maneira a sua ira (6)**. É assim que é descrita a ação do Senhor sobre os homens do Antigo Testamento, dotados de poder sobrenatural e de sabedoria. A expressão é usual no livro dos juizes (3.10; 6.34; 11.29; 14.6; etc.) e posteriormente. Existe uma ira santa diante da injustiça e do mal que é uma parte essencial da vida cheia do Espírito em qualquer época. No Novo Testamento, demonstra-se claramente que a ira é compatível com o amor perfeito. Não é a ira o oposto do amor, mas sim o ódio.

A reação de Saul foi fazer uma convocação para a guerra em todas as tribos, e tomou partes de seu próprio par de bois, que ele sacrificou e cortou (7). Sob o **temor do Senhor**, 300 mil homens de Israel e 30 mil de Judá reuniram-se em Bezeque, do outro lado do rio Jordão nas proximidades da sitiada Jabes (8, veja mapa). A enumeração em separado de Israel e Judá reconhece a linha de divisão que já existia há muito tempo, e que finalmente resultou na divisão do reino depois da morte de Salomão.

Saul dividiu os seus homens em três grupos e atacou na **vigília da manhã (11)**, em hebraico, *boqer*, “amanhecer, nascer do dia”. Este período de tempo era entre as três e as seis horas da manhã. Os desprotegidos amonitas, desarmados pela promessa dos homens de Jabes de que naquele mesmo dia se renderiam, foram tomados de surpresa e completamente expulsos.

A esmagadora vitória de Saul cimentou a lealdade do povo, que queria executar aqueles que tinham objetado quando ele foi declarado rei. No entanto, generosa e sabiamente proclamou uma anistia, a fim de mostrar a sua gratidão, pois **hoje tem feito o Senhor um livramento em Israel** (13). **Livramento** é uma palavra-chave, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Aqui ela é usada com referência

a uma notável vitória militar (cf. 2.1, comentário).

Samuel novamente reuniu o povo, desta vez em Gilgal, no vale do Jordão, outro ponto que tem associações sagradas (cf. Js 4.19; 5.9; etc.), para **renovar ali o reino** (14)⁹. Saul havia sido previamente ungido; daí a expressão **levantaram ali rei a Saul perante o Senhor** (15), uma solene proclamação e a inauguração formal de seu reinado. A menção aos sacrifícios indica a natureza essencialmente religiosa deste encontro. Compreensivelmente, foi uma época de grande alegria.

5. *O Adeus de Samuel* (12.1-25)

Samuel aproveitou a ocasião para fazer a sua despedida formal, ao dirigir-se às tribos reunidas, como tinham feito Moisés (Dt 31.1ss.) e Josué (Js 24) antes dele. Ao relatar a sua aceitação da demanda popular por um rei, Samuel desafiou o povo a indicar qualquer impropriedade em sua conduta. **O Senhor seja testemunha... e o seu ungido seja hoje testemunha** (5) - o povo concordou que tanto Deus como Saul eram testemunhas da integridade do velho profeta.

O apelo de Saul baseia-se na bondade de Deus para com Moisés e Arão, ao tirar o povo **da terra do Egito** (6), e também no que Ele tinha feito pelo povo ali reunido e pelos seus pais. **Todas as justiças do Senhor** (7), isto é, “atos de poder e graça realizados para o seu povo com base em sua relação do concerto instituído por Abraão e por meio de Moisés”¹⁰. **Contenderei convosco** (7) - em hebraico, *shaphat*, é um termo judicial que implica em litígio ou julgamento perante um juiz, neste caso o Senhor. Samuel revê os fatos da história de Israel, a partir do êxodo. **Esqueceram-se do Senhor, seu Deus** (9), em contraste com a inesgotável lealdade de seus atos justos. **Baalins e astarotes** (10), cf. comentário sobre 7.3-4. **Jerubaal**, ou seja, Gideão (Jz 6.28-32) e **Bedã** (11); o último, um nome que não aparece no livro dos juizes, embora seja encontrado em 1 Crônicas 7.17 como um descendente de Manassés, desconhecido se não fosse por isso. A Septuaginta apresenta “Baraque”, mas o nome pode ser outra forma de Abdom (Jz 12.13) ou de outro juiz menor não mencionado em outros trechos. Em Hebreus 11.32 lê-se “de Gideão, e

de Baraque, e de Sansão, e de Jefté”, uma ordem que parece concordar com a Septuaginta. **E a Samuel** - ele apresentou a si mesmo sem ostentação, não apenas como alguém enviado pelo Senhor, mas como o último dos juizes em cujo mandato não fora necessário um rei para a segurança do povo. O perigo da invasão amonita é visto no versículo 12 como a causa imediata do pedido de um rei, e mostra o curto período de tempo decorrido entre a escolha de Saul e os eventos narrados no capítulo 11.

Samuel relembrou os israelitas que, embora eles agora tivessem um rei, o reinado ainda estava sob a lei de Deus e a sua perpetuação dependia da lealdade a Ele (14-15). Até o final, ele considerava o desejo de um rei como uma evidência de deslealdade por parte do povo (cf. 12, **sendo, porém, o Senhor, vosso Deus, o vosso Rei**) - **é grande a vossa maldade** (17). Samuel orou ao Senhor e Ele enviou **trovões e chuva naquele**

dia (18) como um sinal de seu descontentamento. Como era a época da colheita do trigo, entre meados de maio e de junho, e normalmente não chovia entre abril e outubro, o sobrenatural foi claramente visto pelo povo. Reconheceram o pecado deles e pediram a Samuel que orasse por eles (19).

Uma vez mais Samuel recomendou aos homens de Israel que fossem fiéis a Deus e que o servissem com **todo o... coração** (20). **Não vos desvieis... às vaidades** (21) -**vaidades**, “futilidades”, é um termo usado em referência a ídolos e à adoração a eles. A mesma palavra é usada em Isaías 44.9: “Todos os artífices de imagens de escultura são vaidade, e as suas coisas mais desejáveis são de nenhum préstimo; e suas mesmas testemunhas nada vêem, nem entendem, para que eles sejam confundidos”. **Pois o Senhor não desampará o seu povo** (22) - a fidelidade de Deus está assegurada. O único elemento de incerteza é a obediência do homem e a sua lealdade.

Samuel prometeu orar pelo povo e também ensiná-lo. Ele identificava a falta de oração como um pecado - **longe de mim que eu peque contra o Senhor, deixando de orar por vós** (23). Mas, se apesar

de todas as orações e da instrução, **perseverardes em fazer o mal, perecereis** (25) - a palavra em hebraico traduzida como **perecer** significa literalmente “ser lançado fora” ou “ser varrido em ruínas”.

Os versículos 20-25 falam do “pecado da falta de oração”, a qual é uma obrigação (1) apesar da rebeldia do povo, 20; (2) em vista das possibilidades da devoção de todo o coração, 20-21; (3) à luz da fidelidade de Deus, 22-24; (4) na esperança de trazer a vida ao invés da morte, 25.

B. A Guerra contra os Filisteus, 13.1—14.52

1. O Início do Conflito (13.1-23)

O texto hebraico do versículo 1 literalmente é: “Um ano tinha estado Saul em seu reinado e o segundo ano reinou sobre Israel”. Várias conjecturas foram feitas quanto aos números adequados que deveriam ser inseridos nesse texto. Uma vez que Jônatas nessa época já era um guerreiro de valor (3), provavelmente o número 40, como a idade de Saul, não estaria muito errado, a menos que suponhamos um lapso de tempo de alguns anos entre os capítulos 11-12 e 13, o que parece pouco provável. Talvez “trinta” pudesse ser a segunda opção. Esse número, somado aos sete anos e meio do reinado de Isbosete, resultaria em cerca de quarenta anos como a duração da dinastia de Saul (At 13.21). **Micmás e na montanha de Betei** (2), uma cidade e uma elevação ao norte de Gibeá. **Gibeá de Benjamim** pode indicar Geba (cf. 3), uma cidade não distante de Micmás.

O ataque de Jônatas aos exércitos dos filisteus deu início às hostilidades. Ao saber que, como resultado desta ação, **Israel se fez abominável** (4) - em hebraico, “foi ofensiva, odiosa ou detestável” - **aos filisteus**, Saul reuniu o seu povo em Gilgal, onde ele fora proclamado rei (11.15). Os filisteus reuniram um exército impressionante, e **se acamparam em Micmás, ao oriente de Bete-Aven** (5) - a última, uma versão alternativa para Betei. Amoral israelita estava em um nível muito baixo - **Vendo, pois, os homens de Israel que estavam em angústia (porque o povo estava**

apertado) (6), talvez como na versão *Berkeley*, “viram que eram cercados (pois os exércitos estavam ameaçados)”. **Pelos penhascos, e pelas fortificações, e pelas covas** - ou “pelas cavernas, e pelos buracos, e pelos penhascos, e pelos túmulos, e pelas cisternas”. Alguns inclusive **passaram o Jordão para a terra de Gade e Gileade** (7, veja mapa).

Em meio a esta situação difícil, Saul decidiu tomar as rédeas em suas próprias mãos. Por alguma razão não clara para nós, o rei tinha recebido ordens expressas de esperar até que Samuel viesse e oferecesse o habitual sacrifício antes da batalha, e lhe desse instruções (8,13; 10.8). Com a demora do profeta, o próprio Saul ofereceu o holocausto. Ele procurou justificar este erro perante Samuel com base no fato de que **o povo se espalhava** (11), como também na demora de Samuel e na ameaça dos filisteus. Este foi o primeiro dos vários passos que o rei deu, ao afastar-se de Deus, cada um deles explicado da mesma maneira: “o povo!” **Forçado pelas circunstâncias** (12) - isto é, fiz isso com relutância; mas apesar disso, o fiz¹¹.

Samuel então teve que declarar a Saul as trágicas conseqüências de sua desobediência. Em seu primeiro teste, e diante de uma ordem direta - e não importava a urgência das circunstâncias extenuantes - Saul havia fracassado. Uma desobediência direta nunca pode ser justificada com base na “necessidade”. **Agiste nesciamente** (13) - de acordo com Moffatt: “Você fez uma coisa tola”. **Já lhe tem ordenado o Senhor** - que não conhecemos, mas do qual Saul havia sido definitivamente informado. **Já tem buscado o Senhor** (14), um exemplo do “presente profético”, quando os eventos futuros são mencionados como já em pleno acontecimento, por causa da sua certeza. Ao despedir-se de Saul, Samuel foi para **Gibeá de Benjamim** (15).

“Fracassando no teste da fé” é o tema dos versículos 5-14. (1) O teste da fé chega: (a) quando o perigo aumenta, 5,6; (6) quando o medo se instala, 7; (c) quando o apoio humano falha, 8; (2) Fracassar no teste da fé resulta em: (a) desobediência, 9-10; (6) desculpas, 11,12; (c) a

perda das bênçãos de Deus, 13,14.

O exército, agora reduzido a **seiscentos varões** (15), liderados por Saul e Jônatas, acampou em **Gibeá**, (16) - onde provavelmente deveríamos ler: Geba, o lugar de onde Jônatas havia anteriormente expulsado os filisteus, que, agora, das suas trincheiras em **Micmás**, que estava localizada nas proximidades, realizavam sistemáticos ataques contra Israel. **Os destruidores** (17) - eram literalmente “invasores” que promoviam ataques repentinos. Os lugares citados ficam ao norte, a oeste e ao sul de Micmás.

Um parêntesis aparece em 19-23, com a intenção de explicar o estado em que se encontravam os israelitas sob a opressão dos filisteus, que, aliada à presença dos exércitos em Geba (13.3), indicava uma situação que já existia há algum tempo. **A sua relha, e a sua enxada, e o seu machado, e o seu sacho** (20) - típicas ferramentas de fazendas que incluíam o que chamaríamos de foice (segundo a Septuaginta). O versículo 21 é muito difícil no hebraico. Moffatt não tenta traduzi-lo, mas indica a sua omissão por marcas de elipse. A idéia a traduzir é provavelmente a de que a necessidade de ter as ferramentas afiadas por ferreiros filisteus resultou em uma situação de tamanha falta de equipamentos preparados que, quando a guerra começou, até mesmo as ferramentas rudes de trabalho eram de pouca serventia. **E saiu... ao caminho de Micmás** (23), ou de acordo com Berkeley, “ocuparam o desfiladeiro de Micmás”.

2. A Grande Vitória de Jônatas (14.1-15)

Como as coisas já estavam assim há algum tempo, Jônatas tomou o seu pajem de armas e cruzou o vale para o lado dos filisteus, a cerca de cinco quilômetros do acampamento de Saul em **Migrom**, no distrito de Geba (2), sem deixar que alguém soubesse de seus planos. Uma vez mais nos é dito que o exército de Saul contava apenas com **seiscentos homens**, e também está dito que com eles estava **Aías** (3), bisneto de Eli, que usava o **éfode** sacerdotal (cf. 2.18, comentário). Aías é provavelmente o próprio Aimeleque, mais tarde assassinado por Saul (22.9).

A passagem onde Jônatas abordou a guarnição dos filisteus está bem marcada com um rochedo agudo de cada lado; aquele que está mais ao norte é conhecido como **Bozez** (provavelmente o nome deriva de uma raiz que quer dizer “brilhante”), e o que está mais ao sul é conhecido como **Sené** (“espinheiro, ou arbusto espinhoso”). Diz-se que o General Allenby, durante a Primeira Guerra Mundial, enviou um esquadrão entre esses mesmos penhascos para surpreender e capturar um exército turco. **Estes incircuncisos** (6), um epíteto usado em particular com referência aos filisteus, que, após virem do oeste, não praticavam a circuncisão como o faziam os povos semitas. **Nenhum impedimento** - isto é, “nenhuma limitação, nenhum obstáculo”. Deus pode agir para e com o seu povo sem levar em conta o seu número, quer sejam muitas pessoas, quer poucas. A fé atreve-se a coisas impossíveis quando tem em vista “o invisível” (Hb 11.27). Tais palavras bem poderiam ser o lema da igreja em tempos como estes.

A natureza da condição de ação de Jônatas era algo como “um velo de lã” (cf. Jz 6.3640). Sob circunstâncias normais, seria altamente improvável que uma guarnição militar, quando desafiada, convidasse os desafiadores: **Subi a nós** (10). **Nos descobriremos** (8), isto é, “nos mostraremos”. Os filisteus supuseram que eles lidavam com dois desertores que tinham saído **das cavernas em que se tinham escondido** (11). Com a confiança de que Deus havia verificado a sua liderança pelas palavras que lhes foram ditas pelos inimigos, Jônatas e o seu pajem rapidamente subiram até onde os desavisados soldados filisteus esperavam para ensinar-lhes (12) uma lição. Com a vantagem da surpresa, Jônatas e o seu companheiro rapidamente dominaram a guarnição e mataram **uns vinte homens** (14). **Quase no meio de uma jeira de terra que uma junta de bois podia lavrar** - o texto em hebraico aqui é muito difícil, mas a versão em português provavelmente traduz o significado, ou seja, que a ação teve lugar em uma área tão grande quanto uma junta de bois poderia arar em um dia.

Na ocasião deste ousado ataque, aconteceu um terremoto tão severo que **houve tremor no arraial, no campo e em todo o povo** (15).

Era tremor de Deus. O texto hebraico deixa claro que o Senhor, e não apenas um terremoto comum, era a causa do terror do inimigo, embora a versão em português não traduza claramente este fato. O pânico não se limitou ao povo, mas afetou também **a guarnição e os destruidores**, supostamente soldados cuidadosamente escolhidos e amadurecidos.

“Deus é sempre maior do que as circunstâncias”; este é o ensinamento nas palavras de fé de Jônatas: **Pois com o Senhor não existe impedimento para salvar com muitos ou com poucos** (6). Nos versículos 4-14 vemos: (1) circunstâncias desencorajadoras, 4,5; (2) uma fé crescente, 6; (3) um companheiro corajoso, 7; (4) um claro sinal, 8-12; (5) uma vitória poderosa, 13,14.

3. O Voto Precipitado de Saul e os seus Resultados (14.16-46)

As sentinelas de Saul relataram a fuga dos filisteus e o fato de que na sua confusão eles atacavam os seus próprios companheiros. **Se derramava** (16), literalmente significa “moviam-se de um lado para o outro”. Saul ordenou a vinda da **arca de Deus** (18) - a Septuaginta diz “o éfode”, o que estaria de acordo com o comentário de Saul: **Retira a tua mão** (19). Aparentemente o éfode sacerdotal continha um bolso no qual eram guardados o Urim e o Tumim, os pequenos objetos religiosos usados para determinar, ao lançar a sorte, a vontade de Deus. Não existia menção do uso deste meio de determinação da liderança de Deus depois do reinado de Davi. A maneira exata como se usavam esses objetos não é conhecida (cf. também 23.6, comentário). Neste caso, a típica impaciência de Saul fez com que ele não estivesse disposto a esperar pela consulta de Aías. **Naquele dia, estava a arca de Deus com os filhos de Israel** (18) é uma afirmação que explica uma condição que já não existia na época em que o registro foi escrito. Portanto, indica uma data muito posterior para a escrita do relato, provavelmente após a arca ter sido guardada no Templo em Jerusalém.

Saul rapidamente aproveitou-se da confusão nos exércitos inimigos e uniu-se à batalha. O seu pequeno contingente teve os reforços dos grupos daqueles **hebreus que estavam com os filisteus** (21) e de

todos os homens de Israel que se esconderam (22). A natureza humana parece ser assim. Se alguém assume a liderança e conduz um grupo à vitória, há muitos que se juntarão às linhas e se unirão ao lado vencedor. É possível que o autor quisesse usar os termos “hebreus” e “israelitas” no versículo 21 com diferentes sentidos. “Hebreu” era o termo mais amplo, e, embora todos os israelitas fossem hebreus, nem todos os hebreus eram israelitas. Com o uso posterior, as duas palavras se tornaram sinônimas. **Livrou o Senhor a Israel** (23) - o escritor enxerga claramente a vitória completa como um dos atos salvadores de Deus. **ABete-Aven** - literalmente, “além de Bete-Aven” (cf. 31). Bete-Aven estava a oeste de Micmás, em direção à região dos filisteus.

No entanto, a vitória foi limitada pela proibição precipitada de Saul de que o povo se alimentasse até o entardecer depois que a batalha tivesse terminado em completo triunfo. O rei pode ter estado interessado em evitar atrasos ou, mais provavelmente, devido à linguagem utilizada, teria imposto a restrição como um jejum religioso. De qualquer forma, os resultados foram prejudiciais (24-26)¹². **Tbdo o povo** (25) - leia-se “o povo”. Jônatas não fora informado e, sem sabê-lo, transgrediu o juramento ou a proibição (27-31). Também com fome, o povo começou a comer os despojos da sua batalha, sem retirar o sangue e oferecê-lo em sacrifício, como a lei ordenava (32; Lv 17.10-14,28; 19.26; Dt 12.16).

Ao tomar conhecimento do pecado ritual do povo, Saul edificou um altar onde os requisitos da lei pudessem ser cumpridos (33-35) - **Este foi o primeiro altar que edificou ao Senhor** (35), e que também serviu para comemorar a sua vitória. O objetivo de Saul era o de prosseguir com a sua vitória depois que o povo tivesse comido. O povo estava disposto a acompanhá-lo, mas o sacerdote Aías, talvez ao pressentir a insatisfação divina, sugeriu: **Cheguemo-nos aqui a Deus** (36). Porque o Senhor não respondeu à sua consulta, Saul concluiu que alguém teria pecado e jurou a morte ao culpado, **ainda que seja em meu filho Jônatas** (39). Como ninguém do exército delatou Jônatas, o processo de eliminação, com o uso dos dois objetos sagrados, foi usado, e Jônatas foi exposto como o culpado (39-43).

Quando Saul estava prestes a cumprir o seu juramento, o povo interveio, baseado em que o seu filho **com Deus fez isso, hoje** (45). **Assim, o povo livrou a Jônatas** - a palavra em hebraico é *padah*, “resgatar ou redimir”, provavelmente através de sua substituição pelo sacrifício de algum animal (Gn 22.13; Êx 13.13; 34.20). O final desta fase da guerra (que foi concluída posteriormente) está marcado pelo versículo 46.

4. *Resumo do Reinado de Saul* (14.47-52)

Estes versículos resumem os feitos militares de Saul e descrevem os seus relacionamentos familiares. As suas campanhas o levaram **contra Moabe** na direção sudeste (veja mapa), contra os amonitas para o leste, contra os edomitas além de Moabe para o sul e para o leste, contra os reis de Zobá para o norte além de Damasco e **contra os filisteus** para o oeste (47). A campanha contra os amalequitas (48) está descrita com detalhes no próximo capítulo.

Afamília imediata de Saul consistia de sua esposa Ainoã; dos seus filhos Jônatas, Isvi, e Malquisua; e das suas filhas Merabe e Mical. O seu tio Abner era **o general do exército** (50), o comandante. Os inimigos persistentes de Saul eram os filisteus, contra quem ele permaneceu em conflito durante toda a sua vida. Para manter fortalecidos os seus exércitos, ele seguiu a política do alistamento militar conforme Samuel havia previsto em 8.11.

C. A Missão contra Amaleque, 15.1-35

1. *O Compromisso de Saul com a sua Incumbência* (15.1-9)

Samuel foi levar uma mensagem do Senhor a Saul. O povo de Amaleque já tinha chegado aos limites da iniquidade. Em Levítico 18 encontra-se uma lista dos pecados dos moradores da região, que incluía os amalequitas. Esse povo pecador e guerreiro tinha atacado os israelitas pela primeira vez em Refidim (Êx 17.8-13; Dt 25.17,18), onde foram derrotados. Mais tarde, eles entraram em Horma (Nm 14.43,45), onde tiveram êxito. Eles uniram forças com Eglom, rei de Moabe, em um ataque contra Israel (Jz 3.13) e com os midianitas nas

suas incursões às colheitas e aos rebanhos de Israel (Jz 6.3-5,33; 7.12; 10.12).

A ordem era **destruir totalmente** (3), uma frase que literalmente significa “banir”. A palavra (*charam, cherem*) em geral é usada com respeito a objetos ou pessoas que estão sob o julgamento de Deus, e que devem ser destruídos ou tornar-se uma propriedade especial do Senhor. A palavra corresponde à extração radical de um câncer, realizada por um cirurgião, para evitar que o mal se espalhe pelo corpo. Para deixar claro o fato de que esta não era uma guerra que tinha simplesmente o objetivo de saquear e roubar, Israel recebeu a ordem de não levar os despojos./Todas as criaturas vivas deveriam ser levadas à morte, e, no caso de Jerico (Js 6.17-21 - “anátoma” significa *cherem*, “colocado sob anátoma”), tudo o que pudesse ser queimado deveria ser destruído pelo fogo, e a prata, o ouro, o metal e o ferro deveriam ser consagrados a Deus.

Saul reuniu o seu exército **em Telaim** (4), cuja localização é desconhecida. Havia 200 mil homens de onze tribos e 10 mil de Judá, outra evidência da separação entre elas, que no final resultaria em dois reinos. Antes de iniciar o grande ataque, Saul avisou aos **queneus** (6) que se separassem dos amalequitas, entre os quais habitavam. Os primeiros eram um povo relacionado com os midianitas e os amalequitas. Eram ferreiros por profissão, e tinham favorecido os israelitas durante os anos que passaram no deserto. Saul realizou um ataque esmagador sobre os acampamentos dos amalequitas desde **Havilá**, no deserto árabe perto do Sinai, até **Sur**, a leste do Egito e ligada com as suas fortificações de fronteira (7). Mas o rei e os israelitas permitiram que vivesse o rei Agague e trouxeram **o melhor** do rebanho (9). **Vil e desprezível** - de acordo com Moffatt, “comum e sem valor”.

2. A Rejeição do Rei (15.10-35)

Saul agora enfrentava a sua prova final. Ele fora avisado em muitas ocasiões, mas tinha fracassado repetidas vezes. O Senhor disse a Samuel: **Arrependo-me de haver posto a Saul como rei** (11) - a palavra hebraica, *nacham*, “arrepender”, significa “suspirar, sentir

muito, lamentar”, e, quando usada a respeito de Deus, indica uma mudança de planos com relação aos instrumentos ou agentes humanos. O termo mais caracteristicamente utilizado para o arrependimento humano no sentido evangélico ou do Novo Testamento é *shuwb*, “virar ou retornar”. Embora Samuel, sem dúvida, tivesse visto a chegada da crise, entristeceu-se muito e **toda a noite clamou ao Senhor**.

Quando Samuel veio a Saul, este atrevidamente disse: **Executei a palavra do Senhor** (13). A resposta clássica de Samuel foi: “Que balido, pois, de ovelhas é este nos meus ouvidos, e o mugido de vacas que ouço?” (14). Uma vez mais Saul culpou o povo que, disse ele, **perdoou ao melhor das ovelhas e das vacas, para as oferecer ao Senhor, teu Deus** (15). O significado da palavra **teu** é clara. O Senhor já não era mais o Deus de Saul.

Com pesar, Samuel revelou a Saul o que Deus lhe dissera. Face às repetidas alegações de obediência do rei, Samuel fez uma das maiores afirmações com a natureza da verdadeira devoção que se encontra na literatura profética: “Tem, porventura, o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios como em que se obedeça à palavra do Senhor? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar; e o atender melhor é do que a gordura de carneiros. Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniquidade e idolatria” (22,23). Após desprezar a Palavra do Senhor, Saul foi rejeitado como o rei do povo de Deus.

Saul imediatamente confessou: **Pequei** (24); uma confissão que não parece sincera, uma vez que ele ainda culpava o povo e estava mais preocupado com a sua reputação do que com o seu caráter (25; cf. também 30). O rasgar accidental da capa de Samuel ilustra dramaticamente a perda do reino. O julgamento contra Saul era agora definitivo, pois **a Força de Israel** (29) não mudaria, novamente, os seus propósitos em relação a Saul. A palavra hebraica para **Força** é *netsach*, literalmente “o objetivo”, como um objeto brilhante em cuja direção alguém daria “a glória, o esplendor”. Ela só é usada aqui como um título de Deus.

Samuel rendeu-se à insistência de Saul para que oferecessem sacrifícios juntos. Mas a “adoração” do rei parecia ser somente aparente, e formada por palavras vazias (30,31). O velho profeta executou pessoalmente Agague (32,33). Saul havia demonstrado a sua falta de dignidade para governar. O seu sucessor seria agora escolhido - apesar disso **Samuel teve dó de Saul (35). O Senhor se arrependeu** - cf. comentário sobre 15.11.

Sobre o significado de **animosamente** (32), leia-se: “**E**, animadamente, Agague aproximou-se dele, cujo significado é: “Certamente a amargura da morte já passou” (Berk.).

O obedecer é melhor do que o sacrificar, 22, isto é visto no decorrer de toda esta narrativa. Aqui temos (1) uma obediência parcial, 10,11, cf. 3,9; (2) uma fidelidade declarada, 12,13; (3) um fracasso público, 14-19; (4) uma desculpa insatisfatória, 20,21; (5) uma repreensão profética, 22,23; (6) um arrependimento fingido, 24-27; (7) a destruição predita, 28-31.

1

A Unção em Particular (10.1-16)

2

O processo de tornar Saul rei envolveu dois estágios. O primeiro foi a cerimônia privada relatada aqui. O segundo foi a escolha pública, seguida por uma coroação oficial

SAUL E DAVI

1 Samuel 16.1—31.13

A última metade de 1 Samuel prossegue com a história de Saul, mas apresenta Davi como o seu sucessor divinamente escolhido, e preocupa-se principalmente com as relações entre os dois.

A. A Unção e a Graça na Infância de Davi, 16.1—17.58

A tristeza de Samuel devido à rejeição de Saul foi interrompida por uma nova missão. A dinastia de Saul não podia continuar. O profeta precisava afastar-se do passado e de suas situações, e olhar para o futuro, quando se cumpririam os próximos objetivos de Deus. ¹

Quando Jessé chamou o seu filho mais velho, **Eliabe**, Samuel pensou que certamente o jovem alto de postura nobre fosse **o ungido** do Senhor (6; cf. 10.1, comentário). Mas a ele foi recordado que **o Senhor não vê como vê o homem. Pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração** (7). Esta é uma observação importante que devemos recordar, porque somos rápidos para julgar pelas aparências, quando elas podem ser muito enganadoras. Depois que a mesma coisa já havia acontecido com sete dos filhos de Jessé, Samuel perguntou: **Acabaram-se os jovens?** (11). Ainda havia **o menor, e eis que apascenta as ovelhas** - uma tarefa servil designada ao filho menos importante ou aos empregados do dono da casa. Davi foi chamado, e quando chegou, viu-se que era **ruivo, e formoso de semblante** (em hebraico “bonito aos olhos”) **e de boa presença** (12) - “uma complexão ruiva, os olhos brilhantes e uma aparência atraente” (Berk.)¹.

Conforme fora instruído, **Samuel tomou o vaso do azeite e ungiu-o no meio dos seus irmãos** (13). Ao considerarmos a atitude dos irmãos, refletida em 17.28, não é certo que eles soubessem o significado da unção, uma cerimônia usada na designação de sacerdotes e profetas, e também de reis. **Desde aquele dia em diante, o Espírito do Senhor se apoderou de Davi** - para dotá-lo

com sabedoria e poder, e deu-lhe orientação para o cumprimento dos propósitos de Deus para a sua vida. **Samuel se levantou e tornou a Ramá**, o seu lar. Aproxima menção a ele é encontrada em 19.18, quando Davi fugia de Saul.

“O que Deus observa” é visto tanto negativa como positivamente em 6-13. **O Senhor não vê como vê o homem. Pois o homem vê o que está diante dos olhos**, 7.

O Senhor não procura (1) semblantes formosos, 7; (2) estatura física, 7; (3) idade ou maturidade, 11; (4) condição ou posição, 11. **O Senhor olha para o coração**, 7; e derrama o seu Espírito sobre aqueles que Ele aceita (13).

é o instrumento musical mais antigo mencionado na Bíblia Sagrada. Era um instrumento portátil (cf. 10.5), com oito ou dez cordas que eram tocadas com uma palheta ou com os dedos. Em termos dos nomes dos instrumentos musicais de hoje, seria provavelmente chamada de lira.

3. *Davi e Golias* (17.1-58)

É evidente que alguns anos se passaram entre o primeiro encontro entre Saul e Davi e os eventos descritos no capítulo 17. Pelo menos houve um intervalo suficientemente longo para que o rei não reconhecesse o jovem que derrotou Golias (17.55-58). Outro ataque trouxe os filisteus ao vale de Elá (ou vale do Carvalho), acerca de 26 quilômetros a sudeste de Jerusalém, e talvez a 16 quilômetros de Belém, nas fronteiras ao sul de Judá. **Socó** (Js 15.35) e **Azeca** (1; cf. Js 10.11; 15.35) eram cidades vizinhas na Sefelá, ou a planície sul de Judá, e entre essas cidades os filisteus acamparam-se em **Efes-Damim (termo de Damim)** (1). Os israelitas, liderados por Saul, estavam em uma colina do outro lado de um **vale** (3), em hebraico *gay*, um desfiladeiro ou vale estreito com laterais íngremes; em comparação com **o vale de Elá** (2; em hebraico, *‘emeq*, “um vale ou depressão larga”, “um vale largo”).

Um homem de estatura gigantesca, **Golias, de Gate** (4), apresentou-

se como o campeão dos filisteus, e desafiou um oponente do exército de Israel - uma prática comum nas antigas táticas de guerra. Ele tinha mais de dois metros e oitenta centímetros de altura, usava uma armadura que pesava cerca de sessenta e oito quilos, e a haste de sua lança era como um eixo de tecelão, cuja ponta pesava cerca de nove quilos. O côvado era a distância desde a ponta do cotovelo até a extremidade do dedo médio, cerca de quarenta e cinco centímetros. O palmo era a distância entre a ponta do mindinho até a ponta do polegar, quando os dedos estão esticados, e mede em torno de quinze a vinte centímetros. **Grevas (6)**, perneiras. **Escudo**, ou seja, dardo. **Ouvindo, então, Saul e todo o Israel... espantaram-se e temeram muito (11)**. Os israelitas sabiam que Saul, o homem mais alto e mais forte do exército, deveria ser o campeão de Israel³.

E Davi era filho de um homem, efrateu, de Belém de Judá (12) - como os livros históricos do Antigo Testamento registram, em alguns casos, compilados a partir de documentos mais antigos (por exemplo, 10.25; 1 Rs 11.41; 14.19; 15.7; etc.), existe a ocasional repetição de informações dadas anteriormente. Jessé era um homem idoso nessa época. Os seus três filhos mais velhos estavam no exército com Saul. **Davi, porém, ia e voltava de Saul, para apascentar as ovelhas de seu pai (15)** - uma referência à aparição anterior de Davi na corte de Saul em Gibeá (cf. 16.19-23).

Davi foi enviado por seu pai ao acampamento de Israel com provisões para os seus irmãos mais velhos. **Um efa (17)**, aproximadamente um alqueire (cerca de 35 litros). **Tomarás o seu penhor (18)**, isto é, alguma lembrança ou recordação deles - Moffatt: “traga-me notícias deles”. **Ao lugar dos carros (20)**, ao acampamento. **Em ordem de batalha**, à linha de batalha ou à formação militar. Aparentemente, durante **quarenta dias (16)** os israelitas procuraram um campeão sem sucesso. **A gritos, chamavam à peleja (20)**, “**soltando o seu grito de guerra**”. **Se puseram em ordem (21)** “posicionaram suas linhas de batalha” (Berk.). **Deixou a carga que trouxera (22)**, pacote ou pacotes. **Guarda da bagagem** - ou do armazém de suprimentos. **Fará isenta de impostos a casa de seu pai em Israel (25)**, ou seja, livre do trabalho forçado e dos impostos (8.11-18).

Quando Golias lançou o seu desafio costumeiro, Davi perguntou aos homens que estavam ao seu redor o que seria feito ao que matasse o filisteu e, portanto, tirasse **a afronta de sobre Israel** (26) - em hebraico, *cherpah*, “desgraça, vergonha”, por causa do seu fracasso em enfrentar aquele que desafiava os **exércitos do Deus vivo**. O **Deus vivo** está em contraste com as futilidades sem vida adoradas pelos pagãos. A maneira de falar de Davi ofendeu o seu irmão mais velho, Eliabe, que o repreendeu. **Não há razão para isso?** (29), ou “Não é um problema?”

As palavras corajosas de Davi chamaram a atenção de Saul, que o convocou à sua presença. Quando ele se ofereceu para lutar contra o gigante filisteu, o rei objetou, com base na pouca idade de Davi. Como resposta, o jovem relatou a sua experiência com o leão e o urso que atacavam os rebanhos que estavam sob os seus cuidados. Os leões da Ásia são muito semelhantes aos da África, e com base na frequência com que são mencionados no Antigo Testamento (130 vezes), eles eram muito comuns na Palestina nos tempos bíblicos. Os ursos eram os da espécie de cor marrom, e até mais temíveis que os leões, por causa da sua força superior e das suas ações imprevisíveis. No inverno, quando não era possível obter frutas silvestres, eles atacavam os rebanhos e levavam as ovelhas e os cordeiros.

Mas a confiança de Davi fundamentava-se em algo mais seguro do que a sua experiência como um pastor. A base era uma forte fé religiosa. Golias tinha desafiado **o exército do Deus vivo** (36) - veja 26, comentário. Era o Senhor quem tinha realmente livrado o seu servo do leão e do urso - e **Ele me livrará da mão deste filisteu** (37). Foi feita uma tentativa de vestir Davi com as armas de Saul. Ele **começou a andar** (39), ou seja, tentou andar.

Ao perceber a futilidade de tentar lutar com armas que jamais tinha experimentado nem testado, Davi deixou-as de lado, e, ao invés delas, levou **o seu cajado** (40), a **sua funda** de pastor e **cinco seixos** do ribeiro. O Dr. J. B. Chapman usou isto para ilustrar o significado de ser “mais do que vencedor”. Se Davi tivesse usado todas as cinco pedras em sua luta com Golias, ele ainda teria vencido. Mas da maneira como os fatos ocorreram, ele matou o gigante com uma, e

estaria pronto caso quatro outros tivessem aparecido no horizonte. O **alforje** era uma pequena bolsa de dinheiro. **Afunda** - em hebraico, *qela* - era uma arma usada principalmente pelos pastores, mas também reconhecida como uma arma de guerra. Normalmente era feita de uma tira de couro, com um bolso no centro onde continha as pedras. As duas extremidades eram seguras na mão, e era girada sobre a cabeça até que o soltar de uma das pontas lançava a pedra com tremenda força. Era possível ter uma boa precisão de pontaria; porém, isto requeria grande habilidade e treinamento (cf. 1 Cr 12.2).

A ira e o desprezo fizeram com que Golias se irasse; então **amaldiçoou a Davi pelos seus deuses (43)** e ameaçou dá-lo como alimento às aves e aos animais do campo. A nobre resposta do filho de Jessé inspirou a muitos frente a grandes desafios: **Tu vens a mim com espada, e com lança, e com escudo; porém eu vou a ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado (45). O Senhor dos exércitos é** uma designação do Deus de Israel usada pela primeira vez em Samuel, mas encontrada normalmente ao longo dos salmos e dos livros proféticos, especialmente em Isaías. Esta expressão se refere a Deus como o Senhor de todos os poderes celestiais e terrenos, o invisível líder de Israel que luta pelo seu povo. O conceito apareceu até mesmo antes que a palavra fosse usada - por exemplo, Ex 15.1, 3; Js 5.14; Nm 21.14.

Confiante em Deus, Davi previu a vitória: **toda a terra saberá que há Deus em Israel (46)**. O Senhor não se limita à espada e à lança para salvar o seu povo, **porque do Senhor é a guerra (47)**. A pedra de Davi atingiu a testa do gigante, atordoou-o (cf. 51) e quando ele caiu por terra, o jovem pegou a própria espada do filisteu e matou-o, ao cortar-lhe a cabeça. Com a morte de seu campeão, o resto dos filisteus fugiu com terror, perseguido pelos exércitos de Israel com grandes mortes até lugares tão distantes como **Gate** e **Ecrom**, duas das principais cidades da Filístia, e passaram por **Saaraim (52)** nas planícies de Judá, a oeste de Socó e Azeca. Mais tarde, Davi trouxe a cabeça de Golias a Jerusalém, mas manteve as armas do gigante em sua tenda (54). O fato de Saul e Abner não reconhecerem a identidade

do jovem indica um lapso de tempo entre a aparição de Davi como um músico na corte (16.23) e a expulsão dos filisteus. **Jovem** (56) -em hebraico, *‘elern* - pode simplesmente significar “homem moço”. A referência de Saul, **jovem** (58) também enfatiza a aparente juventude de Davi⁴.

“O nome vitorioso” é corajosamente pronunciado por Davi diante dos eventos impossíveis: **Tu vens a mim com espada, e com lança, e com escudo; porém eu vou a ti em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem tens afrontado**, 45. No contexto e nos resultados deste episódio, podemos ver: (1) o contraste entre o mundano e o homem de Deus, 32-37; (2) a batalha entre as armas de guerra e a funda de pastor, 38-51; (3) a supremacia do exército do Senhor sobre os poderes do mal, 52.

B. Davi e Jônatas, 18.1—20.42

Uma das maiores amizades de todos os tempos é descrita como a que se desenvolveu entre Davi e um filho de Saul, Jônatas.

1. *Uma Devoção Proverbial* (18.1-5)

Saul conservou Davi consigo, como um membro da sua corte, e desde o início **a alma de Jônatas se ligou com a alma de Davi** (1). Os dois eram joveps-de intrépida coragem. Os dois tinham espírito puro e não eram egoístas. **Jônatas e Davi fizeram aliança** (3) - em hebraico, *berith*, um acordo compacto e fechado, voluntariamente feito entre duas pessoas que antes não estavam associadas. É a mesma palavra usada com respeito ao concerto ou aliança de Deus com o seu povo, de onde deriva a palavra “testamento” no Antigo e no Novo Testamento. O ato de Jônatas de apresentar as suas roupas e armas a Davi foi um sinal público de grande afeição e respeito (4). Davi de fato se tornou o embaixador e comandante de Saul, e **conduzia-se com prudência** (5), ou era bem-sucedido. **Era aceito** - estava nas graças de, ou era o favorito de, tanto do povo como de todos os seus companheiros mais próximos na corte.

2. *O Ciúme Crescente de Saul* (18.6-30)

O versículo 6 parece referir-se a uma vitória posterior à derrota de Golias por Davi, pois o intervalo indicado no versículo 5 seria uma referência a outras disputas. O rei e os seus soldados receberam as boas-vindas, no seu retorno, das **mulheres** das cidades que **cantavam e dançavam**, tocando **adufes** (6), um tipo de pandeiro associado, no Antigo

Testamento, à alegria e à felicidade; e **instrumentos de música** - em hebraico, *shalosh*, provavelmente um instrumento de três cordas.

As mulheres... respondiam umas às outras (7), que cantavam em duas vozes, com um grupo que citava a primeira frase: **Saul feriu os seus milhares** e o outro declarava: **porém Davi, os seus dez milhares**. O rei irou-se ao perceber a diminuição da sua popularidade e a fama crescente de seu jovem capitão. Para alguém que prezava a opinião do povo como Saul, parecia que Davi já tinha tudo, exceto a própria coroa, **e, desde aquele dia em diante, Saul tinha Davi em suspeita** (9), isto é, “vigiava-o com ciúme”.

A seguir, há o relato de uma série de atentados de Saul contra a vida de Davi. O primeiro aconteceu um dia depois do despertar do ciúme do rei. **O mau espírito, da parte de Deus** (10), cf. o comentário sobre 16.14. Saul **profetizava no meio da casa** -o verbo hebraico, *naba*, deriva de uma raiz que significa “borbulhar como uma fonte” e refere-se a um discurso extasiado. É importante recordar que, no Antigo Testamento, havia tanto profetas falsos como verdadeiros (cf. 1 Rs 22.22). A versão RSV em inglês traz a frase “teve um acesso de cólera” (na expressão “teve uma crise de raiva”). Enquanto Davi tocava para tranquilizá-lo, Saul apanhou uma **lança** e tentou encravá-lo na parede. Isto aconteceu duas vezes. Pela expressão **se desviou dele** entenda-se “escapou da presença dele” (Berk.). Mesmo em seu estado alterado, Saul temia **Davi, porque o Senhor era com ele e se tinha retirado de Saul** (12). O rei então colocou Davi no comando de uma companhia de soldados (**mil homens**, 13 - em hebraico, *eleph* significa “mil, família, parelha ou companhia”), sem dúvida na esperança que ele morresse em alguma batalha. O resultado foi apenas o de tornar o filho de Jessé mais conhecido entre o povo. **Se conduzia com prudência** (14), como em 5, “era bem-sucedido”.

A má vontade de Saul para com Davi é também mostrada em um plano que envolveu a promessa de dar **Merabe**, sua **filha mais velha**, por esposa ao filho de Jessé, com a condição de que ele prosseguisse na guerra contra os filisteus (17). Embora Davi pareça ter cumprido a sua parte no acordo, Saul não realizou o prometido. Ao invés de Merabe, **Mical**, a filha mais jovem, que **amava a Davi**, lhe foi oferecida pelo incomum **dote** da prova de morte de cem filisteus (20-25). **Com a outra** (21) pode significar: “Com esta segunda serás, hoje, meu genro” ou “Você agora pode ser meu genro com a segunda” (Berk.). Saul ainda esperava **fazer cair a Davi pela mão dos filisteus** (25). **Dote** - em hebraico, *mohar* - era o presente de casamento que o homem dava ao seu sogro pela mão de sua esposa, como, por exemplo, os anos de trabalho de Jacó para Labão (Gn 19); não se trata do *zebed* (Gn 30.20) que a mulher recebia de seu pai. **Os dias se não haviam cumprido** (26) - antes do vencimento do prazo, Davi e os seus homens trouxeram a Saul o dobro do dote que ele havia pedido - os prepúcios de duzentos filisteus. **Todos** (27) - o hebraico diz simplesmente “todos”.

Com o passar do tempo, Davi continuou a prosperar e Saul tinha cada vez mais medo dele (28,29). A cada combate contra as forças dos filisteus, Davi era mais bem-sucedido do que todos os servos de Saul (30). **O seu nome era mui estimado (30)**, “altamente respeitado”.

3. Jônatas Intercede por Davi (19.1-10)

Jônatas logo teve uma verdadeira oportunidade de provar a sua amizade por Davi, quando Saul tentou incluir o seu filho nos seus planos de assassinato. O rei parece ter disfarçado publicamente os seus sentimentos até essa época. No entanto, agora ele mostra abertamente sua hostilidade para com Davi a **seu filho, e a todos os seus servos** (1). Jônatas revelou a conspiração ao amigo, e insistiu para que ele esperasse escondido em um campo enquanto falaria bem dele a seu pai. A resposta mostraria quais eram os propósitos mais íntimos de Saul. Já se pensou que a razão de Davi esconder-se nas proximidades era para que Jônatas pudesse passar-lhe as informações sem demora (2,3). **Falarei de ti a meu pai** (3); Moffatt: “falarei ao

meu pai sobre você”. **Verei**, isto é, “perceberei ou descobrirei”.

Jônatas lembrou a seu pai o trabalho de Davi e assegurou-lhe que o jovem soldado era inocente de qualquer mau procedimento (4,5). **Os seus feitos te são mui bons** (4) - “os seus atos foram de boa serventia para você”. **E Saul deu ouvido** (6) - em hebraico, *shama*, ouvir inteligentemente com a implicação de atenção, acordo ou obediência. Nessa ocasião ele não estava tão dominado pelos seus medos irracionais e demoníacos a ponto de não poder “ouvir a voz da razão”. O resultado foi uma reconciliação entre o rei e Davi (7).

Algum tempo se passou, durante o qual houve guerra novamente contra os filisteus, e de novo Davi se destacou. Isto resultou em outra explosão de ira por parte de Saul, e outro atentado contra a vida do jovem soldado (8,9; cf. 18.10,11). **O espírito mau da parte do Senhor** (9) - cf. 16.15, comentário, e 18.10. Aqui há uma diferença. Em 16.15 e 18.10, o espírito mau é identificado como procedente de Deus (*Elohirn*, o nome geral para a divindade). Aqui ele é dito **da parte do Senhor** (*Yahweh*, o Deus da aliança com Israel, cujo nome teve o significado revelado a Moisés em Êxodo 3.14; 6.3). O filho de Jessé estava agora convencido de que a sua vida corria grave perigo se ele permanecesse com o rei. Então, **fugiu Davi e escapou naquela mesma noite** (10).

5. *Com Samuel em Naiote* (19.18-24)

O primeiro pensamento de Davi foi o de encontrar Samuel, e ele foi ao encontro do profeta em **Ramá, e lhe participou tudo quanto Saul lhe fizera** (18). A localização e o significado de **Naiote** são obscuros. Julgou-se que era um distrito de Ramá, ou algum lugar nas redondezas, onde os profetas associados a Samuel tinham sua residência (20, 22). O nome pode ser derivado de um termo que significa “moradia”.

Quando o paradeiro de Davi foi levado ao conhecimento de Saul, ele novamente enviou homens para prendê-lo. Ao chegarem à presença dos profetas, **o Espírito de Deus veio sobre os mensageiros de Saul, e também eles profetizaram** (20). Cf. 18.10, comentário.

Deve-se recordar que a palavra em hebraico *naba* “profetizar” é usada para descrever o balbuciar incoerente dos falsos profetas, como também as inspiradas afirmações dos verdadeiros profetas. Quando a mesma coisa ocorreu com outras duas companhias de emissários, Saul veio pessoalmente e caiu sob o mesmo estado, e despiu as suas roupas e **esteve nu por terra todo aquele dia e toda aquela noite** (21-24). Como foi afirmado anteriormente (10.12, comentário), este fato, em conexão com as experiências anteriores de Saul, deu origem ao ditado: **Está também Saul entre os profetas?** (24)².

6. *A Separação de Jônatas* (20.1-42)

O capítulo 20 é uma das mais tocantes narrativas de amizade e lealdade pessoal de toda a literatura, e representa uma grande parte da base para o caráter proverbial da amizade entre “Jônatas e Davi”. A perseguição de Saul até Ramá, e inclusive na presença de Samuel, alarmou o filho de Jessé, e ele procurou outro encontro com Jônatas, que se comprometeu novamente servir de mediador, embora Davi compreensivelmente estivesse cauteloso. **Apenas há um passo entre mim e a morte** (3) é uma afirmativa autêntica para todos nós, embora a incerteza da vida não seja sempre tão óbvia. Assim se fez uma prova final dos verdadeiros sentimentos de Saul. No dia seguinte haveria **lua nova** (5) - a ocasião para uma festa religiosa mensal descrita em Números 10.10; 28.11-15, em que se ofereciam sacrifícios em holocausto pelo pecado, e Davi, em circunstâncias normais, seria esperado à mesa do rei.

Combinou-se que Jônatas observaria a reação de Saul quando ele percebesse a ausência de Davi. Se não ficasse satisfeito com a explicação - de que ele teria se ausentado para fazer um sacrifício anual com a sua família - isto seria interpretado como o sinal de um objetivo fixo de destruir o jovem (5-7). Não é impossível que Davi realmente pretendesse ir a Belém, embora, na verdade, ele não pareça ter ido (cf. 24). **Fizeste a teu servo entrar contigo em aliança do Senhor** (8; cf. 18.1-3) indica que Jônatas tinha tomado a iniciativa no acordo solene entre os dois jovens. O filho do rei ainda não conseguia acreditar que o seu pai realmente desejasse fazer mal a Davi (9). **Te**

responder asperamente (10) - em hebraico, “severamente, cruelmente, ferozmente”.

Ap procurar a privacidade de um campo aberto, Jônatas expressou na linguagem mais solene e na forma de um juramento feito na presença de Deus a sua promessa de que certamente levaria ao conhecimento de Davi o que pudesse descobrir sobre as intenções de Saul (11-13).

Sondando (12) - literalmente “penetrando, examinando, descobrindo, investigando”. Jônatas só pediu ao amigo que, quando ele ascendesse ao trono, mostrasse bondade para com ele e sua família (14,15). Este filho do rei morreria antes que Davi tivesse a oportunidade de recompensá-lo, mas esta promessa não foi esquecida (**2 Sm 9**). Sob estas emocionantes circunstâncias, a aliança foi renovada (16,17). **O Senhor o requeira da mão dos inimigos de Davi** (16), ou “que o Senhor se vingue dos inimigos de Davi”. **Lua nova** (18), cf. 5, comentário.

Foram feitos os planos para notificar a Davi da reação de Saul à sua ausência. Dentro de três dias ambos iriam **àquele lugar onde te escondeste no dia do negócio** (19), muito provavelmente o campo mencionado em **19.2,3**. A frase **no dia do negócio** foi interpretada como “no dia dos acontecimentos”. **Apedra de Ezel** (19), literalmente “a pedra da partida”, era possivelmente uma predição do fato de que Davi seria forçado a fugir. Criou-se um sistema de sinais que parecería bastante inocente a qualquer pessoa que visse a cena. Jônatas enviaria um rapaz para recolher as flechas que ele atiraria. Se ele gritasse ao rapaz, **olha que as flechas estão para cá de ti**, isto seria um sinal de que tudo estava bem. Se, no entanto, as palavras fossem: **olha que as flechas estão para lá de ti**, então Davi saberia que deveria partir (**20-22**). **O Senhor está entre mim e ti, eternamente** (23; cf. Gn 31.49,53), uma forma habitual e solene de firmar um acordo.

Quando houve a reunião do banquete do rei, Saul percebeu que o lugar de Davi estava vazio, mas nada disse sobre isso, ao pensar: Ele **não está limpo** (26). **Alua nova** (24; cf. 5, comentário) era uma festa religiosa, e as regras para a limpeza cerimonial (cf. Lv 13-14) prevaleciam. **Jônatas se levantou, e assentou-se Abner ao lado**

de Saul (25) - a Septuaginta diz “Jônatas se sentou em frente a Saul, e Abner ao lado de Saul”. Josefo interpretou que Jônatas se sentou à direita de Saul e Abner do outro lado. No segundo dia, entretanto, Saul perguntou a Jônatas sobre o desaparecido Davi.

Jônatas respondeu como planejado, e acrescentou somente que Davi tinha pedido permissão para ir à realização do sacrifício de sua própria família devido à insistência de um irmão mais velho (27-29).

A reação de Saul não deixou dúvidas na mente de Jônatas quanto às verdadeiras intenções de seu pai. Dominado pela ira, o rei denunciou o seu filho como o **filho da perversa em rebeldia** (30). A palavra **mulher** não consta no texto hebraico, que literalmente diz: “perverso filho da rebelião”, ou um homem de natureza perversa e incorrigível - assim parecia a Saul. **Não sei eu?** (30) indica que Saul estava a par da amizade entre Jônatas e Davi, algo que o rei acreditava que destituiria seu filho da sucessão do trono (31). **Para vergonha tua e para vergonha da nudez de tua mãe** (30), isto é, “para a sua vergonha, e para a desonra da sua mãe”. Erdmann traduz: “que terá vergonha de ter dado à luz a você” \

O juramento do rei: **E digno de morte** (31) suscitou o protesto de Jônatas. **Que tem feito?** (32). A resposta de Saul foi atirar uma lança com ódio em direção ao seu próprio filho, que agora tinha a prova em primeira mão da determinação do rei de eliminar Davi (33).

Encolerizado (34), Jônatas deixou a mesa sem participar do banquete - não por causa da ameaça à sua própria vida, mas porque **se magoava por causa de Davi, pois seu pai o tinha maltratado** - “o comportamento vergonhoso de seu pai com relação a Davi” (Berk.), ou “porque seu pai o havia insultado” (Moffatt), isto é, a Davi.

Na manhã seguinte, no horário combinado, Jônatas levou consigo um rapaz e foi para o campo onde Davi esperava. Ele enviou o sinal combinado de que seu amigo deveria fugir; então, ciente que o filho de Jessé observava tudo, entregou o arco e as flechas ao rapaz e enviou-o de volta à cidade sem que ele soubesse o que acontecia (35-40).

Armas (40), equipamentos. Davi então saiu do esconderijo e os dois amigos se viram, e pensaram que esta seria a última vez que se

encontrariam (cf. 23.15). **Da banda do sul** (41), a Septuaginta diz: “de trás do monte de pedras”. Além de estar preso a laços de afeição mútua, Davi honrou o filho do rei e herdeiro natural do trono com uma saudação mais pessoal (41). **Davi chorou muito mais** - ou chorou mais alto, ou mais copiosamente que Jônatas.

Uma vez mais Jônatas disse ao seu amigo: **vai-te em paz** (42), a fim de lembrá-lo da aliança entre os dois. **E Jônatas entrou na cidade**, “para cumprir os deveres filiais tão difíceis, e servir ao interesse da sua nação na terrível crise precipitada por seu pai”⁸.

C. Davi Foge de Saul, 21.1—24.22

Três capítulos são dedicados ao período da vida de Davi em que ele fugia de Saul. O cenário é amplo, dentro das fronteiras da própria nação israelita.

1. *Ajudado por Aimeleque* (21.1-9)

Davi fugiu primeiramente para Nobe, uma cidade sacerdotal (22.19), cuja localização não se conhece ao certo, mas que, com base em Isaías 10.28-33 e Neemias 11.32, encontrava-se entre Anatote e Jerusalém. Aqui Aimeleque, bisneto de Eli (cf. 22.9 e 14.3) era o sumo sacerdote. Ele receou que houvesse problemas quando Davi apareceu sozinho. O filho de Jessé respondeu que estava em uma missão para o rei, e que havia marcado um encontro com os seus jovens (1-2). **Aos jovens, apontei-lhes tal e tal lugar** - “enviei os jovens a um lugar de encontro determinado” (Berk.).

Davi pediu **cinco pães** ou o que se pudesse encontrar (3). Só havia o **pão sagrado**, o pão da proposição (6; Ex 24.30; 35.13; etc.), que só poderia ser comido pelos sacerdotes no Tabernáculo (Lv 24.9).

Aimeleque estava disposto a abrir uma exceção se os jovens se abstivessem **das mulheres** (4), uma questão de pureza cerimonial (cf. Lv 15.18). Em Mateus 12.3, o Senhor Jesus usa este incidente para justificar o descumprimento do texto da lei, quando o seu cumprimento violasse o espírito do mandamento de se cumprir outros deveres. **Santo... santificará** (5), referindo-se ao equipamento ou

recipiente onde o pão seria colocado e ao próprio pão, é usado no sentido cerimonial de “separar ou consagrar”. A idéia é a de que o pão sagrado não seria mal utilizado nem corrompido ou aviltado, embora a missão fosse secular. Com os escrúpulos do sacerdote satisfeitos, Davi recebeu o alimento requisitado (6).

Esta negociação não passou despercebida, mas era um fato que teria conseqüências amargas (7; cf. 22.11-23). **Doegue**, um **edomita** e o mais poderoso dos pastores de Saul, foi **detido perante o Senhor** (7), como um convertido da sua religião nacional, para alguma purificação cerimonial, ou como punição por algum pecado. Davi adicionalmente perguntou sobre a possibilidade de conseguir armas, e foi-lhe dito que a espada de Golias era a única disponível (cf. 17.51,54). **Aqui à mão** (8), ou seja, disponível. **Detrás do éfode** (9), ou seja, o lugar sagrado diante do altar. **Não há outra semelhante** - Davi enxergou uma profecia da providência de Deus na espada que lhe havia dado a fama, e, indiretamente, o exposto ao perigo.

2. *Em Gate* (21.10-15)

Davi continuou a fugir, e chegou à cidade de Gate, dos filisteus (cf. 5.8, comentário) a Aquis, seu rei. Aqui o reconheceram e falaram dele como **o rei da terra** (11); sem dúvida, porque ele tinha aceitado o desafio de Golias como um rei normalmente deveria ter feito, e ele tinha sido o tema da canção de triunfo das mulheres. Para salvar sua vida, Davi fingiu estar louco e **esgravatava nos portões da entrada** (13), ou seja, arranhava, ou, como na Septuaginta, “tamborilava” nas portas. O respeito oriental em presença da loucura salvou-o da morte praticamente certa. Os seus atos eram tais que, quando foi trazido à presença de Aquis, o rei repreendeu a seus criados por terem lhe trazido um louco. **Temeu muito** (12), teve muito medo.

3. *O Grupo de Davi* (22.1-5)

Depois de escapar de Gate, o próximo refúgio de Davi foi **a caverna de Adulão** (1), assim chamada devido a uma cidade nas suas proximidades⁹. Estava situada na Sefelá, a planície de Judá, em torno

de 26 quilômetros a sudoeste de Jerusalém, e vinte quilômetros a sudeste de Gate. Existem na região muitas cavernas que poderiam facilmente ter abrigado o grupo de Davi. Com ele estavam não somente os membros da família de seu pai, mas também **todo homem que se achava em aperto, e todo homem endividado, e todo homem de espírito desgostoso** - literalmente, de alma amargurada (2). Este grupo chegou, no início, a 400 homens, e posteriormente a 600 (1 Sm 23.13). Não foi uma tarefa fácil reunir um grupo de homens tão comuns em um exército eficaz. É provável que muitos deles, se não todos, fossem refugiados das leis arbitrárias e mal orientadas de Saul.

De Adulão, Davi e os seus homens foram a **Mispa**, dos moabitas, um nome que significa “torre de vigia” ou “altura”. A localização de Mispa, em Moabe, é desconhecida. Preocupado com seu pai e sua mãe, Davi levou-os ao **rei dos moabitas** e conseguiu refúgio para eles, com o seguinte pensamento: **até que saiba o que Deus há de fazer de mim** (3). O pai de Davi, que era neto de Rute, a moabita, provavelmente encontrou alguns parentes de sua avó ainda vivos em Moabe. Ali eles permaneceram **todos os dias que Davi esteve no lugar forte** (4), isto é, em Mispa.

O **profeta Gade** insistiu para que Davi retomasse a Judá, e o jovem fugitivo e os seus homens refugiaram-se em seguida no **bosque de Herete** (5), uma região não identificada, mas com base em 23.1 provavelmente se situava na parte ocidental do território de Judá (veja no mapa sua provável localização).

4. *O Massacre dos Sacerdotes de Nobe (22.6-23)*

Enquanto os informantes de Saul lhe traziam notícias do paradeiro de Davi, o rei de Israel ainda conservava o seu centro militar em Ramá, perto de Gibeá, cerca de cinco quilômetros ao norte de Jerusalém. Ele aparentemente mantinha um exército de prontidão para uma ação instantânea (6), embora seja possível que a cena aqui descrita fosse uma reunião de sua corte. Saul acusou os seus servos de cumplicidade com Jônatas na fuga de Davi, e apelou para os próprios interesses dos seus homens e as posições que mantinham a seu

serviço como a base para o apoio ao seu regime (7,8).

A esta altura **Doegue, o edomita** (9), relatou o que havia testemunhado em Nobe, quando Davi fugiu de Saul pela primeira vez (cf. 21.1-9). O relato fez de Aimeleque um cúmplice (9,10), visto que, na verdade, ele tenha imaginado que Davi estivesse a serviço do rei quando veio ao santuário (21.2). Areação de Saul foi mandar trazer Aimeleque e todos os sacerdotes de Nobe à sua presença, e acusá-los de conspiração (11-13). A defesa do sacerdote foi a negação de qualquer má intenção, falou dos leais serviços prestados por Davi ao rei e indicou a sua completa ignorância de qualquer problema entre o rei e seu genro (14,15).

Irado, não convencido e tomado por um ódio selvagem, o rei ordenou a execução de todo o grupo de sacerdotes. Quando seus próprios soldados se recusaram a obedecer, o rei ordenou que Doegue executasse o crime. O edomita assassinou oitenta e cinco sacerdotes, e destruiu a cidade sacerdotal de Nobe com todos os seus habitantes (17-19). Existe um vivido contraste entre a recusa dos próprios homens de Saul e a perversa disposição de Doegue - o que ressaltou a atrocidade do acontecimento. **Vestiam éfode de linho** (18), ou seja, eram sacerdotes do Senhor. **Os de peito** (19) eram bebês de colo.

Abiatar, um dos filhos de Aimeleque, conseguiu escapar do massacre e fugiu ao encontro do grupo de Davi, a quem relatou o brutal crime que Saul incitara (20,21). O filho de Jessé foi tomado pela tristeza, e contou a Abiatar sobre o seu medo quando reconheceu Doegue em Nobe, durante a sua primeira e precipitada fuga (21.1-9). Ele confessou ser a causa da morte de todos os sacerdotes e do povo de Nobe, embora não intencionalmente (22). Abiatar foi convidado a permanecer com ele sem temer, seguro de que, enquanto o mesmo inimigo procurasse matar a ambos, ele estaria sob a proteção do destino de Davi, conforme a vontade de Deus (23). **Estarás a salvo** (23) - ou seja, em segurança. Abiatar na verdade tomou-se sumo sacerdote durante o reinado de Davi, e foi seu companheiro durante muitos conflitos e crises (cf. 23.9; 30.7; 2 Sm 14.24, *passim*). Porém, foi deposto por Salomão, devido a uma suposta cumplicidade no plano de Adonias (1 Rs 2.26,27).

5. *O Resgate de Queila* (23.1-15)

É bem possível que o retorno de Davi, de Moabe a Judá, ordenado pelo profeta Gade (22.5), estivesse relacionado com novos ataques dos filisteus contra as cidades de Judá. As batalhas eram travadas nas áreas de debulho dos israelitas, e a cidade de **Queila** estava sitiada (1). **Queila** não pode ser identificada com precisão, mas ficava provavelmente a noroeste de Hebrom, na direção da cidade de Gate, dos filisteus.

Davi **consultou ao Senhor** (2), possivelmente com o auxílio de Abiatar (cf. 9), e Deus lhe disse: **Vai, e ferirás os filisteus, e livrarás Queila** (2). Os homens de Davi, porém, não se mostraram muito dispostos. Eles argumentaram que, se estavam em perigo em Judá, encontrariam um perigo muito maior se enfrentassem os exércitos filisteus, perseguidos por Saul (3). Humanamente falando, eles estavam certos. Mas quando Davi consultou ao Senhor novamente, recebeu uma promessa: **Desce a Queila, porque te dou os filisteus na tua mão** (4); uma promessa abundantemente justificada (5).

A dependência que Davi tinha da direção de Deus é enfatizada do princípio ao fim. Quando Abiatar se juntou ao grupo fugitivo, levou o **éfode** (6) consigo, a veste de linho que cobria a parte superior do corpo do sacerdote. De alguma forma, não clara a nós agora, o éfode era usado para determinar a vontade do Senhor. Acredita-se que ele continha um bolso no qual eram guardados o “Urim e Tumim”, que possivelmente tinham um lado que significava afirmativo e o outro, negativo. Quando estes eram tirados do bolso ou “lançados”, serviam como sortes que forneciam um “sim”, um “não” ou uma resposta indeterminada (cf. 14.19)¹⁰.

Quando soube da presença de Davi em Queila, Saul pensou que poderia certamente encurralar a sua presa ali (7). O rei, portanto, convocou o povo para a guerra, ostensivamente contra os filisteus, mas na verdade contra Davi (8). De sua parte, o filho de Jessé soube do plano e novamente buscou o conselho de Deus através de Abiatar e

do éfode (9,10). Para as duas perguntas de Davi: **Descerá Saul?** (11) e: **Entregar-me-iam os cidadãos de Queila, a mim e aos meus homens, nas mãos de Saul?** (12), o Senhor respondeu afirmativamente. Os homens de Queila tornaram-se ingratos por sua libertação dos filisteus, porque, ou estavam com medo do rei enlouquecido, ou não eram dignos de confiança.

Davi partiu imediatamente de Queila com seu grupo, naquele momento já com o número de 600 valentes (13). Ao ouvir que ele fugira, Saul cancelou a expedição planejada para Queila. O grupo refugiado voltou-se em direção ao **deserto** de Judá, particularmente **em um monte no deserto de Zife** (14), provavelmente o outeiro de Haquila mencionado no versículo 19, e aparentemente situado ao sul de Hebrom. O campo era arborizado e fornecia um excelente lugar de esconderijo contra a implacável busca de Saul (14,15).

6. *O Último Encontro com Jônatas* (23.16-18)

Enquanto estava próximo a Zife, **Jônatas**, o filho de Saul, visitou Davi e **fortaleceu a sua mão (ou confiança) em Deus** (16). As palavras dele mostram uma natureza generosa e altruísta, bem como uma fé firme em Deus e em suas promessas. Jônatas ficaria feliz por **ser o segundo** junto com seu amigo Davi (17) quando este se tornasse rei. Saul sabia disto, embora estivesse relutante a admiti-lo até para si mesmo.

Além disto (cf. 20.16), Jônatas e Davi fizeram uma **aliança perante o Senhor** (18). Mais uma vez os amigos se separaram, agora pela última vez. O filho do rei retornou à sua casa, e Davi permaneceu em seu lugar de esconderijo (18).

As “fontes de força espiritual” são sugeridas em três palavras: (1) Coragem - **Não temas**, 17; (2) Confiança - **Tu reinarás**; e (3) Aliança - **Ambos fizeram aliança perante o Senhor**, 18. Há um resultado: a coragem para aguardar o tempo de Deus - **Davi ficou no bosque**, 18.

7. *A Traição de alguns dos Zifeus* (23.19-29)

Informantes entre **os zifeus** (no hebraico lê-se simplesmente: “Então vieram zifeus a Saul”, pois falta o artigo os) revelaram a Saul o lugar do esconderijo de Davi. Este se encontrava na espessa vegetação rasteira dos redutos montanhosos de **Haquila, que está à mão direita de Jesimom (19)**, isto é, o deserto a oeste do mar Morto. Saul ficou satisfeito com a palavra e procurou recrutar a cooperação adicional dos informantes **(2123). E astutíssimo (22)**: “Ele é muito perspicaz” (Moffat), como na verdade tinha que ser, se quisesse viver. Milhares de Judá **(23)** - a mesma palavra hebraica significa “milhares, famílias ou divisões”.

Os homens de Zife retornaram para seguir as instruções do rei. Enquanto isso, Davi e seu grupo mudaram-se para **Maom**, cerca de dez quilômetros ao sul (24). Saul e seus homens tentaram cercá-los, e quase obtiveram êxito quando um de seus mensageiros alcançou o rei e o informou de um novo ataque filisteu, forçando-o a desistir naquele momento da perseguição (25-27). **Por esta razão** (provavelmente Davi e seus homens, seguindo o antigo costume de dar nome aos lugares em comemoração aos eventos ocorridos ali) **aquele lugar se chamou Sela-Hamalecote (28)**, ou “pedra de divisão, ou de escape”. O nome foi provavelmente usado porque esta formação rochosa fora a única coisa que separara Davi de seu inimigo.

Além disso, Davi foi para outro lugar, desta vez para a região de **En-Gedi (29)**, próxima à margem oeste do mar Morto, um lugar identificado como o atual Ain Djedy.

8. Davi Poupa a Vida de Saul (24.1-22)

Ao voltar de sua perseguição aos filisteus que atacaram de surpresa, Saul soube do mais recente esconderijo de Davi. Tomou 3.000 **homens escolhidos dentre todo o Israel (2)**, e correu apressadamente para En-Gedi, em uma área conhecida como as **penhas das cabras monteses**. A maneira como são descritos os **currais de ovelhas no caminho (3)** e as **penhas das cabras monteses**, mostra que estes eram pontos bem conhecidos na região, embora não sejam agora identificáveis. Ao deixar seus homens, Saul entrou sozinho em uma caverna para **cobrir seus pés (3)**, “aliviar o

ventre” - não sabia que Davi e seus homens estavam escondidos naquele local.

Para os soldados de Davi, isto pareceu uma entrega providencial de seu inimigo em suas mãos: **Eis aqui o dia do qual o Senhor te diz** (4), para mostrar o conhecimento do destino que Deus planejava para Davi. O capitão fugitivo, porém, moveu-se sozinho para perto de Saul e cortou um pedaço da orla do manto do rei **mansamente** (4) ou furtivamente. **Orla** - em hebraico, *kanaph* - significa a ponta ou a extremidade, não o manto em si. Porém, em seguida, isto pareceu a Davi uma atitude que ia muito além do que deveria ter feito, e assim **o coração doeu a Davi** (5), “a sua consciência o perturbou” - tão elevada era a sua consideração pelo ungido do Senhor e pelo cargo que Saul ocupava (6). Então **Davi conteve os seus homens** (7) e não permitiu que eles atacassem o rei, que logo se levantou e prosseguiu o seu caminho¹¹.

O filho de Jessé seguiu o rei e chamou-o, já fora da caverna. Quando Saul olhou para trás, **Davi se inclinou** (8), defendeu novamente a sua inocência de qualquer ato errado contra o rei, e mostrou a boa vontade evidenciada pela sua recusa em aproveitar a sua oportunidade de matar o seu perseguidor **(9-11)**. Davi mostrou, com esta atitude, que nenhum mal fizera a Saul, porque não o considerava mal intencionado, mas que ele havia sido influenciado por outros **(9)**. Então fez um voto de que jamais usaria as suas mãos para ferir o rei **(12)**. **A minha mão te poupou (10)**, ou “Eu te poupei”. O antigo provérbio que Davi citou **(13)** expressa a verdade freqüentemente observada de que os homens agem de acordo com o seu caráter. Visto que a sua ação fora nobre e clemente, seu caráter não poderia ser tão mau. “Por seus frutos os conhecereis” (Mt **7.16**)¹².

Saul perseguia **um cão morto** (14), em uma época em que estes animais eram considerados um incômodo e um deles morto era mais que inútil; **uma pulga** (14), notoriamente esquiva e difícil de apanhar, mas sem valor algum quando capturada.

O aparecimento inesperado e o admirável ato de misericórdia de Davi afetaram profundamente o rei. Não precisamos suspeitar de nenhuma

falta de sinceridade em suas palavras, embora o sentimento do qual elas vieram não tenham durado por muito tempo (cf. c. **26**). Reduzido a lágrimas, Saul se dirigiu a Davi, chamou-o de **meu filho (16)** e reconheceu que Davi era mais justo do que ele, porque retribuiu o mal com o bem (17). A palavra hebraica traduzida como **justo** é *tsadiq*, e é derivada de um termo que significa “reto”, portanto, “direito”, “justo”. Davi não só professou sua lealdade, mas a demonstrou da maneira mais convincente (18,19). Saul então admitiu o conhecimento de que Davi fora escolhido para **ser rei**: hás de reinar (20), e buscou apenas uma promessa solene de que Davi não destruiria sua família quando chegasse ao poder (21), uma prática muito comum nas mudanças de dinastia e que depois aconteceu sucessivamente no reino do Norte. Davi ficou feliz por fazer esta promessa, e os dois separaram-se por um tempo. Saul retornou a Gibeá, e o filho de Jessé e seus homens ao seu refúgio, aparentemente de volta em Haquila, perto de Zife (cf. 26.1ss.). Subiram ao lugar forte ou ao local seguro. A partir desta base eles podiam facilmente se deslocar para o sul, ao entrar no deserto de Parã (25.1).

D. O Constante Perigo Enfrentado por Davi, 25.1—27.12

1. A Nação Chora por Samuel (25.1)

Nesta junção, a morte de Samuel é registrada. Ele cessara aparentemente suas atividades durante os dias turbulentos narrados, e não participara dos acontecimentos que se seguiram à primeira fuga de Davi, do ciúme assassino de Saul (19.18). A estima que tinham por ele é refletida no ajuntamento de todo o Israel para o seu sepultamento, e o pranto genuíno por alguém, cuja integridade e piedade eram inquestionáveis. Samuel foi sepultado na cidade onde estabelecera seu lar, em Ramá.

2. Davi e Ahigail (25.2-44)

O resumo do capítulo é uma narração de um aspecto da vida fugitiva de Davi. Somos informados de que ele se mudara do sul, de En-Gedi e Haquila, para o **deserto de Parã** (1), um território definido como a oeste da extremidade sul do mar Morto. Ali ele se envolveu com um

homem chamado Nabal, que morava em Maom, na extremidade norte do deserto de Parã, e cujas ovelhas e cabras pastavam nas proximidades do **Carmelo** (2) - este não deve ser confundido com o monte Carmelo, mais famoso e próximo do norte.

Abigail, a mulher de Nabal (o carmelita, 27.3); ela é descrita como uma mulher **de bom entendimento e formosa** (3), ou “inteligente e de boa aparência” (Berk.); embora o próprio homem rico seja descrito como **duro e maligno nas obras**, ou “bruto e inculto” (Berk.).

Nabal estava no Carmelo **tosquiando as suas ovelhas**, quando Davi enviou dez de seus moços para pedir-lhe uma ajuda, a fim de suprir sua necessidade de alimento. O pedido foi feito da maneira muito educada, e é explicado ao menos em parte porque os homens de Davi haviam protegido os pastores desarmados de Nabal dos ataques das tribos nômades (4-7; cf. 16,21). O costume de compartilhar a **boa hora** (8) ou o dia de festa também era bem estabelecido, e teria somado à sensatez do pedido de Davi.

A resposta de Nabal foi insolente, falou de Davi como um servo fugitivo (10) e recusou categoricamente a sua solicitação (11). Quando os homens de Davi retornaram e relataram esta recepção, seu líder convocou-os a pegarem em armas; deixou 200 no acampamento e levou 400 consigo (12,13). A **bagagem** (13), os suprimentos, as provisões e os materiais. Um dos próprios homens de Nabal, nesse meio tempo, contou a Abigail o que acontecera. A expressão **ele se lançou a eles** (14), vem de uma raiz hebraica primitiva, “investir violentamente ou voar” - a própria avaliação do servo sobre a resposta imprópria de seu senhor. Ele contou à sua senhora sobre os serviços que os homens de Davi haviam prestado (15,16), e avisou-a das prováveis consequências que se seguiriam à ingratidão e ao desprezo demonstrado por Nabal. **Determinado está o mal** (17) - em hebraico, *ra*, “calamidade, dano, dificuldade”. **Um filho de Belial** (17), de *beliyaal*, “sem proveito”, “sem valor”; portanto, “um homem inútil” (cf. 1.16, comentário). **Não há quem possa lhe falar** (17); ninguém consegue discutir com ele.

Abigail rapidamente juntou mantimentos e, sem contar ao seu

marido, ordenou que os próprios servos de sua casa os pusessem sobre jumentos e os levassem a Davi, enquanto ela os seguiria de perto (18,19). **Desceu pelo encoberto do monte** (20), isto é, através de uma passagem na montanha. **Davi e os seus homens lhe vinham ao encontro, e encontrou-se com eles.** A ira de Davi está refletida no juramento que ele havia feito de que nenhum do sexo masculino (22) da casa de Nabal estaria vivo pela manhã. **Assim faça Deus aos inimigos de Davi** (22) - na Septuaginta lê-se, mais provavelmente, “faça a Davi”, a forma usual deste tipo de afirmação.

Ao prostrar-se, Abigail procurou apaziguar a ira de Davi. Seu discurso é uma obra-prima de sabedoria. Ao referir-se ao nome de seu marido (*nabal* em hebraico significa “tolo, uma pessoa ignorante ou má”), ela explicou que não sabia da vinda dos mensageiros (23-25). **Homem de Belial** (25), cf. o comentário sobre 17; 1.16. Ela tentava, na verdade, evitar o derramamento de sangue inocente (26), e levou os mantimentos necessários aos homens de Davi (27). **Tais quais Nabal** (26), cujo nome significava “tolo”. **Esta é a bênção** (27), isto é, estes são os presentes.

Abigail expressou a confiança de que Davi certamente seria estabelecido como rei, embora no momento fosse perseguido por um inimigo implacável (28,29). **Atada no feixe dos que vivem** (29), “escondida em segurança entre os viventes” (Moffatt), uma expressão para aquele cuja vida está sob a proteção de Deus. Ela acrescenta o pensamento de que, quando Davi se tornasse rei, seria uma fonte de satisfação para ele o não ter se vingado daqueles que lhe fizeram o mal, mas ter deixado as suas vidas nas mãos de Deus (30,31).

A reação de Davi ao apelo de Abigail foi de gratidão. Ele sentiu que o Senhor a mandara para evitar que ele fizesse com as suas próprias mãos o que Deus reservara para si mesmo (32-34). “Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor” (Rm 12.19; citando Dt 32.35), e o Senhor jamais permite que a sua vingança seja aplicada por outrem. Ao receber a oferta de Abigail, Davi lhe disse que voltasse em paz para a sua casa, e que ele não executaria o seu ato pretendido (35). **Tenho dado ouvidos à tua voz** (35), isto é, concedi o teu pedido.

Quando Abigail chegou em casa, encontrou seu marido em meio a um banquete irreverente, **como banquete de rei** (36) em sua profusão e abandono. Nabal estava completamente embriagado, e sua mulher nada lhe disse até a manhã seguinte. No entanto, pela manhã, quando a sua embriaguez já havia passado, ela contou a este “tolo rico” do Antigo Testamento como ele escapara por muito pouco da morte. Por pavor ou ira, Nabal sofreu o que agora provavelmente chamaríamos de ataque cardíaco ou derrame - **e se amorteceu nele o seu coração, e ficou ele como pedra** (37). Dez dias depois, ferido pela mão de Deus, ele morreu (38)¹³.

1

Samuel é Enviado à Casa de Jessé (16.1-13)

A escolha de Deus, do sucessor de Saul seria encontrada entre os oito filhos de **Jessé, o belemita (1)**. Jessé era o neto de Boaz e Rute, a moabita (Rt 4.17). É interessante observar que a mãe de Boaz também não era de Israel. Ela era Raabe, de Jerico, um fato que Mateus destaca em sua relação da genealogia de Jesus (Mt 1.5).

Samuel com razão temia a vingança de Saul, se o rei soubesse de sua ida a Belém. Então, o Senhor o instruiu a organizar um sacrifício e um banquete que fossem relacionados à sua visita naquela localidade. A vinda inesperada de Samuel produziu consternação entre os anciãos da pequena cidade, porque ele representava a amedrontadora presença de Deus. Mas o profeta lhes assegurou que vinha em missão de paz: **Santificai-vos, e santificou ele a Jessé e os seus filhos** (5; “consagrou” ou “purificou”) - o uso ritual da palavra “santificar”, que poderia significar “consagrar” ou “separar” (cf. 7.1, comentário). Isto provavelmente envolvia uma lavagem ritual daqueles assim consagrados.

2

acordasse totalmente. Mical soube do plano e avisou a seu marido: **Se não salvars a tua vida esta noite, amanhã te matarão** (11). A

vida de alguém e o seu futuro depen

1 Samuel 25.39-26.19

Saul e Davi

Quando a notícia chegou até Davi, ele novamente se sentiu grato por ter sido impedido de tomar providências com as próprias mãos. Ele também iniciou negociações para fazer da atraente viúva sua esposa, uma proposta que ela aparentemente recebeu com boa vontade (40,41). Acompanhada por cinco servos pessoais, ela foi com os mensageiros de Davi e tornou-se sua esposa. Os versículos 43 e 44 são inseridos na narrativa neste ponto para indicar os outros casamentos de Davi. Ele também se casou com **Ainoã de Jezreel** (43) - uma cidade em Judá que não estava longe do esconderijo dele. Mical, a primeira mulher de Davi e filha de Saul, fora entregue a Palti (ou Paltiel, 2 Sm 3.5) depois que ele fugiu da corte do rei (44). Sobre a poligamia, veja os comentários em 1.2.

3. *Davi Poupa outra vez a Vida de Saul* (26.1-25)

As semelhanças entre este relato e os acontecimentos descritos em 23.19-24.22 têm levado alguns a afirmar que temos nestas passagens relatos com variações do mesmo acontecimento. Mas existem diferenças significativas, e não há motivo para supor que encontros semelhantes não pudessem ter ocorrido na mesma localidade.

Davi havia retornado a Haquila, e outra vez alguns dos homens de Zife relataram a sua localização a Saul, em Gibeá. A entrada de Jesimom (1) isto é, em frente ou à margem do deserto. **Deserto de Zife** (2) - cf. 23.14, comentário.

Saul estabeleceu um acampamento em Haquila, e os espias de Davi lhe revelaram que o rei **vinha decerto** (4), isto é, o relatório com certeza era verdadeiro. O próprio filho de Jessé visitou o acampamento de Saul de noite e viu onde ele e seu comandante, Abner, estavam deitados **dentro do lugar dos carros** (5) - em hebraico, *magalah*, que é derivado de um termo que significa “redondo”; portanto, um parapeito de formato circular. Provavelmente

a bagagem fora colocada desse modo, de forma a fazer um círculo dentro do qual o rei dormia juntamente com seus soldados à sua volta.

Um dos dois homens que estavam com Davi, Abisai, filho de Zeruia (6; irmã de Davi, cf. 1 Cr 2.16) prontificou-se a acompanhá-lo naquela jornada. Os dois encontraram Saul, que dormia profundamente, com sua lança pregada na terra à sua cabeceira (7), seu travesseiro ou apoio para a cabeça. Abisai impulsivamente pensou em matá-lo de um só golpe com aquela própria lança (8), mas outra vez Davi o conteve com a ordem - **nenhum dano lhe façás** (9) - e a pergunta: **porque quem estendeu a sua mão contra o ungido do Senhor e ficou inocente?** (9; cf. 24.5, comentário). No entanto, Davi e Abisai retiraram aquela arma e a bilha de água do rei sem serem notados, **pois havia caído sobre eles um profundo sono do Senhor** (12) - tal feito teria sido impossível sob circunstâncias normais.

Davi retirou-se para o **cume do monte ao longe** (13), provavelmente onde ele esteve pela primeira vez no acampamento, e estabeleceu uma certa distância entre ele e Saul adormecido. Então bradou a **Abner** (14) como aquele que deveria cuidar da segurança do rei. Davi censurou-o por ter falhado em seu dever e segurou a lança e a bilha de Saul como evidência do perigo em que Saul estivera (15,16). Como antes, o rei ficou profundamente abalado (17; cf. 24.8ss.). Davi outra vez defendeu a sua inocência de qualquer ato errado, e sugeriu que se o Senhor o havia incitado, uma oferta poderia apaziguar a sua ira. No entanto, se os homens haviam causado o ciúme do rei, eles deveriam ser colocados sob a maldição (18,19). **Eles me têm repellido hoje... dizendo: Vai, serve a outros deuses** (19), como poderia ser o caso se Davi fixasse residência permanente entre os povos idólatras que cercavam Israel. Outra vez ele aponta para a incoerência do rei que busca uma única pulga, ou caça **uma perdiz** solitária e desgarrada **nos montes** (20).

Saul ficou outra vez arrependido diante do ato de misericórdia de Davi, e confessou: **Pequei** (21). Desta vez ele convidou Davi a voltar à sua corte, e prometeu não lhe fazer mal, e reconheceu: **Eis que procedi loucamente e errei grandissimamente** (21). O termo

traduzido como **erre**i é *shagag*, literalmente, “desviei-me, desgarrei-me”, e, portanto, significa ter pecado. **Grandissimamente** traduz dois termos hebraicos que significam “aumentar”, “em abundância”, e “veementemente”, “excessivamente, muito”; Moffatt o traduz como: “Eu me desviei muito”.

A resposta de Davi foi devolver a lança ao rei e entregar seu caso novamente nas mãos de Deus (22-24). Ele sabia que não poderia descuidar-se diante do poder do instável Saul. Embora o rei parecesse ser sincero naquele momento, o seu desequilíbrio emocional era tal que poderia se voltar contra Davi tão rapidamente como havia expressado o seu favor. **De tanta estima** (24), preciosa. A resposta de Saul foi profética: **Bendito sejas tu, meu filho Davi; pois grandes coisas farás e também prevalecerás** (25). Com isto, os dois se separaram, para nunca mais se verem.

4. Davi no Exílio em Ziclague (27.1-12)

Finalmente, convencido de que jamais poderia confiar na instabilidade de Saul (cf. 4, evidência que mais uma vez o seu arrependimento registrado em 26.21 durou pouco), Davi decidiu sair de Judá e ir para a Filístia, onde estaria a salvo das tramas do rei. **Por todos os termos de Israel** (1) - “por todos os limites de Israel”. Com seus 600 soldados, suas esposas e todos os seus familiares, ele foi para Gate, cujo rei era Aquis (cf. 21.10). É fácil perceber a diferença entre a recepção de Davi em Gate nesta ocasião, e aquela que teve quando ali esteve primeiramente, em uma fuga solitária de Saul. O rei filisteu sem dúvida alguma ficou ciente da hostilidade de Saul contra Davi, e supôs que aquele jovem soldado retribuiria tal sentimento e recebeu-o como um aliado na chefia de um grupo poderoso e bem disciplinado.

Davi pediu a concessão de um lugar em alguma cidade no campo, ao sugerir que a sua presença na capital com Aquis seria um fardo ao rei (5). Seu verdadeiro motivo era a necessidade de liberdade de movimento no qual ele poderia preservar a imagem de inimizade com Saul sem ter que realmente pegar em armas contra o seu próprio povo. **Ziclague** (6), uma cidade provavelmente situada a sudeste de

Gate na fronteira sul de Judá, mas ocupada pelos filisteus há muito tempo, foi concedida a Davi e seus homens. **Pertence aos reis de Judá, até ao dia de hoje** (6), indica uma data para a escrita deste relato, algum tempo após a divisão do reino com a morte de Salomão, mas antes do exílio de Judá em 586 a.C. Davi e seus homens passaram **um ano e quatro meses** (7) na Filístia.

Durante este período, Davi e seus homens fizeram vários ataques contra as tribos do deserto ao sul, identificadas como os **gesuritas, os gersitas e os amalequitas** (8). O texto em Josué 13.2 identifica os gesuritas como habitantes das redondezas da Filístia, e perto dos amalequitas. Os gersitas não são mencionados em qualquer outra passagem do Antigo Testamento, e são atualmente desconhecidos. Os amalequitas tinham uma longa história de hostilidade contra Israel, e devem ter sido completamente destruídos

por Saul (cf. 15.1-35). Os remanescentes da tribo tinham aparentemente fugido, se reorganizado, e retomado uma vida semi-nômade no deserto a sudoeste de Judá. O extermínio desses povos por Davi, e o fato de ter enganado a Aquis (9-12) é completamente indefensável sob o ponto de vista moral, mas não deve ser julgado inteiramente à luz dos padrões cristãos atuais. **Sobre onde destes hoje?** (10) - “Onde atacaste desta vez?” (Berk.) Aquis concluiu que Davi havia se separado para sempre de seu povo; portanto, merecia a sua confiança (12).

E. Última Guerra de Saul e sua Morte, 28.1—31.13

Os três últimos capítulos de 1 Samuel levam a uma rápida conclusão da história do primeiro rei de Israel e seu longo conflito com Davi.

1. *A Invasão Filistéia* (28.1-7)

Durante a permanência de Davi na Filístia - **Naqueles dias** (1) - uma nova guerra irrompeu entre os israelitas e os filisteus, provocada, como o texto indica, pelos filisteus. Aquis, então, incorporou Davi e seus homens ao seu próprio exército, ao receber a promessa evasiva: **Assim saberás tu o que fará o teu servo** (2). **Te terei por guarda**

da minha cabeça para sempre (2), isto é, “meu guarda-costas perpétuo” (Berk.).

O versículo 3 é uma nota explicativa que prepara para a estranha cena em En-Dor (7-25). Algum tempo antes, Saul tinha expulsado os médiuns e feiticeiros da terra, ao guardar o mandamento da lei (cf. Êx 22.18; Dt 18.9-12).

Os exércitos adversários estavam acampados na margem norte da planície de Megido, no norte da Palestina. Os filisteus estavam em **Suném** (4) na planície, e os israelitas **em Gilboa**, que é citado como um monte (31.1,8), provavelmente nas regiões altas ao norte da planície. Desta proeminência Saul podia facilmente medir o tamanho do exército adversário, e ele **temeu, e estremeceu muito o seu coração** (5). O terror do rei foi aumentado quando **perguntou... ao Senhor, porém o Senhor lhe não respondeu, nem por sonhos, nem por Urim, nem por profetas** (6). Quanto ao Urim, cf. 23.6, comentário. Desesperado, Saul pediu aos seus servos que encontrassem **uma mulher** que tivesse **o espírito de feiticeira** (7), o que podemos chamar de uma médium. A palavra necromante é uma tradução do termo hebraico *ob*, que significa “murmúrio, balbúcio”, e, por extensão, “alguém considerado capaz de se comunicar com os mortos”. A maior parte dos espiritualistas nos tempos bíblicos eram mulheres, assim como acontece hoje. Várias versões traduzem o termo como “médium”.

2. *Saul e a Mulher de En-Dor* (28.8-25)

Um dos servos conhecia uma feiticeira e médium em En-Dor, aproximadamente 20 quilômetros ao norte de Gilboa, um lugar onde havia várias cavernas que podiam servir como esconderijo. **Saul disfarçou-se** (8) vestindo roupas que não tinham as suas costumeiras insígnias reais e, acompanhado por dois homens, procurou a mulher à noite. Seu pedido foi: **me adivinhes** (8), isto é, “determine ou inquiria por mim”. **Me faças subir a quem eu te disser**, uma vez que se acreditava que o Seol, o lugar dos mortos, ficava nas profundezas da terra (cf. Nm 16.30; SI 63.9; Ez 31.14; 32.18).

A objeção da mulher de que o rei havia **destruído da terra os adivinhos e os**

encantadores (9) foi anulada pelo visitante disfarçado, que fez seu juramento solene de que não haveria problema algum para ela como resultado da obediência aos seus desejos (10). Quando Saul pediu por Samuel e a aparição surgiu, a mulher gritou em alta voz e disse ao rei: **Por que me tens enganado? Pois tu mesmo és Saul** (12). Em resposta à pergunta do rei quanto ao que a mulher tinha visto, ela declarou: **Vejo deuses que sobem da terra** (13). O termo traduzido como deuses é *ha elohim*, o vocábulo para a divindade ou seres sobrenaturais. Quando usado com um verbo no singular, ele é aplicado ao único Deus, mas é usado freqüentemente ao longo de todo o Antigo Testamento para designar os falsos deuses das nações, anjos, outros seres sobrenaturais, ou homens investidos de autoridade real. Aqui deveria ser provavelmente traduzido “uma forma semelhante a um deus” como na versão *Berkeley*.

Quando perguntada especificamente: **Como é a sua figura?** (14) a resposta da mulher foi: **Um homem ancião... envolto numa capa,** um traje que um profeta como Samuel teria usado durante a sua vida. Embora não seja afirmado que Saul tenha realmente visto alguma coisa, ele concluiu que a médium estava em contato com Samuel. A forma como esta cena deve ser interpretada tem intrigado comentadores por todos os séculos. Alguns, uma maioria considerável, creram que Samuel realmente apareceu. Geralmente, porém, eles ressaltam o fato declarando que foi um juízo especial de Deus sobre Saul, e que Samuel foi incumbido de trazer, uma vez que qualquer tentativa de contatar os mortos era terminantemente proibida pela lei. Outros acreditaram que um demônio personificou Samuel. Ainda outros afirmaram que toda a cena foi uma armação de uma mulher perspicaz e um cúmplice, para tirar vantagem da condição perturbada do rei para fazê-lo crer que estava realmente em contato com o falecido profeta¹⁴.

Aquele ser perguntou: **Por que me desinquietaste** (15), me incomodaste ou me perturbaste do repouso que experimentava no

Seol? A resposta patética de Saul é um texto histórico: **Mui angustiado estou, porque os filisteus guerreiam contra mim, e Deus se tem desviado de mim e não me responde mais** (15). Aquela entidade confirma o terrível temor de Saul: **O Senhor te tem desamparado e se tem feito teu inimigo** (16). A ruptura naturalmente ocorreu porque Saul havia se tornado inimigo de Deus. **O Senhor tem feito para contigo** (17) para a sua própria honra, na vindicação de seu decreto, de que o reino deveria ser tirado de Saul e dado a um outro. **Tem rasgado** ou arrancado. A desobediência em geral, e em particular a falha irreparável diante de Amaleque, foi a causa do juízo contra Saul (18). Abatalha do dia seguinte deveria resultar em uma completa derrota para Israel, e aquele ser acrescentou: **Amanhã tu e teus filhos estareis comigo** (19) no Seol (a habitação dos mortos). Na visão do Antigo Testamento não havia uma separação completa entre os justos e os ímpios, no lugar dos mortos. Deve ser lembrado que foi o Senhor Jesus Cristo que “trouxe à luz a vida e a incorrupção, pelo evangelho” (2 Tm 1.10).

“O fim da estrada da rebelião” é tragicamente expresso nas palavras do confuso Saul. Um retrospecto da vida do primeiro rei de Israel revela quatro grandes fatos importantes ao longo de sua vida: (1) Libertação, 10.9-11; (2) Desobediência, 15.22,23; (3) Desespero, 28.15; e (4) Morte, 28.19.

O desespero de Saul era infinito, e ele **caiu estendido por terra** (20), completa^e mente prostrado ao chão, e **não houve força nele** (20), uma fraqueza combinada pelo fato de que ele havia passado todo o dia anterior sem se alimentar. O fim da visão não é descrito, mas a feiticeira veio até Saul e rogou a ele que comesse (21,22). O rei não tinha apetite para alimentar-se, mas seus dois servos se juntaram à mulher e **o constrangeram** (23), ou melhor, “o obrigaram vigorosamente”, e, finalmente, obtiveram o seu consentimento. Saul **levantou-se do chão e se assentou sobre uma cama** (23), o banco acolchoado ao longo da parede da sala. A mulher preparou uma bezerra e pães sem fermento, e Saul e seus servos comeram antes de partir naquela noite (24,25).

3. *Davi Retorna para Casa* (29.1-11)

Quando os filisteus juntaram seus exércitos para a batalha iminente, Davi e seus homens foram incluídos nas forças de Aquis, rei de Gate, dentro do território em que os refugiados hebreus estavam guarnecidos. **Em Afeca (1)** refere-se à estrada principal para o Egito a partir do nordeste, uma parada no curso para Suném e a planície de Megido, da qual eles esperavam passar rapidamente pelo território de Israel (cf. 28.4). Os israelitas haviam tomado uma posição em **Jezreel**, uma curta distância ao sul de sua base em Gilboa. **Na retaguarda (2)**.

Os outros príncipes filisteus desafiaram Aquis na presença dos soldados hebreus, e este rei vigorosamente afirmou a lealdade de Davi. **Há alguns dias ou anos (3)** - foi na verdade um ano e quatro meses de acordo com 27.7. Ao temerem uma traição, os comandantes filisteus exigiram que o rei Aquis mandasse Davi de volta. Eles concluíram que o fugitivo poderia recuperar o favor de Saul, e voltar-se contra eles no calor da batalha e talvez mudasse o curso da vitória para os israelitas (4). A reputação como um guerreiro, de Davi, era bem conhecida (5).

Com a finalidade de se justificar, Aquis explicou a oposição dos outros líderes (6) e o enviou para casa (7). Davi protestou, provavelmente com ironia (8), mas voltou com seus homens enquanto os filisteus prosseguiram e subiram a planície costeira até Jezreel (911). **Como um anjo de Deus (9)**, isto é, considerado de forma tão elevada quanto um mensageiro dos deuses o seria. O rei Aquis não usa a expressão para o Deus verdadeiro, isto é, *Yahweh*, “o Senhor”, mas utiliza o termo geral, *ha elohim*, que neste contexto significa “os deuses”.

4. *Davi e os Amalequitas (30.1-31)*

O retorno de Davi a Ziclague, onde ele e seus homens haviam feito seu quartel-general, foi tanto oportuno como trágico. Enquanto os homens marchavam para o norte com Aquis, os amalequitas do sul invadiram aquela região, capturaram e queimaram Ziclague, e levaram as mulheres e crianças cativas, que sem dúvida alguma seriam

destinadas a uma escravidão pior que a morte (1-3). A dor dos homens consternados era grande e eles **choraram, até que neles não houve mais força para chorar** (4). Apesar da própria família de Davi ter sido levada (5), seus homens acrescentaram à sua angústia os murmúrios e uma rebelião revoltosa (6). **Davi se esforçou no Senhor, seu Deus** (6), “fortaleceu-se”, “se reanimou” - ou como na versão *Berkeley*, “apoiou-se no Senhor seu Deus”.

Por intermédio de **Abiatar, o sacerdote** (7), com o éfode sagrado, **consultou Davi ao Senhor** (8) se deveria ou não perseguir os criminosos. Com a certeza de que ele alcançaria o grupo que atacara a cidade e recuperaria tudo o que fora tomado, Davi e seus homens **chegaram ao ribeiro de Besor** (9), ao sul de Ziclague. Este provavelmente deve ser identificado com o atual Uádi Ghazzeah, que nasce perto de Berseba, a sudeste de Ziclague, e deságua no Mediterrâneo a sudoeste de Gaza. Duzentos homens da companhia estavam tão exaustos que não podiam ir mais além; então a companhia foi dividida - em parte por prudência e necessidade - e 400 continuaram a perseguição (10).

Os versículos 1-10 dão algumas sugestões valiosas “sobre como lidar com o desânimo”, pois **Davi se esforçou no Senhor, seu Deus**, 6, uma chave para a profundidade de seu abatimento. (1) As causas do desânimo são: (a) aflição e perda, 1-3; (6) a dor e a tristeza que vêm dos golpes inesperados da vida, 4; e (c) a incompreensão de companheiros íntimos quando se dá o melhor de si, 6. (2) A cura para o desânimo é encontrada em: (a) buscar a Deus em oração, 7,8; (b) ação resoluta, 9,10; e (c) acima de tudo, forte apoio do Senhor Deus.

Davi e seus homens logo acharam **um homem egípcio**, quase inconsciente **no campo** (11), doente e sem alimento ou água por três dias. Os israelitas o reanimaram, e souberam que ele era um **servo** (13) - literalmente, escravo - de um senhor **amalequita**. Ele contou: **Nós demos com ímpeto para a banda do sul dos queretitas, e para a banda de Judá, e para a banda do sul de Calebe e pusemos fogo a Ziclague** (14). Em todos os territórios que faziam fronteira com o sul do Neguebe, a terra deserta entre o sul do mar Morto e o Mediterrâneo. Perguntado se poderia conduzir Davi até o

grupo de ataque, o jovem egípcio concordou desde que lhe fosse concedida imunidade e proteção (15).

Davi e seus homens encontraram os inimigos desguarnecidos, ocupados em uma festa e na embriaguez por causa da grande quantidade de despojos que haviam trazido **da terra dos filisteus e da terra de Judá** (16). A destruição da companhia dos amalequitas foi completa, exceto dos 400 jovens que formavam uma corporação que montava camelos e que conseguiram fugir para o deserto (17). Todos os cativos e os bens pessoais dos israelitas foram recuperados, além dos despojos da guerra - **Este é o despojo de Davi** (20) - que conquistara de outras vítimas do ataque amalequita (18-20).

Ao retornar ao posto avançado no ribeiro de Besor, alguns dos 400 homens de Davi -descritos como **maus e filhos de Belial** (22) - opuseram-se a dividir os despojos com aqueles que foram deixados para trás. **Filhos de Belial**, cf. 1.16, comentário. Davi, porém, recusou a sugestão de que eles fossem menosprezados, reconheceu que Deus havia dado a vitória e estabeleceu o princípio de que **a parte dos que desceram à peleja, será tal qual a dos que ficaram com a bagagem; igualmente repartirão** (24); ou seja, deveriam dividir os despojos com igualdade. Este conceito fora apresentado em Números 31.27 e tornou-se uma regra constante **desde aquele dia em diante** (25). Do despojo tomado dos amalequitas, Davi enviou presentes para os líderes em Judá, que, sem dúvida alguma, o haviam tratado amigavelmente em diversas ocasiões. Estes eram os **lugares em que andara Davi, ele e os seus homens** (31). Todos os lugares mencionados eram cidades em Judá, e este ato de consideração e generosidade sem dúvida ajudou a pavimentar o caminho para que ele logo se tornasse rei de Judá.

“Dividir e dividir Igualmente” é o assunto de 21-25. Princípios que podem ser listados aqui: (1) Nem todos podem estar na linha de frente, 21; (2) Manter o acampamento base é importante, a despeito das reações que isto desperta, 22; (3) A generosidade e a bondade de Deus ordenam um tratamento justo para com todos, 23. Para variar a figura, podemos concluir que não só Paulo “que planta” e Apoio “que rega”, mas aqueles que preparam a terra e fornecem a semente,

também se regozijam pela colheita que Deus concede (1 Co 3.6-9).

5. *A Última Batalha de Saul* (31.1-13)

Este capítulo é repetido quase que literalmente em 1 Crônicas 10.1-12. Ele conclui o relato iniciado em 28.1, mas que foi interrompido em 29,30 para apresentar o registro do relacionamento de Davi com Aquis, e sua vitória sobre os amalequitas. A batalha foi travada, e como havia sido predito (28.19), o povo de Israel foi totalmente derrotado (1). Os filisteus estavam especialmente determinados a destruir o rei e a sua família, e três de seus filhos logo caíram na batalha (2). O próprio Saul foi ferido pelos flecheiros inimigos. **A peleja se agravou** (3). Ele rogou ao seu escudeiro para matá-lo com uma espada como um ato de misericórdia, ao temer que os filisteus o torturassem e o mutilassem se o capturassem vivo. A expressão **estes incircuncisos** (4) revela a aversão e o desprezo que os hebreus tinham por seus vizinhos pagãos. Quando o escudeiro se recusou a atender o pedido, Saul tomou a sua própria espada, fixou o cabo na terra e lançou-se contra a sua ponta; suicidou-se - e seu companheiro seguiu o mesmo exemplo (4,5).

Quando as tropas de Israel que não estavam perto de Saul viram o que havia acontecido, abandonaram as suas posições, deixaram as suas cidades e fugiram para o deserto (7). No dia seguinte à batalha, os filisteus descobriram os corpos de **Saul e seus três filhos** (8) no campo de batalha. Profanaram o corpo do rei de Israel, ao cortar-lhe a cabeça. Despojaram-no de suas armas e as puseram no templo de **Astarote**, provavelmente perto de **Bete-Seã**, e fixaram o corpo de Saul e os de seus três filhos no muro da mesma cidade (9,10). Um edifício que era, sem dúvida alguma, este templo foi descoberto na escavação feita por C. S. Fisher, Alan Rowe e G. M. Fitzgerald entre os anos de 1921 e 1933¹⁵.

Uma nota de heroísmo fecha esta triste história. Os homens de Jabes-Gileade, cidade que Saul salvara no início de seu reinado (cf. 11.1-15), souberam da morte de seu rei, e em uma rápida investida noturna tiraram o corpo dele, e os de seus três filhos, do muro de Bete-Seã, os levaram para Jabes, os cremaram ali e sepultaram seus ossos debaixo

de uma tamargueira em Jabes, como se lê no texto hebraico. Os ossos foram posteriormente levados para a terra de Benjamim e sepultados na sepultura da família, em Zela (cf. 2 Sm 21.12-14).

Seção IV

0 REINADO DE DAVI

2 Samuel 1.1—20.26

Os livros de 1 e 2 Samuel eram originalmente um único registro sem interrupção. De 1 Samuel 31 em diante, a história faz um paralelo em parte com 1 Crônicas 10-29.

A. Davi Reina em Hebrom, 1.1—4.12

Os primeiros quatro capítulos de 2 Samuel referem-se aos sete anos e meio que Davi reinou como monarca de Judá na cidade de Hebrom. O paralelo em 1 Crônicas realiza-se durante este período e vai diretamente ao reino davídico sobre todo o Israel. ¹ mas falhado. No entanto, é melhor considerar a história do amalequita como uma completa mentira, contada a fim de garantir uma recompensa de Davi; ele erroneamente supunha que o genro do rei morto retribuiria o sentimento de ódio contra Saul¹.

Em resposta às perguntas aflitas de Davi, o informante relatou a debandada do exército, a morte de muitos do povo e também a de Saul e Jônatas (3,4). Quando ele perguntou especificamente como o mensageiro soube da morte de Saul e de Jônatas, o jovem declarou que se aproximara do rei gravemente ferido e apoiado **sobre a sua lança**, apertado pelo inimigo (5,6). Ele relatou que Saul o chamou e perguntou a sua identidade; ao que ele respondeu: **Sou amalequita** (8). O rei então pediu que lhe desse um golpe mortal, mediante a afirmativa: **porque angústias me têm cercado, pois toda a minha vida está ainda em mim** (9). **Angústias** é literalmente “perplexidade, espanto”. O jovem pode ter escutado por alto a conversa de Saul e seu escudeiro, e substituiu parte do que pareceu servir ao seu propósito.

Ao explicar que tinha certeza de que o rei não poderia sobreviver aos seus ferimentos, o mensageiro declarou que desferiu o golpe fatal e tomou a **coroa** e o **bracelete (ou a manilha)** do corpo para entregar a Davi (10). Ele provavelmente retirara estes objetos do corpo do rei

morto antes que os filisteus, que se aproximavam, o descobrissem, e fugiu com eles. Davi e todos em sua companhia rasgaram suas vestes, **prantearam, e choraram, e jejuaram** até ao anoitecer com uma dor sincera pela tragédia que acontecera ao seu povo (11-12).

Em resposta à pergunta de Davi quanto à sua origem, ele estendeu a breve afirmação do versículo 8: **Sou filho de um homem estrangeiro, amalequita** (13), isto é, um nômade que se fixara em Israel entre o povo, embora não um completo prosélito ou convertido à religião israelita. Seu pai era o que devemos provavelmente chamar de um residente imigrante. Ele, portanto, teria todo motivo para conhecer a admiração e o respeito com o qual **o ungido do Senhor** (14) era estimado, e deveria ter estado tão temeroso quanto o escudeiro esteve (1 Sm 31.4) para levantar a sua mão contra Saul. Davi rapidamente ordenou a execução do assassino confesso (15,16).

O escritor preserva uma linda elegia composta por Davi que deveria ser encontrada no **livro do Reto** (também chamado de **livro de Jasar** ou **livro dos Justos** 18), uma coleção de poemas heróicos que celebram acontecimentos extraordinários na história de Israel (cf. Js 10.12,13). Jasar significa reto ou justo. Este é um dos diversos livros mencionados no Antigo Testamento, do qual não temos qualquer conhecimento atual, exceto breves citações ocasionais². O versículo 18, a introdução à elegia, é difícil de traduzir, mas devemos provavelmente seguir o texto de algumas versões: “Ordenou que ensinassem aos filhos de Judá o cântico do arco, o qual está escrito no livro de Jasar”.

A composição em si é uma bela poesia lírica do tipo que tornou Davi merecidamente famoso como “o suave em salmos de Israel” ou “o mavioso salmista de Israel” (23.1). O poema expressa a genuína dor de Davi, e tem como seu refrão: **Como caíram os valentes!** (19,25,27) **Ah! Ornamento de Israel!** (19) - no hebraico, o esplendor ou a glória de Israel. **Gate... Asquelom** (20), as duas principais cidades da Filístia, que foram completamente dominadas. **Montes de Gilboa** (21), o local onde a batalha foi travada e perdida. **Campos de ofertas alçadas** (21), isto é, colheita da qual as ofertas das

primícias seriam tiradas - até mesmo a terra é convocada a prantear, ao tornar-se estéril.

As explorações militares de **Saul e Jônatas** são citadas em 22,23. A **gordura dos valentes** (22), isto é, “a carne dos valentes” (Moffatt). As **filhas de Israel** (24) são convocadas a chorar sobre Saul, que de forma exuberante lhes havia favorecido. A elegia termina com um tributo especial à amizade de Jônatas: **Angustiado estou por ti, meu irmão Jônatas; quão amabilíssimo me eras! Mais maravilhoso me era o teu amor do que o amor das mulheres** (26). A generosa nobreza de todo o poema é um tributo ao caráter de Davi. Poderia se esperar que ele exultasse com o fim da perseguição que o havia afastado da família e de sua terra natal, e da perspectiva de logo se tornar rei; mas, ao invés disso, ele voltou seus pensamentos para as qualidades admiráveis de Saul, e ao seu sentimento autêntico por Jônatas.

Matthew Henry destaca o espírito excelente que Davi mostra nos versículos 19-27. Ele possuía “o verdadeiro espírito de grandeza”. Ele foi: (1) Generoso para com o seu inimigo, Saul, ao omitir os seus defeitos e louvar o que era digno, 17,18,21,24; (2) Grato a Jônatas, seu maior amigo, 22,26; (3) Profundamente preocupado com o bem-estar do povo, 19,25,27; (4) Profundamente preocupado com a honra de Deus, 20.

2. *Davi, Rei de Judá* (2.1-7)

Logo depois, Davi buscou a direção do Senhor quanto a retornar a Judá, e foi instruído a ir para **Hebrom**, cerca de trinta quilômetros a sudoeste de Jerusalém (1). Ele e todo o seu grupo, com suas famílias e bens domésticos, mudaram-se de Ziclague para as **cidades de Hebrom** (3), e o plural refere-se ao fato do nome se aplicar a quatro cidades agrupadas. Ela fora conhecida anteriormente como Quiriate-Arba (Js 20.7), que significa “cidade quádrupla” ou “tetrópolis”. Ali os seus habitantes se ajuntaram e **ungiram... a Davi rei sobre a casa de Judá** (4).

Nos versículos 1-4 podemos ver “a descoberta e a atitude de se fazer a

vontade de Deus”. (1) As circunstâncias transformadoras devem fazer voltar nossa mente ao caminho que Deus nos mandaria tomar, 1; (2) A direção de Deus é, às vezes, muito específica, 1; (3) A obediência humana deve seguir a direção divina, 2,3; (4) A bênção segue a obediência.

Informado do ato heróico dos homens de Jabes-Gileade, ao sepultarem Saul e seus filhos, Davi enviou uma mensagem de apreço por eles. Ele também sugeriu que considerassem o fato de Judá tê-lo feito rei (5-7). Nada resultou disso no momento, a não ser a hostilidade arraigada que existia entre Abner, comandante militar de Saul, e Joabe, que serviu a Davi em uma função similar. [2](#) [3](#)

A cronologia de 10,11 é difícil. Várias tentativas têm sido feitas para reconciliar os dois anos de reinado de Isbosete com os sete anos e meio do reinado de Davi sobre Judá em Hebrom. Foi sugerido por John Bright que Davi continuou a residir em Hebrom cinco anos e meio após a morte de Isbosete, antes de fazer de Jerusalém a sua capital². É mais provável que a solução para a discrepância esteja em **todo o Israel (9)**. Isto é, Isbosete dirigiu um governo de refúgio em Maanaim por cinco anos e meio após a morte de Saul, até que o governo israelita fosse restabelecido pelo menos na parte oeste do Jordão. Seu reinado sobre todo o Israel começou, então, quando ele tinha a idade de quarenta anos, apenas dois anos antes de ser assassinado.

4. *Abner e Joabe (2.12—3.1)*

Esta seção fala de uma campanha iniciada por Abner, capitão das forças de Isbosete, contra Joabe, capitão de Davi. **Saiu... de** (12) é a frase hebraica técnica para ir à guerra. Os homens de Davi encontraram-se com as forças invasoras perto do **tanque de Gibeão** (13), ao norte de Hebrom, capital de Judá, e onde as ruínas de um grande reservatório foram encontradas. Doze jovens soldados foram escolhidos de cada lado para uma competição de campeões (como em 1 Samuel 17). **Joguem** (14); o conflito armado sério e fatal que só terminaria com a morte. Quando a competição terminou empatada com a morte de todos os competidores, iniciou-se uma batalha geral que se transformou na derrota de Abner e seus homens

(16,17). **Heleate-Hazurim** significa campo das espadas.

O ponto mais importante no registro da batalha é a explicação da inimizade entre Joabe, capitão de Davi, e Abner. O primeiro, sobrinho de Davi (1 Cr 2.15,16), tinha dois irmãos no exército, Abisai (1 Sm 26.6) e Asael, notado posteriormente por ser ligeiro de pés. Este partiu para alcançar Abner, e não seria dissuadido embora obviamente não fosse páreo para o homem mais velho em um combate corpo a corpo. Os soldados em perseguição pararam ao chegar ao corpo de Asael, porque a noite se aproximava (18-24). Os soldados de Abner **fizeram um batalhão**, isto é, reagruparam as suas forças depois da pausa na batalha, e Abner rogou a Joabe que parasse com a matança inútil que resultaria apenas em mais amargura (25,26).

Joabe concordou com uma trégua. Suas palavras (27) têm sido entendidas de diversas maneiras. Ou ele quis dizer que se Abner não houvesse pedido uma trégua, a perseguição e a matança teriam continuado por toda a noite e adentrado pela manhã seguinte, ou ele quis dizer que se Abner tivesse falado antes, a batalha não teria ocorrido ou não teria durado tanto tempo. As duas forças se separaram, e por longas marchas noturnas voltaram para as suas respectivas capitais; Joabe com a perda de 20 soldados, e Abner com uma perda de 360 (28-32). **A planície** (29) era a do vale do Jordão perto de Jericó. **Todo o Bitrom** (29), literalmente “os lugares escarpados”, provavelmente a leste do Jordão. Asael foi sepultado em Belém **na sepultura de seu pai**, no caminho de volta a Hebrom (32). O texto em 2 Samuel 3.1 indica uma hostilidade contínua, provavelmente não iniciada por Davi, com o resultado da força crescente da causa deste e com a fraqueza decrescente da causa de Isbosete. ⁴ 14.49-51; 2 Sm 5.13-16; 1 Rs 3.1; 14.21; 15.2,9). Davi casara-se com Ainoã e Abigail durante os seus anos de refúgio. Amnom, o primeiro filho de Ainoã era, portanto, seu herdeiro legítimo. O filho de Abigail é aqui intitulado de **Quileabe** (3); mas é chamado de Daniel em 1 Crônicas 3.1; não é incomum para os personagens bíblicos terem mais de um nome. Quatro outras esposas são citadas, inclusive a filha do **rei de Gesur**, algo possivelmente típico das alianças políticas que nos tempos do Antigo Testamento

eram freqüentemente seladas com um casamento entre os membros das famílias reais envolvidas. O texto em 1 Crônicas 3.5-9 completa o registro da família de Davi com uma lista de mais treze filhos. Sobre a poligamia no Antigo Testamento, cf. comentário sobre 1 Sm 1.2.

6. *O Colapso do Reinado de Isbosete* (3.6—4.12)

O balanço deste capítulo, inclusive o de número 4, descrevem todos os acontecimentos resumidos em 3.1.

a. Isbosete se indispõe com Abner (3.6-11). O domínio por trás do trono de Isbosete era o de seu comandante militar Abner. **Abner se esforçava na casa de Saul** (6), isto é, “Abner estava fortalecendo a sua própria posição dentro do grupo de Saul” (Berk.). O jovem rei acusou seu capitão de ter um relacionamento impróprio com uma das concubinas de seu pai, chamada **Rispa** (7). Se a acusação fosse verdadeira, isto bem poderia ter significado que Abner tramava tomar o trono, visto que o harém de um rei oriental sempre passava para o seu sucessor.

A acusação deixou Abner furioso, e ele jurou transferir o reino para Davi, um juramento que deixou Isbosete calado de tanto temor (8-11). **Cabeça de cão** (8), uma expressão para alguém totalmente desprezível. **Transferindo** (10), passando o controle. **Desde Dã até Berseba**, isto é, do extremo norte até a fronteira do sul. Davi já estava de posse de Berseba. O território de Isbosete uniria todo o país sob o governo de Davi.

b. Abner negocia com Davi (3.12-21). Abner não perdeu tempo em colocar em ação seu plano de entregar seu protegido, Isbosete, a Davi. Por isso, enviou seus mensageiros a Hebrom com uma oferta de **aliança** (12) ou acordo em que Abner traria todo o Israel sob o governo de Davi. Este concordou em negociar somente com a condição de que **Mical, filha de Saul**, sua primeira esposa (1 Sm 18.27), lhe fosse devolvida (13). É possível que o propósito de Davi não fosse tanto ganhar mais uma mulher, mas sim fortalecer a sua reivindicação ao reinado, ao ser novamente reconhecido como o genro de Saul. Ele endereçou a sua exigência diretamente a Isbosete, que ordenou ou

permitiu que Abner tirasse Mical de seu então marido (14-16). Seu ato não trouxe qualquer satisfação futura a Davi, uma vez que Mical aparentemente não sentiu mais o amor que no início demonstrava por ele (6.20-23).

Enquanto isso, Abner enviou mensageiros aos anciãos de Israel, para rogar-lhes que agissem prontamente. Ele lhes lembrou das promessas de Deus de livrar o povo das mãos dos filisteus por intermédio de Davi (17,18). Ele procurou, particularmente, consentir com a tribo de Saul, Benjamim, e assim foi pessoalmente a Davi em Hebrom, acompanhado por uma escolta de **20 homens** (19,20). Um banquete foi realizado com a finalidade de selar o acordo. Depois disso, Abner e seus homens partiram para executar o plano de trazer toda a nação sob o governo de Davi (21).

c. *Abner é assassinado* (3.22-39). Joabe, nesse meio tempo, estivera longe de Hebrom em uma expedição militar. Quando voltou e soube da visita de seu oponente, ficou furioso e acusou-o de ter vindo como um espião (22-25). Sem o conhecimento de Davi, enviou mensageiros após Abner, que o alcançaram a aproximadamente três quilômetros de Hebrom, no **poço de Sira** (26), e trouxeram-no a Hebrom sob algum pretexto. Joabe chamou Abner em separado como para uma conferência particular e matou-o a sangue frio em vingança pela morte de seu irmão Asael (cf. 2;18ss.). O versículo 30 indica que o outro irmão, Abisai, foi um cúmplice na traição.

A reação de Davi foi proclamar a inocência de si mesmo e de seu reino, e requereu o juízo de sangue sobre **a cabeça de Joabe e sobre toda a casa de seu pai** (29). **Nunca da casa de Joabe falte...**, isto é, “que sempre possa haver na casa de Joabe alguém que sofra de fluxo”, etc. (30, Berk.). O rei lançou sobre a família do assassino as mais amargas calamidades: morrer de hemorragia ou lepra, ficar extremamente magro e fraco, morte por suicídio ou de fome. A força dessas palavras mostra a reação súbita que Davi expressou contra a traição sofrida por alguém que, há poucos momentos, desfrutara de sua hospitalidade.

Davi convocou um luto geral, e ele mesmo seguiu o corpo de Abner em

seu sepulta-mento em Hebrom (31,32). **Rasgai as vossas vestes, cingi-vos de panos de saco** (31), os sinais de profunda tristeza. **Não morreu Abner como morre o vilão?** (33), isto é, chegaria ao fim um homem nobre com a fama de um *nabal*, um homem desprezível e mau? **As tuas mãos não estavam atadas, nem os teus pés, carregados de grilhões** (34); por não suspeitar o mal, Abner não fez qualquer tentativa de defesa ou fuga. O luto continuou com um jejum por todo o dia, observado tanto pelo rei como pelo povo (35,36). A conduta e a evidente sinceridade do rei deixaram claro para todas as tribos de Israel que a morte de Abner não foi determinada por ele (37). O versículo 38 é um texto fúnebre muito popular: **Não sabeis que, hoje, caiu em Israel um príncipe e um grande?** Davi sentiu a sua fraqueza diante da amarga vingança de Joabe e Abisai, os filhos de Zeruia. **São mais duros do que eu** (39); significa “são duros demais para mim” (Berk.).

d. O assassinato de Isbosete (4.1-12). Amorte de Abner trouxe consternação e confusão ao povo de Israel e a Isbosete (1). Neste ponto, dois dos capitães de tropas de Saul, chamados **Baaná e Recabe, filhos de Rimom** (2), da tribo de Benjamim, decidiram fazer justiça com as próprias mãos. Eles eram moradores da cidade de Beerote, que aparentemente havia sido destruída na época em que o relato foi escrito, quando seus habitantes **fugiram... para Gitaim** (3), que também estava em Benjamim. **Até ao dia de hoje** sugeriria uma data pré-exílio para a escrita deste livro. Um versículo parentético (4) fala de Mefibosete, filho de Jônatas, que era coxo desde a idade de cinco anos. Ele fora derrubado involuntariamente por sua ama na ocasião em que esta fugia com ele quando chegaram as notícias da derrota do exército israelita, e da morte de Saul e Jônatas (cf. 9.1-13). Amenção do defeito físico de Mefibosete é provavelmente feita para explicar por que Saul não tinha outros descendentes que pudessem reivindicar o trono.

Os dois conspiradores foram ao meio-dia, **no maior calor do dia** (5), para a casa de Isbosete, a fim de ganhar a entrada com o pretexto de buscar **trigo** (6). Ao encontrarem o rei reclinado em sua cama, apunhalaram-no e cortaram a sua cabeça. Viajaram durante a noite

até Davi em Hebrom, na suposição de que seriam recompensados por terem eliminado o opositor do rei da tribo de Judá (7,8). A reação de Davi foi ainda mais violenta do que quando a notícia da morte de Saul foi trazida pelo jovem amalequita, fato este que ele lembrou aos dois irmãos **(9,10; cf. 1.14-16)**. De forma muito mais covarde do que a morte de um rei ferido no campo de batalha, assim foi a morte de um homem inocente **em sua casa, sobre a sua cama (11)**. Os assassinos foram imediatamente executados, e a cabeça de Isbosete enterrada na sepultura de **Abner, em Hebrom (12)**.

B. Davi Reina sobre toda a Nação, 5.1—10.19

1. A Coroação (5.1-5)

A base havia sido preparada para trazer os remanescentes do reino de Saul sob o governo de Davi. **Todas as tribos de Israel (1)** vieram a Davi e disseram: **Eis-nos aqui, teus ossos e tua carne somos**, ligados por laços comuns de nacionalidade e parentesco. Eles lembraram que, mesmo enquanto Saul era rei, era Davi que comandava o exército. Além disso, eles estavam cientes da promessa que Deus havia feito a Davi: **Tu apascentarás o meu povo de Israel e tu serás chefe sobre Israel (2)**. **Davi fez com eles aliança [berith] (3)**, um termo usado como referência ao relacionamento entre Deus e Israel no Sinai. Este foi um acordo baseado na confiança mútua, geralmente selada com o sacrifício de um animal. **Perante o Senhor**, significa com cerimônias religiosas.

A nota cronológica de 4,5 nos diz que Davi tinha trinta anos de idade quando se tornou rei pela primeira vez, e que ele reinou durante um total de quarenta anos - sete anos e meio em Hebrom sobre Judá, e trinta e três anos em Jerusalém sobre toda a nação de Israel e Judá. Deve ser observado que a união de Judá com o restante das tribos foi sempre um tanto frágil, e forneceu a linha mestra de separação na qual o reino se dividiu após a morte de Salomão.

2. Jerusalém Estabelecida como a Capital (5.6—7.29)

A primeira ação de Davi como rei foi um golpe de engenhosidade

política [4]. Nem Maanaim, onde Isbosete havia reinado, nem Hebrom, que havia sido a capital de Judá, eram adequadas para serem a capital da nação. A primeira ficava na Transjordânia, fora da própria terra da Palestina; a segunda estava longe, ao sul, identificada muito mais com a tribo de Judá. Assim Davi e seus homens vieram a Jerusalém, uma antiga cidade jebusita, situada no sul de Benjamim, mas não distante da fronteira norte de Judá. Ela fica em um planalto na região montanhosa, aproximadamente 32 quilômetros a oeste da extremidade norte do mar Morto. O terreno é fortificado pela própria natureza de tal maneira que, em tempos antigos, foi capaz de resistir a longos cercos. Embora situada no coração da Palestina, a cidade - então chamada de Jebus - jamais fora conquistada pelos israelitas, e era ocupada por uma tribo cananita conhecida como “os jebuseus”.

o. Captura e ocupação da cidade (5.6-16). A guarnição de defesa de Jerusalém era tão confiante, e sentia-se tão segura, que seus líderes insultaram Davi com palavras que deveríamos provavelmente traduzir como: “Não podes entrar aqui, porque até mesmo os cegos e os coxos podem repelir os teus ataques” (6). Sua exultação duraria pouco, pois os homens de Davi logo anularam as defesas e entraram na fortaleza. A referência ao **canal** (8), mais propriamente, ao túnel de água, não está inteiramente clara, mas pode fazer referência a um duto não vigiado através do qual os soldados de Davi foram capazes de rastejar, e passaram dessa forma pelas meticulosas defesas. Tem sido sugerido que o sistema de água descoberto pelos arqueólogos do *Fundo de Exploração da Palestina*, pouco depois de 1922, pode ter identificado a entrada. Este sistema consistia de um poço ligado a um túnel vertical que levava a uma fonte do lado de fora dos muros. O texto em 1 Crônicas 11.4-7 identifica Joabe como o capitão que conduziu a ousada expedição⁶. O insulto dos jebuseus fez surgir o provérbio: **Nem cego nem coxo entrarão nesta casa (8).**

Um nome familiar por todo o restante do Antigo Testamento é encontrado pela primeira vez aqui. **Sião** (7) era o monte sobre o qual a fortificação dos jebuseus estava situada, e, posteriormente, se tornou o local para onde Davi levou a arca da aliança. O nome foi mais tarde

estendido para incluir toda a área do Templo, e o monte Sião tornou-se o deleite e a alegria do povo de Deus ao longo dos séculos. Esta se tornou conhecida como **a Cidade de Davi** (7,9). **Milo** (9) é um termo de significado incerto, talvez uma fortificação de terra como parte das defesas da cidade⁶.

Os versículos 11-16 são uma previsão resumida de alguns aspectos da ocupação de Jerusalém por Davi. Uma casa real foi construída para o novo rei de Israel por Hirão, rei de Tiro, uma cidade-estado na costa mediterrânea voltada à direção noroeste, que era célebre por seus excelentes artesãos e construtores (11). Este foi o início de uma longa associação entre Tiro e Israel (cf. 1 Rs 5.1, onde, nos dias de Salomão, lemos: **“porquanto Hirão sempre tinha amado a Davi”**). Nos acontecimentos que cercaram a sua coroação e seu estabelecimento em Jerusalém, **entendeu Davi que o Senhor o confirmava rei sobre Israel e que exaltara o seu reino por amor do seu povo** (12). Foi dada uma lista dos filhos de Davi nascidos em Jerusalém (13-16; cf. 1 Cr 3;1-9).

b. A derrota final dos filisteus (5.17-25). Os filisteus, os quais estiveram satisfeitos em ver a Palestina dividida em dois reinos pequenos e hostis sob os governos de Isbosete e Davi, viram na união das doze tribos de Israel - com Jerusalém como a sua capital - uma séria ameaça ao seu domínio na região (17). Eles agiram rapidamente e marcharam para as próprias portas de Jerusalém, e ocuparam o vale até o sudoeste. **O vale dos Refains** (18), ou “vale dos gigantes” (Js 15.8), é identificado como limítrofe ao vale de Hinom, que fica ao sul da cidade.

Davi, como costumava fazer, consultou ao Senhor, e recebeu a promessa de que Ele entregaria seu inimigo em suas mãos (19). Os movimentos de seu exército, que era menor, porém consolidado, não estão inteiramente claros a partir do relato. Os termos: **desceu** (17) e **subiu** (19) não se encaixam inteiramente na topografia do monte Sião, que era mais alto do que o campo à sua volta. Tem sido conjecturado que quando Davi soube da aproximação dos filisteus, ele desceu para o meio de sua família, a **fortaleza** (17), em Adulão. Dessa

forma, flanqueando os filisteus, ele os golpeou inesperadamente a partir da lateral, e assim derrotou as suas forças. A sua declaração: **Rompeu o Senhor a meus inimigos diante de mim, como quem rompe águas** (20), parece sugerir uma força repentina e esmagadora que rompeu sobre o inimigo como uma inundação extremamente veloz.

Os filisteus, porém, logo reagruparam suas tropas e investiram outra vez contra Jerusalém, após ocuparem o mesmo **vale dos Refains** (22). Desta vez o movimento de flanco é claramente descrito, pois o Senhor instruiu Davi a não fazer um ataque frontal, mas a **rodar por detrás** (23), isto é, marchar em torno do inimigo, vindo sobre ele a partir de um arvoredo de amoreiras (23). Seu sinal para o ataque deveria ser o som de **um estrondo de marcha pelas copas das amoreiras, então... E o Senhor que saiu diante de ti** (24); a maneira exata como isto ocorreu não nos é informada, mas talvez tenha sido pelo mesmo som estridente de um batalhão em marcha, o qual deveria ser o sinal para Davi. Desta vez a vitória foi completa e decisiva. Davi e seus soldados feriram os filisteus **desde Geba até chegar a Gezer** (25). Esta primeira localidade ficava perto de Jerusalém, e a segunda estava longe, a noroeste. O texto em 1 Crônicas 14.17 acrescenta o seguinte comentário sobre a fama desta vitória: “Assim se espalhou o nome de Davi por todas aquelas terras; e o Senhor pôs o seu temor sobre todas aquelas gentes” (cf. 1 Cr 14.8-17 para um relato paralelo).

Com armas espirituais e não carnis (2 Co 10.4); podemos ver nos versículos 22-25: “Uma convocação para pegar em armas”. (1) A nossa batalha é contra as grandes situações contrárias, 22; (2) Ela deve ser desempenhada com oração pela direção e ajuda de Deus, 23; (3) Deve ser desempenhada sob a direção divina, 23,24; (4) Devemos nos unir em tempo de crise, 24; (5) O resultado vitorioso, 25.

c. *O resgate da arca* (6.1-23). Davi, outra vez, reuniu um grupo selecionado de 30.000 homens, desta vez com um intento pacífico (1). O novo rei desejava que Jerusalém fosse não só a sua capital militar e política, mas também o centro religioso da nação. Ele determinou, portanto, que se trouxesse para a nova capital a arca do Senhor, o

símbolo mais sagrado da presença divina, que estava em Quiriate-Jearim (aqui chamada de **Baalá**, 2; 1 Cr 13.6), onde ela estivera por aproximadamente setenta anos. **Os querubins** eram imagens de anjos alados entalhados acima do propiciatório ou tampa da arca.

O empreendimento terminou em uma tragédia. Por alguma razão não explicada, a arca foi colocada em um **carro** novo, ao invés de ser transportada conforme a determinação de Deus, sobre os ombros dos sacerdotes (3). Ela foi guiada por dois dos filhos de **Abinadabe**, em cuja casa havia repousado, homens cujos nomes são **Uzá** e **Aiô**.

Em Gibeá... (3) e (4); este termo deve provavelmente ser traduzido não como o nome de um lugar, mas com o significado de *gibeah*, que é “monte” ou “outeiro”. Assim, os versículos podem ser lidos como em Moffatt: “A casa de Abinadabe, que estava no outeiro”. Havia três cidades com o nome de Gibeá no Antigo Testamento, mas nenhuma delas ficava perto de Quiriate-Jearim, ou que fosse esta própria cidade.

O destacamento partiu com grande alegria, Davi e aqueles que com ele se regozijavam perante o Senhor com diversos tipos de instrumentos (5). A versão *Berkeley* identifica os instrumentos musicais do seguinte modo: Com toda sorte de instrumentos de madeira de faia, com harpas, e com saltérios, e com tamboris, e com pandeiros, e com címbalos. Mas a alegria durou pouco. O carro chegou a um local chamado “Quidom” em 1 Crônicas 13.9. Como era tão freqüentemente citado, o mesmo lugar pode ter tido mais de um nome. Também é possível que Nacom fosse o nome de um homem, e Quidom o lugar onde a sua eira estava localizada. Ali os bois tropeçaram e tombaram a arca, e Uzá estendeu a sua mão para segurá-la (6). O resultado foi uma morte instantânea, pois as mãos humanas jamais poderiam tocar naquele objeto sagrado (7; cf. Êx 25.14,15; Nm 4.15,20; 7.9). **Por esta imprudência (7)** também significa “erro” ou “negligência”. O texto em 1 Crônicas 13.10 acrescenta: “Por ter estendido a mão à arca”.

Várias tentativas têm sido feitas para suavizar a severidade deste juízo sobre Uzá. Israel deve ter aprendido a observar a sua própria lei, e a espantosa majestade de Deus jamais deve ser obscurecida. Visto

que a arca havia estado na casa de Abinadabe durante toda a vida de Uzá, ele deveria saber como tratá-la com o cuidado e o respeito adequados. O fato é que simplesmente não sabemos o suficiente sobre as atitudes, o treinamento e a inspiração de Uzá para julgarmos o espírito no qual ele agiu, ou a justiça do juízo que veio sobre ele. Só podemos saber que o Juiz de toda a terra sempre fez e sempre fará o que é certo (Gn 18:25).

A primeira reação de Davi foi de desgosto pela morte de Uzá (8). Seu sentimento seguinte foi mais propriamente de temor no sentido de reconhecer o assombro do julgamento divino **(9)**. “O temor do Senhor” é uma frase freqüente no Antigo Testamento que deve ser entendido como reverência e um profundo sentimento de espanto diante da luz abrasadora da infinita santidade de Deus. Como resultado, Davi abandonou seu plano de levar a arca para Jerusalém. Ele fez com que ela fosse levada **à casa de Obede-Edom, o geteu (10)**, onde permaneceu por **três meses (11)**, e o resultado foi que “abençoou o Senhor a Obede-Edom e a toda a sua casa”. O significado de **geteu (10)** não é inteiramente claro. É possível que Obede-Edom fosse de Gate, na Filístia, e neste caso poderia ter sido um membro da guarda de Davi, com o qual outros geteus serviam **(15.18,19)**. É mais provável que ele fosse da cidade levítica ou sacerdotal de Gate-Rimom em Dã (Js **19.45; 21.24**), e que no caso ele tenha sido provavelmente o levita que marchou diante da arca quando ela foi finalmente levada para Jerusalém (**1 Cr 15.24; 16.38**; etc.). Alguns notaram o fato de que, embora Obede-Edom fosse especialmente abençoado durante os três meses em que a arca esteve em sua casa, não há menção de qualquer bênção recebida com a presença da arca na casa de Abinadabe. Isto pode indicar uma culpa por negligência por parte dos filhos ou netos dele⁷.

Quando os relatórios das bênçãos recebidas por causa da arca chegaram a Davi, ele decidiu novamente trazer os objetos sagrados para a capital. O paralelo em 1 Crônicas 15.1-16.43 dá muitos detalhes adicionais. **Os que levavam a arca (13)** - ela estava agora sendo transportada adequadamente, nos ombros dos sacerdotes designados. **Davi saltava [ou dançava]... diante do Senhor (14)**,

uma forma de regozijo religioso que expressava a alegria da ocasião. **Um éfode de linho** (14) indica a natureza religiosa da celebração. Havia também **júbilo** e **som de trombetas** (15) enquanto a arca era transportada.

Mical, a filha de Saul, obviamente não tinha interesse por todo aquele procedimento. Ao invés de se juntar às festividades, ela **estava olhando pela janela (16)** como uma espectadora, ao invés de ser uma participante. A maioria das críticas vem daqueles que meramente observam durante as atividades religiosas sem tomar parte delas. Visto que uma emoção que não é compartilhada compreensivelmente, geralmente incomoda, Mical **desprezou Davi no seu coração**. Seu comentário sarcástico e seus resultados são descritos nos versículos 20-23.

Andrew W. Blackwood viu nos versículos 1-15: “Anecessidade de uma igreja visível”. Ele sublinha: (1) A importância do cerimonial religioso, ao trazerem a arca, 1-5; (2) Aloucu-ra da interferência humana, 6-11; (3) O estabelecimento da arca em Jerusalém, 12-15.

O tabernáculo havia sido preparado, e a arca trazida para o seu interior é colocada **no seu lugar** (17), no Santo dos Santos. Davi, com os levitas (1 Cr 16.1), ofereceu ofertas queimadas e pacíficas, que serviram tanto para a expiação do pecado como uma expressão de ação de graças (Lv 1-7). Cada um do povo recebeu alimento para o banquete: **pão, carne, e um frasco de vinho** (19), ou no hebraico “um bolo de passas”, uvas secas prensadas na forma de um pequeno bolo. Depois disso, podemos ter certeza de que com grande alegria **foi-se todo o povo, cada um para sua casa** (19).

Voltando Davi para abençoar a sua casa (20), ele se deparou com o inesperado e amargo desprezo de Mical: **Quão honrado foi o rei de Israel, descobrindo-se hoje aos olhos das servas de seus servos** (20). O ressentimento de Mical era duplo: pelo rei ter trocado as túnicas reais pelo leve éfode de linho dos sacerdotes; e por ter se misturado com o povo comum - **aos olhos das servas de seus servos como sem vergonha se descobre qualquer dos vadios**, é quase uma acusação de uma exposição indecente. A resposta de Davi

foi que ele havia se **alegrado perante o Senhor** (21), que o havia escolhido como rei em detrimento do pai de Mical e de seus irmãos. Ele se humilharia ainda mais; porém as servas a quem Mical sarcasticamente se referiu, reconheceriam a mão de Deus e lhe dariam o respeito que a sua mulher lhe havia negado (22). A atitude de Mical lhe custou muito caro, pois ela foi estéril (23), a maior reprovação que poderia sobrevir a uma mulher oriental (cf. 1 Sm 1.5).

d. O desejo de Davi de construir o templo é negado (7.1-29). Os capítulos 7 e 8 são praticamente idênticos a 1 Crônicas 17 e 18. A ordem aqui é lógica, mas não cronológica, uma vez que é suposta uma passagem de tempo em 1 e 9. O registro do desejo contrariado de Davi de construir o Templo é colocado aqui, porque ele logicamente segue o transporte da arca para Jerusalém e o levantamento do Tabernáculo naquela localidade. Quando Davi estava estabelecido em sua própria **casa de cedros** (2), ele se deu conta da incongruência entre a magnificência de sua casa e o fato de que a arca do Senhor ainda morava **dentro de cortinas**, as tapeçarias e as peles curtidas de animais das quais o Tabernáculo era feito. Natã, o profeta, que aparece aqui pela primeira vez, mas com frequência depois disso, aprovou o propósito implícito do rei (3).

Naquela noite, porém, **veio a palavra do Senhor** (4) ao profeta em uma **visão** (17), para instruí-lo a reprimir o propósito de Davi. A mensagem deveria ser introduzida com a fórmula profética: **Assim diz o Senhor** (5). A pergunta: **Edificar-me-ias casa para minha habitação?** (5) é uma negativa retórica, e no paralelo em 1 Crônicas 17.4 lê-se: “Tu me não edificarás uma casa para morar”. A arca, que simbolizava a presença do Senhor, não tinha um lugar fixo de morada, e Deus não havia ordenado que ele fosse construído (6-7). **Qualquer das tribos de Israel** (7) - a leitura de 1 Crônicas 17.6, “algum dos juizes de Israel”, se encaixa melhor neste contexto.

O Senhor lembrou a Davi de sua elevação da **malhada** (8), ou do aprisco das ovelhas, para o trono; das vitórias que haviam sido alcançadas (9); de sua provisão de uma terra para o povo (10); e assegurou-lhe sobre a permanência de sua dinastia (11). No entanto,

um filho de Davi, então por nascer, é que edificaria **uma casa ao nome do Senhor** (13), e **o trono do seu reino** seria estabelecido **para sempre**. Embora não expressamente declarado aqui, os textos em 1 Reis 5.3 e 1 Crônicas 28.2,3 acrescentam o motivo pelo qual Davi não poderia construir o Templo; isto é, que ele havia sido um homem de guerra e havia derramado muito sangue.

A dinastia de Davi deveria continuar através de seus filhos, e não seria dividida como foi a casa de Saul (14-16). Os versículos 14 e 15 às vezes têm sido citados como evidência para a teoria de que um filho de Deus jamais pode se perder, e que quando esta pessoa peca, ela será castigada, mas não condenada. O que está em vista aqui não é a salvação pessoal de Salomão, mas a posição da dinastia de Davi. Fora este fato, tal interpretação é impossível à luz de passagens como 2 Crônicas 15.2; Isaías 59.1,2; Ezequiel 18.26; 33.12,13,18; João 15.2,6; Romanos 6.1,2; 11.22; 1 Coríntios 9.27; Hebreus 6.4-6; 10.26-29; 10.38,39; 2 Pedro 2.18-22; 1 João 2.4; 3.8,9.

Deve ser destacado que estas profecias do reino são cumpridas, não inteiramente em Salomão, mas no “maior Filho de Davi”, o Senhor Jesus Cristo (Hb 1.5; Lc 1.31-33; At 2.29-31; 13.22-23). Nenhum reino meramente terreno poderia permanecer **para sempre** (13,16).

Natã falou fielmente a Davi **conforme todas estas palavras e conforme toda esta visão** (17). A reação do rei mostra humildade, gratidão e resignação à vontade de Deus. Ele **entrou** (18), provavelmente no Tabernáculo, e **ficou perante o Senhor** em meditação e oração. A sua oração expressa a admiração por Deus tê-lo escolhido e lhe feito promessas para um longo futuro. A frase: **E isso o costume dos homens, ó Senhor Jeová?** (19) pode significar: “E isto está muito além do poder que o homem tem de fazer previsões”; ou podemos ler na passagem paralela em 1 Crônicas 17.17: “Proveste-me, segundo o costume dos homens, com esta exaltação, ó Senhor Deus”.

Davi não encontrou palavras para expressar os seus sentimentos ao Senhor (20), e só pôde reconhecer a soberania do propósito e da Palavra de Deus (21,22). Ele louvou ao Senhor por redimir Israel da

terra do Egito (23), o grande evento que é a parte central de toda a história do Antigo Testamento, e que constituiu Israel como o povo de Deus (24). Ele orou para que o Senhor cumprisse a sua promessa e exaltasse o seu nome (25,26). Foi esta promessa que incentivou o rei a orar como fez (27). Na confiança de que a palavra de Deus é verdadeira, ele concluiu com a petição: **E com a tua bênção será sempre bendita a casa de teu servo** (28,29).

Sob certo sentido, o capítulo 7 pode ser visto sob o título: “Fazendo das decepções os seus compromissos”. (1) Davi desejava construir a casa do Senhor, 1-3; (2) Deus se recusa a permitir que o desejo de Davi seja cumprido, 4-11; (3) O Senhor tinha outro plano, 12-17; (4) Davi aceitou a vontade de Deus sem amargura ou rebelião, 18-29.

3. As Vitórias posteriores de Davi (8.1—10.19)

Estes três capítulos cobrem o período de tempo que não é definido por nós, mas que provavelmente ocupou alguns anos. Os capítulos 8 e 10 estão particularmente relacionados com as conquistas militares; o capítulo 9, com a bondade de Davi para com o filho de Jônatas.

a. Estendendo o reino (8.1-18). Os filisteus eram o poder dominante que oprimia Israel por mais de meio século. A primeira tarefa de Davi foi remover esta ameaça do oeste. Ele derrotou estes inimigos naturais de Israel e capturou **Metegue-Amá (1)**, um termo composto que literalmente significa “rédeas da metrópole”, e que se refere a Gate e às suas cidades satélites (1 Cr 18.1), sempre uma grande ameaça para a paz de Israel.

Em seguida, o rei se voltou para o oriente, e atacou **os moabitas (2)**. Não somos informados como estes, que haviam sido amigos de Davi (1 Sm 22.3,4), haviam se tornado inimigos; e o motivo para o tratamento dele em relação a eles também não é inteiramente claro.

Aparentemente Davi ordenou a execução de dois terços do povo. **E os mediu com cordel (2)**. “Ele colocou os nativos em cordéis, fazendo-os deitar no chão; dois cordéis deles foram mortos, e um cordel deixado com vida” (Moffatt). Ele escravizou aqueles que restaram deles, e exigiu que lhe trouxessem presentes, ou seja, que lhe

pagassem tributos (2).

Hadadezer (10.16,19; 1 Cr 18.3), **filho de Reobe, rei de Zobá** (3), estava próximo de sentir a força do vigoroso e novo rei de Israel. Zobá, também chamada de Arã-Zobá (10.6, ou siros de Zobá), era um reino arameu (ou siro) ao norte da Palestina e a oeste do Eufrates.

Enquanto o seu rei estava ocupado com guerras de fronteira no leste, Davi atacou e causou uma derrota esmagadora, e particularmente aleijou uma enorme quantidade de cavalos, mas ele reservou alguns para **cem carros** (4). **Jarretou** significa incapacitou, e assim os inutilizou permanentemente.

Uma interpretação alternativa é que foi Davi quem **foi restabelecer o seu domínio sobre o rio Eufrates** (3), e desse modo entrou em conflito com Hadadezer, cujo território teria que atravessar. Em favor disto está a leitura de 1 Crônicas 18.3, “Indo ele estabelecer os seus domínios pelo rio Eufrates”. Quando **os siros de Damasco** (5) tentaram ajudar seus vizinhos, também foram fortemente derrotados; **guarnições** (6) foram colocadas em seus territórios, e eles lhe traziam **presentes**; isto é, **pagavam tributos**. **E o Senhor guardou a Davi**, ou “dava vitórias a Davi”, aonde quer que ele fosse. **Ouro e bronze**, dois metais preciosos, eram proeminentes no despojo que os israelitas capturaram (7,8).

A riqueza acumulada do reino de Davi, o ouro e a prata que eram consagrados **ao Senhor** (11), era aumentada por presentes enviados por Toí (10; ou Toú, 1 Cr 18.9), rei de Hamate, inimigo permanente de Arã-Zobá e Hadadezer. Estas dádivas eram trazidas por Jorão (ou Hadorão, 1 Cr 18.10), o filho do rei (9-11). Despojos de guerra obtidos dos amonitas, filisteus e amalequitas também são mencionados, como também uma derrota do exército siro no **vale do Sal** (13; 2 Rs 14.7), onde houve **18.000** baixas entre os inimigos. Nesta campanha Abisai, sobrinho de Davi, figura como comandante de campo (1 Cr 18.12). Edom também se tornou sujeito ao rei (14). **E o Senhor ajudava a Davi** (cf. comentário sobre 6).

A administração do reino é brevemente resumida em 15-18. Davi reinou com **juízo** (*.mishpat*, “leis, ordenanças, decisões judiciais”) e

justiça (*tsedeqah*, “justiça, integridade, equidade”) (15). **Joabe**, um dos sobrinhos de Davi e foi comandante de campo por muito tempo, estava à frente do exército; **Josafá, filho de Ailude**, que também serviu sob o governo de Salomão (1 Rs 4.3), **era cronista** (16) ou historiador. **Zadoque, filho de Aitube, e Aimeleque, filho de Abiatar, eram sacerdotes** (17), isto é, atuavam conjuntamente como sumo sacerdotes - uma situação que prevaleceu até que Aimeleque foi deposto (1 Rs 2.27) por apoiar a tentativa de Adonias de tomar a coroa de Salomão na ocasião em que Davi estava no leito de morte (1 Rs 1.7ss.). **Seraías** (ou Sausa, 1 Cr 18.16) era **escrivão**. **Benaia, filho de Joiada**, comandante da guarda real, estava no comando dos **quereteus** e dos **peleteus** (18) - estas companhias formavam a guarda pessoal de Davi. Os **quereteus** eram sem dúvida alguma uma tribo filistéia, e os **peleteus** provavelmente eram, igualmente, soldados filisteus mercenários; talvez os termos possam ser substantivos comuns e traduzidos como “executores” e “corredores”. Os próprios **filhos de Davi eram príncipes** (18); o idioma hebraico sugere a expressão “conselheiros confidenciais” - ou “chefes auxiliares” (Berk.).

b. Davi honra Mefibosete (9.1-13). Este capítulo reflete o favor de Davi, e é provavelmente datado por volta da metade do seu reinado de quarenta anos. Mefibosete tinha cinco anos de idade na época da morte de Saul e Jônatas (4.4). Quando foi chamado por Davi, ele próprio já tinha **um filho pequeno** (12). Durante uma pausa de suas guerras, Davi pensou em sua aliança com Jônatas, e buscou alguém da casa de Saul a quem pudesse prestar homenagens. Ziba, mordomo do rei antecessor, e ainda encarregado de suas propriedades, foi chamado, e contou a Davi sobre Mefibosete, o filho de Jônatas que era aleijado dos pés (4.4). Ele vivia na casa de **Maquir, filho de Amiel, em Lo-Debar** (4), do outro lado do Jordão, perto da antiga capital de Isbosete, Maanaim (cf. 17.27-29).

Davi mandou buscar Mefibosete, que, quando chegou, **se prostrou com o rosto por terra e se inclinou** (6). Este ato junto com o estímulo de Davi, **não temas** (7), aparentemente indica o medo do destino que geralmente pairava sobre os membros de famílias rivais

nas monarquias orientais. Mefibosete não sabia ao certo quais eram as intenções de Davi. O rei, entretanto, decretou a devolução de todos os bens de Saul, que haviam sido administrados por Ziba para o benefício do rei, e prometeu-lhe um lugar em sua mesa real continuamente. **Um cão morto tal como eu** (8): significa alguém tão desprezível quanto eu. Ziba foi instruído a continuar a administrar a propriedade, mas a trazer o produto a Mefibosete (9-11). Este filho de Jônatas tornou-se um membro da casa real em Jerusalém (12,13).

No capítulo 9 temos a lição: “Pagando a nossa dívida com o passado”. (1) Davi se lembrou da bondade de Jônatas, 1; (2) Ele buscou uma maneira de retribuir a seu amigo, 2-6; (3) Ele pagou a dívida que tinha com o passado, através de uma provisão para o futuro, 7-13.

c. *Aguerra com os amalequitas e siros* (10.1-19). Apaz não deveria durar, e a guerra que é mencionada em 8.12 é agora descrita. O texto em 1 Crônicas 19.1-19 é quase um paralelo. Naás, rei de Amom, morreu, e Davi desejou retribuir ao filho um antigo favor do pai (1). Ele, portanto, enviou mensageiros com expressões de condolências (2). Os príncipes amonitas, porém, insinuaram ao jovem Hanum que os mensageiros de Davi eram espias (3). Ele ordenou que eles fossem tratados com o mais extremo desprezo, e raparam **metade da barba** deles (4). Para poupá-los de mais indignidade, Davi lhes deu permissão de permanecer em Jerico até que suas barbas crescessem.

Os amonitas começaram a se preparar para a guerra. Eles **se tinham feito abomináveis para Davi** (6) (1 Cr 19.6). Eles contrataram uma tropa de 33.000 mercenários dos reinos siros do norte. **Bete-Reobe... Zobá** (6) - *bete* significa “casa de”; Reobe era o rei de Zobá (cf. 8.3). **Rei de Maaca** (6) (cf. 1 Cr 19.6). Este local parece ter sido uma cidade a nordeste de Israel, perto do monte Hermom. **Homens de Tobe** (8), um território a leste do Jordão. O paralelo em 1 Crônicas 19 também indica a presença de uma considerável força de cavalaria, e afirma que o preço pago foi mil talentos de prata. Esta era uma grande fortuna, uma vez que o valor aproximado de um talento de prata tem sido estimado em 1.500 dólares americanos.

Quando as notícias dos exércitos reunidos chegaram até Davi, ele enviou Joabe para tomar a ofensiva. A batalha ocorreu **à entrada da porta** (8) da capital da cidade de Amom, que era Rabá (veja o mapa). Joabe dividiu o exército israelita em dois contingentes e colocou seu irmão Abisai como responsável pela luta contra os amonitas, enquanto ele próprio tomou uma companhia selecionada para batalhar contra os mercenários siros (9-10). A **batalha, por diante e por detrás** (9), isto é, suas posições estariam vulneráveis dos dois lados. Os preparativos de Joabe eram tais que, se uma das forças parecesse estar em apuros, a outra viria em seu apoio (11). A exortação mostra tanto coragem como confiança na providência divina: **Sê forte, pois; pelejemos varonilmente pelo nosso povo e pelas cidades de nosso Deus; e faça o Senhor o que bem lhe parecer** (12).

O ataque de Joabe contra o contingente siro foi bem-sucedido. O inimigo foi derrotado e **fugiu** (13). Quando os amonitas viram que a batalha progredia, eles se retiraram rapidamente para a sua capital fortificada, e Joabe retornou a Jerusalém, talvez porque a hora fosse muito avançada para um cerco contra Rabá, ou porque ele previa um outro ataque siro posterior (14).

Os siros realmente se reagruparam, desta vez sob a liderança de seu príncipe mais poderoso, Hadadezer (8.3). Desta vez, o próprio Davi liderou o exército de Israel, e a derrota foi total. As baixas sírias incluíram 700 carros, 40.000 cavaleiros e Sobaque, o general. Assim, os siros estabeleceram a paz com Israel, tornaram-se tributários e não concederam mais ajuda aos amonitas (15-19). **Da outra banda do rio** (16), isto é, o Eufrates, indica uma mobilização geral da força síria. **Helã**, um lugar a leste do Jordão, provavelmente é a moderna cidade de Alma.

“Enfrentando as nossas batalhas sob a direção de Deus” é o tema dos versículos 614: (1) Devemos usar os nossos recursos humanos para alcançarmos a melhor vantagem, 6-11; (2) Devemos ser corajosos no conhecimento de que aquilo que defendemos é o povo de Deus e a obra do Senhor, 12; (3) Devemos *epodemos* confiar o resultado a Deus, 12-14.

C. O Pecado de Davi e suas Consequências, 11.1—14.33

O incrível realismo da Bíblia Sagrada é visto em seu relato do trágico pecado de Davi, e a longa lista de consequências deploráveis que se seguiram. ⁵ era um homem da guarda de elite do rei (23.39). O fato de ser heteu não o impediria de se tornar um seguidor do Deus de Israel, embora este povo estivesse incluído entre os cananeus que deveriam ser expulsos pelos israelitas.

O rei enviou mensageiros à casa de Bate-Seba para que a trouxessem até ele. Por medo ou por lisonja, ela cedeu aos seus desejos, e mais tarde retornou para sua casa. **Já ela se tinha purificado da sua imundície:** (4) esta frase possivelmente indica que o banho que Davi havia testemunhado era a purificação cerimonial que se seguia à menstruação (Lv 15.19ss.).

O mal gera o mal, e um pecado leva a outro. Bate-Seba descobriu que estava grávida e mandou comunicar a Davi (5). O rei agora começava um grande esforço para encobrir o seu pecado. A sua primeira tentativa foi convocar Urias sob o pretexto de inquiri-lo sobre o progresso da campanha, a fim de liberá-lo então para que fosse dormir com sua mulher (6-8). O fato de ele ter estado em condições de responder as perguntas feitas no capítulo 7 mostra que ele deve ter ocupado uma posição de grande responsabilidade no exército. Urias, porém, passou a noite com os servos diante da **porta da casa real** - o que explica sua resposta à pergunta de Davi no dia seguinte, que ele não poderia desfrutar dos prazeres do lar e da família enquanto seus companheiros sofriam as dificuldades do campo de batalha **(9-11)**. **Pela tua vida e pela vida da tua alma (11)** não é mera repetição, mas o modo costumeiro de reforçar um juramento.

O segundo esforço de Davi para encobrir o seu pecado envolvia deixar Urias embriagado, ciente que isto enfraqueceria a sua resolução. Ainda assim ele se recusou a ir para casa (12,13). Alguns têm pensado que talvez Urias estivesse desconfiado, e que talvez alguma palavra sobre o caso de sua mulher com o rei tivesse chegado até ele. Seja qual for a causa, a próxima manobra desesperada de Davi envolvia

um plano que traria a morte deste valoroso soldado. O guerreiro heteu carregou a sua própria sentença de morte em uma carta selada a Joabe, ordenando que o comandante expusesse Urias ao ataque inimigo mais concentrado - **para que seja ferido e morra** (15).

Joabe obedeceu às ordens de seu rei, e Urias morreu em batalha, vítima da luxúria e medo de seu próprio monarca. Quando Joabe precisou anunciar a derrota na batalha a Davi, ele instruiu o mensageiro a relatar o contratempo que o exército haviá enfrentado, e caso o rei parecesse irado diante do que parecia ser um serviço militar mau feito, ele deveria rapidamente relatar que **morreu também teu servo Urias, o heteu** (21). O versículo 21 indica que os escritos de Juizes, com o registro da morte de Abimeleque (Jz 9.50-54), eram amplamente conhecidos naquela época, e a sua história era considerada no caso de uma importante questão. Davi recebeu aquilo que para ele foram boas notícias, e enviou o mensageiro de volta com palavras de estímulo a Joabe (22-25).

Quando Bate-Seba soube da morte de seu marido, observou o habitual período de luto de sete dias, talvez de forma mais formal do que real. A sugestão do texto é que imediatamente após o término deste período, Davi a tomou como sua esposa e levou-a para o seu harém. O filho que nasceu pareceu então ter sido concebido no matrimônio (26-27). Bate-Seba parece ter sido uma mulher ambiciosa, e com toda probabilidade era uma parceira muito disposta na culpa do rei. Ela controlou Davi de muitas maneiras até o final de sua vida (1 Rs 1.11-31).

Dois pecados vis mancharam a honra do governante de Israel, mas isto aparentemente não perturbou nem um pouco a sua consciência. O caso todo poderia ter passado sem o conhecimento público e ter sido rapidamente esquecido, exceto por um fato: **Porém essa coisa que Davi fez pareceu mal aos olhos do Senhor** (27). Embora outros monarcas orientais pudessem acreditar que eram senhores absolutos sobre a vida de seu povo, o rei de Israel é claramente mostrado como alguém que está sob o juízo de Deus.

O capítulo 11 é uma vivida lição sobre “como os pecados se

acumulam”. (1) Davi ficou em casa no momento em que os reis geralmente saíam para a guerra, 1; (2) A ociosidade levou à aparência do mal e à luxúria, 2,3; (3) A luxúria levou à imoralidade e ao perigo de exposição, 4,5; (4) O perigo levou às tentativas de encobrir um passado tortuoso, 6-13; (5) O fracasso no engano levou ao assassinato, 14-25; (6) O juízo de Deus sobre o caminho da iniquidade, 26,27.

2. *Natã e Davi* (12.1-25)

O profeta Natã (cf. comentário sobre 7.2) foi enviado pelo Senhor para confrontar Davi com seu pecado. Dramaticamente usou uma parábola simples, mas admirável para revelar a verdade à consciência do rei. A sabedoria desta abordagem faz um paralelo com o discurso de Paulo aos atenienses no Areópago (At 17.22-31). Cada elemento da parábola é planejado para estimular a solidariedade do rei e ultrajar o seu senso de justiça: um homem pobre com apenas uma cordeira, a qual ele amava com grande estima; um homem rico com uma riqueza abundante em rebanhos e gado; a cruel desconsideração pelos sentimentos e direitos de seu pobre vizinho ao tomar-lhe a única cordeira e matá-la para os seus convidados (1-4).

A reação de Davi foi imediata e correta. A sua ira foi provocada, e ele declarou: **Digno de morte é o homem que fez isso** (5), ou como o hebraico o expressa literalmente: “é um filho de morte”. Além disso, a cordeira roubada deveria ser restituída quatro vezes (6), a devolução exigida pela lei (Ex 22.1; cf. Lc 19.8). Natã revelou com habilidade o ponto-chave da parábola, com as dramáticas palavras: **Tu és este homem** (7). A palavra de Deus para o rei o lembrou de que o Senhor lhe havia ungido rei de Israel; havia lhe livrado da mão de Saul; havia lhe dado muitas esposas, e teria dado ainda mais, se tudo isso não fosse suficiente (8). **E, se isto é pouco, mais te acrescentaria tais e tais coisas**, ou “Eu acrescentaria ainda mais” (Moffatt). Apesar disso, Davi tinha **desprezado** o mandamento de Deus, e tinha feito o mal diante de seus olhos com o pecado duplo de adultério e assassinato (9).

O terrível resultado do pecado começa agora a se desdobrar. Pelo fato de Davi ter usado a espada dos amonitas para causar a morte de

Urias, esta ferramenta de guerra jamais se afastaria de sua casa (10). Pelo fato dele ter secretamente tomado a mulher de seu súdito, suas esposas seriam também retiradas publicamente (11,12). O juízo seria duplamente severo porque viria, não de estrangeiros e inimigos de fora, mas da sua **própria casa** (11). **Me desprezaste** (10) deixa inequivocamente claro que o pecado contra outros é um mal contra Deus. E impossível separar o que é moral daquilo que é religioso.

O arrependimento de Davi foi rápido e sincero. **Pequei contra o Senhor** (13). Não houve tentativa de encobrir ou desculpar estes atos, embora em qualquer reino tirânico da época eles pudessem ter sido cometidos sem se pensar duas vezes (cf. Gn 12.12; 20.11; 26.7). Davi viu ainda que os seus crimes contra Urias eram pecados vis contra Deus, porque eram todos contrários à sua santa vontade e lei. O profeta assegurou ao rei o perdão do Senhor. A justa penalidade por seu pecado foi suspensa; ele não morreria naquele momento. Mas as conseqüências ainda se seguiriam e a criança gerada em adultério faleceria, visto que **com este feito deste lugar sobremaneira a que os inimigos do Senhor blasfemem** (14). A morte do menino pelo menos apontaria para a justiça de um Deus santo que vinga o pecado. A menção da criança indica a passagem de aproximadamente um ano entre o pecado de Davi e a vinda de Natã com a palavra de juízo.

“A atitude de Deus em relação ao pecado” é claramente vista nos versículos 1-14. **Tu és este homem, 7**, foram as palavras ditas por Natã a Davi. Vemos: (1) Um apelo à justiça comum, 1-6; (2) Deus fala à consciência do homem, **7-9**; (3) Os resultados devastadores do pecado, 10-12; (4) Arrependimento e perdão, 13; (5) As conseqüências perduram, 14.

Quando a criança **adoeceu gravemente (15)**, Davi buscou um quarto interior em sua casa onde pudesse ficar sozinho, jejuou e orou, e passou a noite inteira prostrado sobre a terra **(16)**. **Os anciãos da sua casa (17)**, isto é, seus servos de maior confiança no palácio, procuraram confortá-lo e fazê-lo comer, mas ele se recusou. **Ao sétimo dia, morreu a criança (18)**. Cientes da profunda tristeza de seu rei, seus servos **temiam... dizer-lhe que a criança era morta,**

ao pensarem que isto **mais mal lhe faria**, isto é, faria mal a ele. Ao sentir, pela atitude de seus servos (que cochichavam), que a criança estava morta, Davi perguntou abruptamente: **E morta a criança? E eles disseram: E morta (19).**

Quando soube da notícia, ao invés de fazer algum mal a si mesmo, Davi levantou-se, preparou-se, foi ao Tabernáculo e adorou ao Senhor; em seguida, voltou para casa, a fim de comer pela primeira vez em sete dias **(20)**. Surpresos com o que parecia ser o inverso daquilo que esperavam, seus servos perguntaram sobre o seu estranho comportamento **(21)**. A resposta de Davi foi simples e reverente. **Vivendo ainda a criança**, havia esperança de que Deus pudesse ouvir a sua oração e curar o menino **(22)**. Uma vez que a criança estava morta, a tristeza e o jejum não poderiam trazê-lo de volta. Uma das claras sugestões sobre a vida após a morte a ser encontrada no Antigo Testamento é expressa pelas palavras de Davi: **Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim (23).**

Nos versículos **15-23** temos um exemplo de um homem “que enfrenta a realidade da morte”: **Agora que é morta, por que jejuaria eu agora? Poderei eu fazê-la mais voltar? Eu irei a ela, porém ela não voltará para mim, 23. (1)** Durante a enfermidade de seu filho, Davi jejuou e orou, **15-17; (2)** Quando a criança morreu, o rei aceitou a irreversibilidade da morte, **18-20; (3)** ele enfrentou a irreversibilidade da morte com fé na imortalidade, **21-33.**

Os versículos **24 e 25** contam sobre o nascimento de Salomão, introduzido neste ponto por causa da ligação com Bate-Seba, como o primeiro filho vivo de Davi através desta união. **Salomão** significa “pacífico”, o nome dado por Davi. Mas ele também foi chamado de **Jedidias**, “amado do Senhor”, por Natã sob a direção de Deus - um nome, porém, que não foi posteriormente usado. **O Senhor o amou (24)**, visto que Deus poupou a sua vida, em contraste com a doença e morte da primeira criança.

3. A Guerra Contínua com Amom (12.26-31)

O parágrafo final do capítulo volta ao assunto da guerra contra

Amom, cujo início é descrito em 11.1. Joabe teve êxito em capturar a **cidade real** (26), que Moffatt, à luz do versículo 27 traduz: “O forte protegendo o suprimento de água”. Sem água os amonitas não poderiam resistir por muito tempo, e Joabe solicitou a Davi que completasse o cerco e a captura (28), para que o rei pudesse receber o crédito. O monarca veio com reforços, capturou, saqueou e destruiu não só a capital mas também as outras cidades de Amom (29-31). O tratamento de Davi para com os seus cativos nesta guerra (31) tem sido interpretado literalmente por alguns como uma descrição figurativa de colocar o povo em trabalhos forçados com serrotes, rastelos, machados e em fornos de tijolos.

4. *O Estupro de Tamar* (13.1-39)

Há um contraste patético entre os grandes sucessos de Davi como um soldado e general, e a rápida desintegração moral dos membros de sua própria casa. Os frutos tanto da poligamia (casamentos múltiplos) como da decadência moral de Davi podem ser vistos nos acontecimentos que se seguem. O exemplo do pai só poderia ter tido um efeito nocivo sobre os filhos.

Absalão e sua formosa irmã Tamar eram filhos de Davi com Maaca, com quem ele tinha se casado durante os anos em que fugia de Saul. Amnom, cuja luxúria foi exacerbada pela beleza de Tamar, era filho de Davi com Ainoã, também uma das primeiras esposas dele (cf. 3.2,3). Tal era a paixão descontrolada deste filho do rei, e a sua satisfação parecia tão impossível, que o resultado foi ele realmente ficar doente. O casamento entre irmão e irmã era proibido na lei (Lv 18.11); portanto, a união legal parecia impossível. O isolamento de Tamar no cômodo das mulheres no palácio, bem como seu caráter admirável (12), mostram que o desejo de Amnom também não poderia ser satisfeito de modo ilícito (2).

Tinha, porém, Amnom um amigo, cujo nome era Jonadabe (3) - um amigo muito superficial e desumano, conforme 32-35. Ele era seu primo, filho do irmão de Davi, Siméia, ou Samá como é chamado em 1 Samuel 17.13. Este jovem era conhecido como um **homem mui sagaz** (3), astuto e ardiloso, e a partir do conselho que deu, percebe-se que

não passava de um homem perverso. Jonadabe notou o estado de tormento de Amnom e perguntou: **Por que tu de manhã em manhã tanto emagreces, sendo filho do rei?** (4) Literalmente, “filho do rei”, pode sugerir que Amnom já tivesse demonstrado ser como seu pai. **Emagrecer** é *dal* em hebraico, “fraco, magro, débil”. Quando o príncipe confessou a sua paixão incestuosa por Tamar, Jonadabe aconselhou-o a fingir estar gravemente enfermo. Então quando Davi viesse para vê-lo, ele deveria pedir que fosse permitido que Tamar viesse e preparasse comida para ele (5).

A trama covarde funcionou como Jonadabe havia previsto e como Amnom tinha planejado. Quando ela apresentou a comida ao falso doente, ele se recusou a comer, e ordenou que todos saíssem da casa. Ao entrar Tamar em seu quarto, ele fez a sua proposta infame, e quando ela resistiu, ele a forçou (6-14). **Não se faz assim em Israel** (12), um apelo a um código moral e espiritual que distinguia Israel das nações pagãs vizinhas. **Tal loucura** (12); **um dos loucos de Israel** (13) - louco ou tolo diz respeito à conduta ética, e não a qualquer tipo de deficiência mental.

O mau caráter de Amnom está refletido em seu tratamento com Tamar, uma vez que a sua luxúria foi satisfeita. A paixão foi seguida de repulsa, e ele ordenou que ela saísse da casa. **Não há razão** (16), “não, meu irmão”, ela respondeu; mas ao protestar, ele chamou seu servo pessoal para levá-la embora e trancar a porta atrás dela (15-17). Tamar estava vestida com **uma roupa de muitas cores** (18), a túnica de mangas compridas que era usada pelas filhas solteiras do rei. Ela foi para casa chorando, com cinzas em sua cabeça e vestes rasgadas, os sinais convencionais de profunda tristeza (18-20).

Absalão rapidamente suspeitou do crime que Amnom tinha cometido. Suas palavras para Tamar não foram tão insensíveis quanto parecem; pois ele evidentemente nutriu um ódio profundo e a determinação de vingar a honra de sua irmã (20; cf. 22). **Tamar esteve desolada** [ou **solitária**] (20) - em hebraico: “aturdida, desconsolada, carente”. Davi soube destas coisas e ficou furioso, mas nada fez para punir o malfeitor (21), uma fraqueza que não só lhe custaria a vida de seu filho mais velho, Amnom, mas ao final a lealdade e também a vida de

Absalão. Este, por sua vez, aguardou um momento favorável para vingar-se (22).

Dois anos depois, Absalão sentiu que o momento havia chegado. Seus servos tosquiavam as ovelhas em Baal-Hazor, não longe de Jerusalém. Este era um tempo festivo, e ele convidou os outros filhos do rei para compartilhar das festividades. Para ter certeza do comparecimento de Amnom, o jovem insistiu em convidar Davi, ciente que ele não deixaria a sua capital para comparecer. **Para não te sermos pesados (25)**, isto é, “poderíamos ser um fardo para ti”, foi a desculpa de Davi (Moffatt). Em seu lugar, então, Absalão sugeriu que Davi mandasse Amnom, o herdeiro legítimo. Embora Davi tenha contestado, **instando Absalão com ele (27)**, ele consentiu em enviá-lo e todos os outros filhos. Absalão havia instruído seus servos a estarem prontos para quando Amnom estivesse um tanto embriagado, e ao seu sinal, feri-lo. O plano foi executado, e quando este príncipe foi morto todos os outros filhos do rei fugiram **(28,29)**. Embora o ódio por Amnom e um desejo de vingança fossem sem dúvida alguma os principais motivos para o ato de Absalão, parece posteriormente que isto o coloca na linha de sucessão ao trono como o próximo filho mais velho dentre os herdeiros do rei (cf. 15.1-6). Assim, a morte de Amnom satisfaz tanto a vingança de Absalão como a sua ambição.

O relatório que primeiro chegou a Jerusalém dizia que Absalão havia massacrado **todos os filhos do rei (30)**. Davi e seus criados prantearam, mas Jonadabe, cujo mau conselho havia causado toda a seqüência destes eventos, informou a seu tio que somente Amnom havia sido morto (31-33). A chegada dos filhos do rei confirmou o relatório, mas Absalão fugiu para o exílio, a **Talmi... rei de Gesur (37)**, de quem sabemos a partir de 3.3 que era seu avô. Gesur era uma cidade-estado na Síria. Davi chorou por seu filho morto diariamente por três anos, até que se consolou pela morte de Amnom (34-39).

5. Absalão é Trazido de Volta a Jerusalém (14.1-33)

A atitude de Davi em relação a Absalão parecia ser de profundo afeto, mas ele estava impedido por razões políticas e judiciais de trazê-lo de volta a Israel. Deve ser notado, porém, que a Septuaginta e a versão

Siriaca tanto invertem o pensamento da versão KJV, como indicam que Davi estava furioso com Absalão. Esta tradução é preferida por alguns comentadores, que destacam que o rei recusou-se a ver Absalão por dois anos depois do retorno do jovem⁸. No entanto, o amor profundo de Davi por ele, posteriormente demonstrado, parece tornar a versão KJV a mais provável.

Foi Joabe, sobrinho e capitão de Davi, que tomou a iniciativa de trazer o jovem príncipe de volta. Ele pediu a ajuda de **uma mulher sábia** (2) de Tecoa, uma cidade aproximadamente 10 quilômetros ao sul de Jerusalém. Do mesmo modo que Natã (12.1-12), a mulher apresentou ao rei um relato fictício do assassinato de um irmão pelo outro, e a exigência da família da morte do assassino embora isto deixasse a mãe viúva e o pai morto sem ninguém para dar prosseguimento ao nome da família, uma grande tragédia para os israelitas. Quando os sentimentos de solidariedade de Davi foram tocados, e dada a sua promessa de que o filho culpado seria protegido, a mulher disse: **Falando o rei tal palavra, fica como culpado; visto que o rei não torna a trazer o seu desterrado** (13). **Finge** (2), significa disfarçar. **Apagarão a brasa que me ficou** (7), isto é, destruirão a minha última esperança. **Os vingadores do sangue** (11), aqueles que infligem o castigo sobre o assassino (Nm 35.31). **Mas cogita meios para que o banido não permaneça arrojado de sua presença, ou, mas ideará pensamentos, para que se não desterre dele o seu desterrado** (14) - um apelo à misericórdia de Deus, que arquiteta meios pelos quais aqueles que estão justamente condenados à morte eterna possam, contudo, ser salvos e desfrutar a vida eterna. Os versículos 15-17 retomam à história original.

Davi não teve dificuldade para perceber o fingimento: **Não é verdade que a mão de Joabe anda contigo em tudo isso?** (19). Quando a mulher confessou que o sobrinho dele tinha inventado o seu relato, o rei se voltou para o seu general e ordenou que trouxesse Absalão de volta a Jerusalém. **Fez segundo a palavra do teu servo** (22), indicaria que o próprio Joabe havia anteriormente pedido, sem sucesso, o retorno do filho do rei.

A reconciliação, porém, foi incompleta, pois o rei disse a Absalão: **Torne para a sua própria casa e não veja a minha face** (24). O fato de este príncipe ter mandado chamar Joabe (29) quase sugere que ele estava confinado em sua casa. Certamente o acesso à corte do rei lhe foi proibido. A bela aparência de Absalão era especialmente notada (25). Seu cabelo era pesado e crescia rapidamente, e quando ele **tosquiava a sua cabeça** (26) no final de cada ano, este pesava **duzentos siclos, segundo o peso real**. O peso do siclo real não é precisamente conhecido, mas tem sido estimado como 13 gramas [9], o que coloca o peso do cabelo de Absalão em torno de 2,6 quilos. A família deste príncipe é descrita como composta de três filhos e uma filha, Tamar (27), que tem o mesmo nome de sua desafortunada irmã (13.1). Visto que os seus filhos não são mencionados pelo nome, e à luz de 18.18, onde é afirmado que Absalão não tinha um filho homem, é provável que eles tenham morrido na infância.

Absalão viveu em sua própria casa em Jerusalém por **dois anos** sem ter permissão de ver **a face do rei** (28). Não está claro porque Davi permitiu que ele retornasse à cidade, mas não à corte, a menos que ele sentisse que a justiça exigia um banimento parcial. Finalmente, cansado de seu confinamento, **mandou chamar a Joabe** (29), mas só conseguiu que ele viesse após atear fogo no campo deste comandante, o qual teve êxito em conseguir que Davi concordasse em ver o filho, e os dois se reconciliaram (29-33).

D. A Revolta de Absalão, 15.1—19.43

Cinco capítulos são dedicados ao relato da retribuição de Absalão ao perdão de seu pai. Os detalhes são expressos em outra explicação da predição feita por Natã, de que os pecados de Davi trariam sérios problemas a si mesmo (12.10,11).

1. *Absalão Ganha o Povo* (15.1-12)

Absalão toma a iniciativa de uma campanha deliberada, para transferir a lealdade que o povo dedicava a seu pai para si mesmo, como o legítimo herdeiro do trono. **Em função disso (1)**, passa a agir

imediatamente. Através da exibição de realeza com carros e corredores (1), e reunindo-se com aqueles que vinham para juízo na corte do rei, com a insinuação de que se estivesse em posição de autoridade decidiria em favor do queixoso (2-5), **furtava Absalão o coração dos homens de Israel** (6). Ele **parava a uma banda do caminho da porta** (2), isto é, “à entrada da porta” (Berk.), onde as questões judiciais eram decididas.

A declaração no texto Massorético de que foi **ao cabo de quarenta anos** (7) que Absalão deu início à sua insurreição não pode ser diretamente conciliada com a declaração em outra passagem, de que todo o reinado de Davi durou quarenta anos (5:4). A leitura das versões Septuaginta e Siríaca está provavelmente correta, isto é, “depois de quatro anos”. A diferença entre quatro e quarenta em hebraico está na adição de *im*, e sem dúvida representa um erro de escrita. Sob o pretexto de cumprir um voto ao Senhor, Absalão conseguiu permissão para ir a **Hebrom** (8,9).

De Hebrom ele enviou espias, que eram **emissários secretos** ou mensageiros (hebraico: *ragal*, “fazer reconhecimento, ir, ver, ser um fofoqueiro”) por todo o Israel para anunciar que mediante um dado sinal deveria ser proclamado: **Absalão reina em Hebrom** (10). Esta cidade teve por muito tempo ligações com a monarquia de Israel. Davi havia sido coroado lá (2.4; 5.3), e havia reinado ali por sete anos e meio. Era um local profundamente arraigado no coração da tribo de Judá, da qual Absalão esperava um forte apoio. Com ele estavam **duzentos** homens escolhidos - **convidados** (11) - de Jerusalém, e que não sabiam o que estava em andamento. Também em sua companhia rebelde estava um dos conselheiros de confiança de Davi, Aitofel de Gilo, uma cidade situada aproximadamente a 8 quilômetros de Hebrom. A força da **conspiração** também é notada (12).

2. *A Fuga de Davi* (15.13-37)

Uma mensagem veio a Davi: **O coração de cada um em Israel segue a Absalão**

(13). “Segue a” significa “ter tomado a causa de”. A decisão do rei foi a

de sair da cidade imediatamente, provavelmente por duas razões - salvá-la de um cerco e possível destruição, e preservar a vantagem de sua menor, porém mais bem treinada e disciplinada tropa, em campo aberto. Também é possível que o seu espírito estivesse desanimado por sua convicção de que os problemas preditos por Natã começassem a lhe sobrevir (12.10ss.).

Ao deixar dez concubinas, ou esposas secundárias, para cuidarem do palácio, o rei e os membros de sua casa se retiraram de Jerusalém para **um lugar distante** (17), ou *Bete-Meraque*, “a última casa”, provavelmente nos próprios limites da cidade, para colocar Jerusalém entre si mesmo e Absalão que avançava. Uma nota especial é dada à guarda escolhida de Davi de **seiscentos homens** (18) que haviam estado com ele desde os seus dias de fugitivo em Gate, identificados como **quereteus, peleteus e geteus** - todos soldados experientes, provavelmente da Filístia. Este é o grupo chamado *degibborim* ou “heróis, homens valentes”, em 16.6; 20.7; e 23.8. Sua lealdade pessoal para com Davi era notável. Eles serviam como sua escolta militar.

Após um apelo especial a **Itai**, que parece ser o comandante dos **600** homens, liberou-o de qualquer obrigação e rogou a ele e a seus homens que retornassem ao palácio,

Davi recebeu a promessa de lealdade de vida e morte de seus guardas. O uso do nome do Deus de Israel na aliança, *Yahweh*, **o Senhor**, indicaria que ele era um prosélito da religião hebraica, bem como um leal súdito da coroa. Com esta garantia, e em meio a um luto geral por parte do povo em Jerusalém e suas vizinhanças, Davi e sua companhia atravessaram o **Cedrom**, o vale que margeava Jerusalém a leste, e se encaminharam para o oriente através do **deserto** em direção ao Jordão (19-23; veja o mapa).

Davi também enviou de volta os levitas liderados por Zadoque e Abiatar, que haviam trazido **a arca de Deus** (24) para se juntarem à fuga. A arca pertencia ao Tabernáculo, e Davi expressou a convicção de que se Deus fosse favorável à sua causa, ele ainda voltaria e a veria outra vez. Nesse meio tempo, os dois sacerdotes poderiam servi-lo enviando-lhe qualquer mensagem **nas campinas do deserto** (28), ou

melhor, “nos vaus do deserto”, isto é, o lugar onde se costumava fazer a travessia do Jordão.

A mensagem: “A obra de Deus é mais importante que o obreiro” é ilustrada pela atitude de Davi ao enviar a arca de Deus de volta à cidade da qual ele fugiu. (1) A arca simbolizava a aliança de Deus com o seu povo, 24; (2) Era importante na vida daqueles que achariam favor em Deus, 25; (3) Davi estava mais interessado na vontade de Deus do que nas vantagens pessoais, 26.

O monte das Oliveiras surge diretamente do lado oposto ao vale de Cedrom a leste da cidade, e Davi e seus companheiros subiram em prantos (30). A traição de Aitofel foi informada ao rei, e ele orou para que o Senhor tornasse a sabedoria do conselheiro **em loucura** (31). A companhia parou no cimo do monte enquanto o rei orava, e **Husai, o arquita, veio encontrar-se com ele, de manto rasgado e terra sobre a cabeça** (32), os sinais da tristeza mais profunda. Husai era um amigo mais velho de Davi há muito tempo (16.16), e, assim como Aitofel, era conhecido por sua sabedoria. Mesmo disposto a acompanhar Davi no exílio, ele concordou, ao invés disso, em voltar para Jerusalém em uma missão muito perigosa: dissipar... o conselho de Aitofel (34) e passar informações úteis a **Zadoque e Abiatar**, para que eles pudessem retransmiti-las ao rei (35-37). Assim que Davi fugiu, **Absalão entrou em Jerusalém** (37).

3. Incidentes na Fuga (16.1-14)

São descritos dois incidentes que ocorreram quando Davi descia a encosta leste no monte das Oliveiras e dirigia-se ao trajeto para Jericó. Primeiro, Ziba, o mordomo chefe do filho de Jônatas, Mefibosete, (cf. 9.1ss.) encontrou-se com o rei em retirada com dois jumentos carregados com alimento e bebida. Quando Davi perguntou sobre Mefibosete, Ziba mentiu (cf. 19.24-28), ao afirmar que seu senhor havia permanecido em Jerusalém na espera de que o reino de Saul lhe fosse restituído pelo povo de Israel. Ao crer neste precipitadamente, Davi deu a propriedade de Mefibosete a Ziba como presente (1-4).

Apenas um pouco além deste local, em **Baurim**, uma aldeia além do monte das Oliveiras, a companhia de Davi foi encontrada por um homem da família de Saul chamado **Simei, filho de Gera** (5). Ao perceber que era seguro amaldiçoar o rei fugitivo, ele deu vazão à ira e ao ódio que estavam reprimidos, e culpou Davi pelos infortúnios que haviam ocorrido à casa do rei antecessor. Abisai, filho de Zeruia e irmão de Joabe, um grande guerreiro, pediu permissão para atacar **este cão morto**, e tirar-lhe **a cabeça** (9). Davi o reteve com o triste comentário de que se seu próprio filho procurava por sua vida, quanto mais deveria um benjamita amargurado pronunciar as suas maldições (5-14)!

4. *Absalão em Jerusalém* (16.15-23)

Absalão e seus seguidores agora chegaram a Jerusalém com Aitofel como seu fiel conselheiro. Aqui Husai juntou ao fingimento uma declaração que representava lealdade: **Viva o rei!** (16). A observação penetrante de Absalão sobre a aparente traição de Husai à sua amizade com Davi, não se coaduna com a de um jovem que tinha se voltado contra o seu próprio pai. Este conselheiro do rei se livrou da insinuação, ao declarar que **aquele que eleger o Senhor... e todos os homens de Israel** (18), a este ele serviria -o filho - como havia servido ao pai (15-19).

Em resposta à indagação de Absalão, Aitofel aconselhou o jovem a tomar uma atitude vil e totalmente ilegal e imoral. Ele deveria tomar as concubinas de seu pai para si, e fazê-lo à vista de todo o povo em uma tenda armada para este propósito no topo do palácio do rei. Esta seria não só uma admissão de autoridade real, mas tornaria a reconciliação com o rei praticamente impossível. Ciente que o rompimento era definitivo, Aitofel pensou que a aliança dos israelitas seria mais forte e - talvez não incidentalmente - sua posição mais segura (20-22). O seu conselho era tão sábio quanto **uma resposta de Deus** (23), na medida em que as orientações que ele dava atingiam os resultados que ele esperava.

5. *O Conselho de Guerra mal Orientado* (17.1-29)

O próximo conselho de Aitofel foi o de tomar uma força de 12.000 homens para perseguir a Davi imediatamente, a fim de alcançá-lo e destruí-lo antes que ele tivesse a chance de organizar o seu exército. O versículo 3 é assim traduzido em várias versões: “Trarei de volta todos os homens dele para o senhor, como uma esposa que volta para o seu marido. Já que desejais matar somente um homem, o resto do povo será deixado em paz”. Persuadido da sabedoria deste conselho, Absalão chamou Husai para verificar o seu parecer. Ele agora teve a sua chance: **O conselho que Aitofel esta vez emitiu não é bom** (7), disse. Davi e seus soldados eram homens valentes, enfurecidos como uma urso que teve os seus filhotes roubados, escondidos em alguma fortaleza da qual um ataque repentino traria uma matança inicial entre os que seguiam Absalão. O povo, ciente desta primeira notícia de derrota, então se desviaria (1-10).

Ao invés disso, disse Husai, permita reunir todo o Israel em uma multidão esmagadora, liderada pelo próprio Absalão. Deixai-os então devastar as forças de Davi em número muito menor, pelo absoluto peso numérico e os destrua a todos. Os versículos 12 e 13 contêm vividas figuras de linguagem que descrevem a ação proposta. Ele, Absalão e seus seguidores imediatos afirmaram que este era o melhor conselho, pois **assim o Senhor o ordenara, para aniquilar o bom conselho de Aitofel, para que o Senhor trouxesse o mal sobre Absalão** (14), isto é, o juízo que ele tão bem merecia.

Husai não perdeu tempo em enviar a mensagem da decisão a Davi através de Zadoque e Abiatar, a fim de avisá-lo a não permanecer no deserto de Judá, mas atravessar o Jordão. **Jônatas e Aimaás**, os mensageiros, esperaram em **En-Rogel** (17), exatamente do lado de fora de Jerusalém. Eles só escaparam dos servos de Absalão em perseguição porque se esconderam dentro de um poço em Baurim (cf. comentário sobre 16.5), escondidos pela mulher da casa, que orientou mal os perseguidores (15-20). É fácil ver que nem todos do povo abandonaram rapidamente a causa de Davi. Husai, sem dúvida alguma, sabia disto. O recrutamento que Absalão deveria fazer do povo de Israel não produziria o número descrito, e o tempo que isto demandaria para reunir o exército maior, daria oportunidade para

que Davi reagrupasse aqueles que ainda lhe eram leais.

Ao receber a mensagem, Davi e seus seguidores atravessaram o Jordão antes que o dia clareasse. Aitofel, por sua vez - um “Judas” do Antigo Testamento - suicidou-se por enforcamento. Este é o segundo suicídio registrado no Antigo Testamento; o primeiro foi o do rei Saul (1 Sm 31.4). Sem dúvida alguma Aitofel claramente previu os resultados do conselho de Husai, e ciente que estava condenado por causa de sua traição a Davi, tirou a própria vida (21-23).

Davi veio a Maanaim (24), a cidade da Transjordânia que havia sido a capital de Isbosete (2.8,12,29); e Absalão, ao reunir uma grande força, atravessou o Jordão em sua perseguição. O filho do rei constituiu a Amasa, um parente distante de Joabe, como comandante do exército. Em Maanaim, Davi recebeu apoio de Sobi, Maquir e Barzilai. O primeiro não é mencionado em qualquer outra passagem, mas o segundo é o homem que havia agido de forma amistosa para com Mefibosete após a morte de Saul (9.4-5), e o terceiro foi mais tarde convidado por Davi a retornar com ele a Jerusalém (19.31-40). Os mantimentos foram duplamente bem recebidos após a fuga apressada e despreparada através do campo estéril.

6. A Batalha e a Morte de Absalão (18.1-33)

E Davi contou o povo (1), ou melhor, “reuniu a tropa”, isto é, organizou os homens que tinha consigo em três contingentes, cada um em seu turno, divididos em milhares e centenas com seus oficiais e comandantes. Os capitães de campo eram os irmãos Joabe e Abisai, e Itai, o geteu, comandante da própria guarda do rei (cf. comentário sobre 15.19ss.). O primeiro propósito do rei era tomar ele mesmo o campo, mas foi dissuadido com base de que a sua vida e presença valeriam uma brigada de 10.000 soldados comuns, e que no caso de qualquer uma das corporações tivesse que recuar, ele, com o comando central, então poderia vir em seu auxílio (1-3). **Da cidade nos sirvas de socorro** (3), “nos mande ajuda da cidade”.

Davi, portanto, **se pôs da banda da porta** (4) de Maanaim enquanto seu povo marchava, e fez seu exército ouvir a ordem que dava aos seus

capitães: **Brandamente tratai por amor de mim ao jovem, a Absalão** (5). Da descrição da batalha, somos levados a entender que esta não foi uma ação defensiva da parte de Davi, mas uma investida forte e provavelmente inesperada que fez recuar as forças de Absalão, as quais atravessaram o Jordão para dentro do **bosque de Efraim** (6), onde ocorreu o combate decisivo. A luta foi sangrenta, e 20.000 homens morreram - talvez de ambos os lados - mais gente perdeu a vida nas gargantas e desfiladeiros das montanhas repletas de bosques do que pela espada (1-8).

O próprio Absalão veio a ficar cara a cara com os veteranos de Davi e voltou-se para fugir na mula em que cavalgava como sinal de realeza. O animal passou correndo por debaixo de um carvalho com galhos espalhados e emaranhados. A cabeça de Absalão ficou presa nos galhos, com seu pesado cabelo que agravava a sua impotência, e a mula passou adiante e deixou-o pendurado, talvez atordoado e meio desacordado. Um soldado que estava por perto informou a Joabe, e quando soube que o príncipe ainda estava vivo, ele próprio traspassou com três dardos o seu coração. Então os escudeiros o feriram com suas espadas. O contraste entre a atitude do soldado em relação à ordem do rei e a de Joabe é impressionante. Este general era um homem de vontade forte que fazia cumprir sempre as suas próprias leis (9-15).

Com a morte de Absalão, Joabe interrompeu a perseguição ao exército disperso de Israel. Eles sepultaram o príncipe rebelde **no bosque, numa grande cova** (17), e **levantaram sobre ele um mui grande montão de pedras**. E feita uma menção do Monumento de Absalão, que teria a finalidade de preservar o seu nome no rol dos filhos de Davi. Um obelisco conhecido por seu nome ainda permanece no vale de cedrom, do lado de fora da antiga área do Templo em Jerusalém. Alguns entendem que os seus filhos citados em 14.27 devem ter morrido na infância ou durante a juventude (17,18).

Joabe enviou oficialmente por um cuxita a mensagem do resultado da batalha a Davi (talvez “o cuxita”, ou etíope), e extra-oficialmente por Aimaás. As razões para a recusa do general em autorizar este “repórter” de dar a notícia não estão claras. Poderia ter sido seu sentimento de que alguém com relacionamento tão próximo a Davi

como Aimaás, não deveria dar a notícia da morte de seu filho. Isto estaria mais de acordo com os deveres de um escravo etíope. Quando a sentinela informou sobre a aproximação do corredor, Davi disse: **Se ele vem só, traz boas notícias** (25). Um corredor seria ou um mensageiro ou um fugitivo. Se ele estava sozinho, seria um mensageiro. Se outros aparecessem com ele ou atrás dele, ele seria um fugitivo do exército derrotado.

Quando Aimaás chegou, antes do cuxita, ou ele não sabia ou não teve coragem de dizer a Davi sobre a morte de Absalão. O abrupto anúncio do cuxita mergulhou o rei em profunda tristeza, e ele chorou e lamentou: **Meu filho Absalão... Quem me dera que eu morrera por ti!** (33). Há algo de patético nesta cena. A dor do rei foi sem dúvida intensificada no sentido de seu próprio fracasso como pai para Absalão (19-33).

1

Davi é Informado da Morte de Saul (1.1-27)

Os primeiros versículos estabelecem a ligação da morte de Saul na batalha de Gilboa em 1 Samuel 31 com a derrota dos amalequitas em 1 Samuel 30 - eventos que ocorreram ao mesmo tempo. Gilboa ficava aproximadamente a 100 quilômetros ao norte de Jerusalém e Ziclague ficava a 80 quilômetros a sudoeste (veja o mapa). Foi no **terceiro dia** (2) que a mensagem da tragédia foi trazida pelo jovem amalequita que aparentemente estivera com Saul e os israelitas. Ele chegou **com as vestes rotas e com terra sobre a cabeça**, os sinais tradicionais de luto. Quando alcançou a Davi, ele **se lançou no chão e se inclinou**, ao reconhecer em Davi um parente rei.

A descrição do jovem do que acontecera difere do relato de 1 Samuel 31.4-6. Vários esforços têm sido feitos para explicar a discrepância. Alguns têm argumentado que há aqui duas histórias contraditórias sobre a morte de Saul encontradas em diferentes documentos originais. Outros têm tentado reconciliar as duas versões, para presumir que o jovem amalequita chegou até Saul depois de haver atentado contra a sua própria vida,

2

Isbosete, Rei de Israel (2.8-11)

Após a morte de Saul, **Abner** (8) tomou a responsabilidade de estabelecer **Isbosete**, o quarto filho de Saul (1 Cr 8.33; 9.39), como rei - ao levá-lo a Maanaim, a leste do Jordão (veja o mapa), onde eles estariam fora do alcance dos filisteus. Em Crônicas, Isbosete é chamado de Esbaal - um nome posteriormente mudado quando *baal*, “senhor”, foi alterado para *bosete*, “vergonha”, em protesto contra o culto a Baal em Israel.

3

Provavelmente, Isbosete não estivera presente na batalha de Gilboa, e em vista de sua óbvia subordinação a Abner, não deve ter tido uma personalidade forte. O reino de Isbosete incluía, além de **todo o Israel** (9), **Gileade**, a leste do Jordão; **os assuritas**, não identificados de outra forma no Antigo Testamento; o território ao redor de **Jezreel**, para o norte perto de Gilboa; e as tribos de **Efraim** e **Benjamim**.

4

A Família de Davi (3.2-5)

A narrativa é interrompida para apresentar um breve relato da família de Davi, uma prática comum dos escritores bíblicos em qualquer ponto de transição (cf. 1 Sm

5

Adultério e Assassinato (11.1-27)

Quando o inverno e sua estação chuvosa passaram, Davi enviou Joabe e o exército israelita para renovar a guerra contra Amom e estabelecer o cerco à capital, Rabá -**porém Davi ficou em Jerusalém (1)**. Como teria sido muito melhor se ele tivesse ido com as tropas para o campo de batalha! A ociosidade abre a porta para

todos os tipos de tentações.

Durante este período, Davi se levantou depois que o calor do dia havia passado, e enquanto caminhava pelo terraço de sua casa, viu uma mulher que se banhava no pátio de sua casa na cidade baixa. A **tarde** (2) começava às 3 horas, de acordo com a nossa maneira de medir o tempo, e continuava até depois do escurecer. A consulta do rei tornou o nome da mulher conhecido: **Bate-Seba, filha de Eliã e mulher de Urias, o heteu** (3). O rei assim tinha o conhecimento completo de que a mulher era casada. Seu esposo

7. *A Censura de Joabe a Davi* (19.1-15)

A dor do rei e seu efeito sobre o povo foram informados a Joabe, que confrontou Davi com uma censura lacônica: **Se Absalão vivesse, e todos nós, hoje, fôssemos mortos, então, bem te parecera aos teus olhos** (6). A censura continha uma ameaça velada: a preferência do rei por seus “inimigos” levaria o seu povo a abandoná-lo em uma catástrofe pior do que qualquer coisa que ele houvesse experimentado antes (1-7). Davi animou-se e assentou-se **à porta** (8). Enquanto isso houve uma confusão geral entre os israelitas. **Altercando entre si** (9) - em hebraico, *duwn*, de uma raiz que significa “governar”, e por implicação, “julgar”, “esforçar-se”, “defender a causa”; “acusavam-se uns aos outros” (Berk.).

Davi enviou uma mensagem através dos sacerdotes Zadoque e Abiatar aos anciãos de Judá, a fim de sugerir que eles comesçassem a tomar as providências para levá-lo de volta em triunfo para a capital. Amasa, o general rebelde, ele ofereceu o comando do exército que era de Joabe. O movimento foi bem-sucedido - **ele** (Moffatt traduz “Amasa”) **moveu o coração de todos os homens de Judá** (14), isto é, “ele inclinou o coração de todos” - e eles enviaram uma mensagem para expressar o seu desejo de que o rei voltasse e fosse encontrá-los em Gilgã perto do Jordão (11-15).

8. *O Retorno de Davi a Jerusalém* (19.16-43)

O restante do capítulo diz respeito a incidentes relativos ao retorno de Davi ao seu palácio. Entre aqueles que vieram encontrá-lo estavam Ziba, mordomo da casa de Saul, e sua família; e Simei, que se prostrou no pó em busca do perdão pelas maldições que havia proferido durante a fuga de Davi (cf. 16.5ss.). Abisai, que antes queria cortar a cabeça de Simei, agora não estava menos furioso e o teria matado; mas Davi o perdoou e poupou a sua vida (16-23). O uso do termo **barca** (18) parece um anacronismo; o termo hebraico deveria provavelmente ser traduzido como “comboio”.

Mefibosete, a respeito de quem Ziba havia mentido (cf. 16.1-4), ainda

estava de luto quando veio encontrar o rei. Perguntado por que tinha permanecido atrás, ele explicou a mentira de seu servo. Quando Davi ofereceu dividir os bens que havia precipitadamente transmitido a Ziba anteriormente, Mefibosete nobremente respondeu: **Tome ele também tudo, pois já veio o rei, meu senhor, em paz à sua casa (30).**

Barzilai com oitenta anos de idade viajou de sua casa em Maanaim para ver o rei a salvo no Jordão. Para retribuir a bondade do rico gileadita, Davi ofereceu-lhe um lugar em sua corte em Jerusalém. Ele delicadamente recusou, e pediu ao invés disso que fosse permitido a seu filho Quimã (1 Rs 2.7) tomar o seu lugar (31-40).

Embora ambos os grupos professassem lealdade a Davi, uma profunda mágoa persistiu entre os homens de Judá e o povo das outras tribos de Israel, como é visto em sua rivalidade em prestar homenagens ao rei. O ciúme tribal ao longo destas mesmas linhas de divisão mais tarde levou à divisão do reino (41-43).

E. A Revolta de Seba, 20.1-26

A turbulência ainda não tinha acabado. Seba, **um homem de Belial** (1; cf. comentário sobre 1 Sm 1.16), reagrupou os membros das tribos de Israel para continuar a sua revolta. Davi, nesse meio tempo, voltou a Jerusalém e providenciou o necessário para as mulheres que Absalão havia maltratado. **As pôs numa casa em guarda, e as sustentava** (3), ou “as colocou em uma casa sob proteção e as sustentou”. O rei então ordenou a Amasa que reunisse os homens de Judá **para o terceiro dia** (4), a fim de esmagar a nova rebelião. Como Amasa se demorou, o rei despachou Abisai para perseguir os rebeldes - Joabe foi obviamente rebaixado (1-7).

1. *O Assassinato de Amasa* (20.8-13)

Amasa aparentemente se juntou às forças em Gibeão, a noroeste de Jerusalém. Aqui Joabe, sob o pretexto de amizade, assassinou seu rival como havia feito antes com Abner (3.27). **Adiantando-se ele, lhe caiu** (8). Moffatt traduz assim esta frase obscura: “Quando ele se

adiantou, sua mão esquerda pousava nela”. Um dos soldados de Joabe agora tentou reagrupar os homens de Judá atrás de seu antigo comandante. Ao perceber que os soldados paravam quando chegavam onde jazia o corpo de Amasa na estrada, ele o moveu para dentro do campo, o cobriu, e assim a perseguição a Seba continuou.

2. *A Revolta é Esmagada* (20.14-22)

Enquanto isso, Seba havia se refugiado em Abel-Bete-Maaca, uma cidade bem fortificada no extremo norte, ligeiramente a oeste de Dã, no território de Naftali (veja o mapa). **E a todos os beritas (14)**; “todos os beritas se ajuntaram e o seguiram”. Bicri era o pai de Seba (20.1). A sua revolta havia fracassado, pois ele e seus seguidores não estavam preparados para enfrentar o exército de Joabe. Quando os preparativos haviam sido feitos para destruir as defesas da cidade, uma das mulheres do lugar, conhecida por sua sabedoria, procurou ter uma conversa com Joabe. Seu único interesse, disse ele, era a captura de Seba. Ciente disto, o povo da cidade cortou a cabeça de seu hóspede indesejado e a lançou por cima do muro. Joabe então suspendeu o ataque e voltou a Jerusalém (14-22).

3. *A Organização de Davi* (20.23-26)

A organização do reino de Davi é brevemente esboçada nos versículos finais do capítulo (cf. 8.16-18; 1 Cr 18.14-17). As diferenças nas listas se devem às mudanças causadas pelo tempo. **Sobre os tributos (24)**, literalmente, “tarefa”, ou “trabalhos forçados”. **O oficial-mor** [ou ministro] **de Davi (26)**, uma posição ocupada em 8.18 pelos filhos de Davi. A palavra geralmente significa “sacerdote”, mas talvez aqui, como na versão *Berkeley*, a expressão: “assistente-chefe de Davi” também seja correta.

Seção V

UM APÊNDICE 2 *Samuel 21.1—24.25*

Os últimos quatro capítulos de 2 Samuel estão em uma espécie de apêndice; apresentam alguns dos acontecimentos significativos do reinado de Davi, mas não necessariamente em ordem cronológica. Há, ao todo, sete seções¹. A continuidade histórica é interrompida em 20.26 e é retomada em 1 Reis 1.1.

A. A Vingança Gibeonita, 21.1-14

Este horrível episódio não está datado, mas deve ter acontecido no início do reinado de Davi, embora depois da vinda de Mefibosete para viver na corte de Davi (7). Se, como alguns acreditam, a maldição de Simei contra Davi como um “homem de sangue”, culpado do sangue, da casa de Saul (16.7-8) for uma referência a este fato, então ele ocorreu antes da revolta de Absalão.

Uma fome na terra foi explicada a Davi como resultado dos crimes de Saul contra os gibeonitas, aos quais Josué havia prometido segurança (2; cf. Js 9.15). Não há qualquer outro registro da matança praticada por Saul aos gibeonitas. Incapaz de encontrar uma solução para a culpa de sangue sobre a terra, Davi chamou os gibeonitas sobreviventes e perguntou que providências ele deveria tomar. Deve ser observado que o que se segue não foi o mandamento de Deus, mas era na verdade diretamente contrário à lei como afirmado em Números 35.33 e Deuteronômio 24.16. A morte dos filhos e netos de Saul foi o pedido dos gibeonitas, e Davi o concedeu. Este ainda é um testemunho eloqüente para a convicção humana universal da necessidade de uma **expição** satisfatória pelo pecado (3), uma expiação que somente Deus poderia prover, e somente pela morte de seu Filho, que não teve pecado (Rm 5.8-11)². **Termo... de Israel** (5), isto é, “o território de Israel” (Berk.).

Mefibosete... Mefibosete (7,8), sobrinho e tio com o mesmo nome.
Mical, filha de

Saul (8) deveria ser Merabe como vemos em **1 Samuel 18.19 e 25.44**. De **2 Samuel 6.23** sabemos que Mical não teve filhos. O amor materno de Rispa é a única nota brilhante nesta amarga saga de vingança. Não podemos saber exatamente por quanto tempo sua vigília foi mantida, pois a chuva (10) que sinalizava o seu fim, deve ter vindo antes que o habitual, acabando com a fome. Davi, então, providenciou que os corpos das sete vítimas fossem adequadamente sepultados com os ossos de Saul e Jônatas na sepultura do pro-genitor da família, Quis, em Benjamim.

B. Ilustrações de Coragem em Batalha, 21.15-22

São dados quatro exemplos da bravura dos soldados de Davi, sem a qual as vitórias fenomenais dos primeiros anos de seu reinado não poderiam ser alcançadas. Em uma guerra contra os filisteus, o próprio Davi quase foi morto por um gigante, **Isbi-Benobe**, cujos três irmãos também são mencionados (16,18-20). Os quatro, possivelmente com Golias (1 Sm 17.23ss.) como um quinto, são descritos como nascidos **dos gigantes em Gate** (22). A vida de Davi nesta ocasião foi salva por Abisai, e o fato de ter escapado por um triz resultou em uma decisão expressa de seus homens: **Nunca mais sairás conosco à peleja, para que não apagues a lâmpada de Israel** (17). Os outros gigantes foram mortos por **Sibecai** (18), **Elanã** (19; cf. 1 Cr 20.5 para o nome do gigante, Lami), e um sobrinho de Davi chamado **Jônatas** (20,21). **O peso de cuja lança tinha trezentos siclos de cobre** (16), “cuja lança pesava mais de cinco quilos” (Berk.). O siclo tinha pouco menos de doze gramas. O peso mencionado provavelmente se refere apenas à ponta da lança.

C. Cântico de Davi em Ação de Graças, 22.1-51

Este capítulo inteiro registra o cântico de louvor de Davi **no dia em que o Senhor o livrou das mãos de todos os seus inimigos e das mãos de Saul** (1). Isto teria ocorrido logo após ele ter sido estabelecido no trono de Israel. Esta passagem é encontrada no salmo 18, praticamente sem mudança. Este cântico é composto por oito estrofes, e contém muitas belas e características notas de louvor.

Em toda a sua extensão está repleto de referências às experiências de Davi na fuga de Saul, e nas suas batalhas com os filisteus.

Os versículos 2 a 4 louvam a Deus em termos extraídos da fuga no deserto: **rochedo, lugar forte, escudo, alto retiro, refúgio**. O Senhor havia sido o seu **libertador** e **Salvador**. Os versículos 5 a 7 refletem à profunda aflição do salmista, cercado por **ondas de morte** (5), a multidão de impiedosos que ameaçavam a sua vida.

Encontraram-me laços de morte (6) - em hebraico, “surpresos, vieram sobre mim”; “confrontados”; “eles bloquearam o meu caminho” (Berk.).

“O multiforme cuidado de Deus” é ensinado nos versículos 1-7 em uma série de metáforas e comparações impressionantes. Deus é o nosso: (1) Rochedo, 2,3; (2) Lugar forte, 2; (3) Escudo, 3; (4) Força de Salvação, 3; (5) Baluarte ou Alto Retiro, 3; (6) Salvador, 3; (7) Supremo objeto de oração e louvor, 4-7.

O livramento de Deus é vividamente retratado em 8 a 19. A majestade e o poder do Onipotente foram trazidos para a ajuda do salmista. As forças da natureza foram usadas para realizar a vontade do Senhor: o terremoto, a **escuridão**, o **vento**, o **trovão** e o **raio**. Aqui está a imagem da mais alta ordem, convocada para ampliar a maravilha do poder salvador do Senhor. Alguns têm se referido a esta descrição da tempestade que surgiu repentinamente durante a batalha como sendo os siros (2 Sm 7.5). Davi mais provavelmente se refere a tudo o que Deus havia feito durante os perigosos anos de sua fuga da presença de Saul. As ocasiões em que Deus aparece são freqüentemente associadas à tempestade (Êx 19.16-18; 1 Rs 19.11,12; Jó 38.1; J1 2.10-11; Na 1.3-6; At 2.2). **Encontraram-me no dia da minha calamidade** (19), é o mesmo que “vieram sobre mim no dia da minha calamidade”.

Os versículos 20 a 25 contrastam o estado atual do rei com a sua insegurança anterior. Deus o havia trazido **para um lugar espaçoso** (20). Esta confiança de Davi era o resultado de ter guardado **os caminhos do Senhor** (22). A obediência é certamente a chave para a bênção divina. O cristão, porém, entende que a bênção de Deus pode

não estar na forma de riqueza, saúde, ou no que poderia ser chamado de felicidade. Sofrimento e adversidade podem plenamente se mostrar uma bênção do Senhor tanto quanto a tranquilidade e a prosperidade.

Os versículos 26 a 30 são uma espécie de hino de louvor, endereçado diretamente ao Senhor. Os procedimentos de Deus para com a humanidade estão condicionados à resposta e à atitude dos homens em relação a Ele. Ele é o Salvador dos aflitos, mas o terror dos orgulhosos. Ele é uma **candeia** (ou lâmpada), e uma fonte de força além do comum.

“Reações de Deus à conduta do homem” são ilustradas nos versículos 26 a 29. (1) Ele é **benigno**, 26; (2) Ele é **íntegro** e **sincero**, 26; (3) Ele é **puro**, 27; (4) Ele livra o **aflito**, 28; mas (5) Ele é **avesso** ao perverso, 27; e (6) Ele abate **os altivos**, 28.

Os versículos 31 a 35 voltam-se ao louvor do Senhor, e eles são dirigidos àqueles que vão ouvir ou ler a seu respeito. **O caminho de Deus é perfeito** (31); não há alguém como Ele. Ele dá força e habilidade na batalha.

“O que Deus reserva para o seu povo” é apresentado nos versículos 29 a 33 em vividas palavras de testemunho. Davi havia encontrado em seu Deus (1) Luz, 29; (2) Força, 30; (3) Proteção, 31; (4) Segurança, 32; (5) Perfeição de caminho, 33.

Além disso, o salmista volta o seu pensamento diretamente ao Senhor (36-46), e louva-o pela vitória na batalha. Uma frase memorável é a seguinte: **Pela tua brandura, me vieste a engrandecer** (36). O Senhor é louvado por livrar Davi das conspirações do povo: **Também me livraste das contendas do meu povo** (44).

“Hino da vitória de Davi” é o título que Alexander Maclaren dá aos versículos 40 a 51. (1) A vitória de Davi vem somente do Senhor, 40-43; (2) Vitórias menores levaram a outras maiores, 44-46; (3) O louvor alegre é devido ao Senhor, 47-51.

D. As Últimas Palavras de Davi, 23.1-7

O primeiro parágrafo do capítulo 23 é introduzido com um título: **Estas são as últimas palavras de Davi** (1). Davi é descrito como **o homem que foi levantado em altura, o ungido do Deus de Jacó, e o suave em salmos de Israel**. É possível que **as últimas palavras** aqui signifiquem “as últimas palavras inspiradas”, visto que o termo hebraico traduzido como **diz** é um termo que é sempre usado em outras passagens como um pronunciamento divinamente inspirado.

Que **o Espírito do Senhor** realmente falava por Davi (2) é abundantemente atestado nos salmos que ele escreveu. Deus revelou ao rei o seu ideal para a monarquia: **Um justo que domine sobre os homens, que domine no temor de Deus** (3). Ele deveria ser também como a luz do sol em **uma manhã sem nuvens** (4), e como a erva nutritiva da terra. Embora **a minha casa não seja tal para com Deus** (5); Davi reconhece que falhou quanto ao ideal; contudo, ele se regozija na certeza da aliança que Deus tinha feito com ele, “as firmes beneficências de Davi” (Is 55.3; At 13.34). Esta é **toda a minha salvação**, etc. (5) “Não fará prosperar toda a minha ajuda e o meu desejo? Pelo contrário, **os filhos de Belial** (6), desprezíveis e ímpios, serão como os **espinhos** destinados ao fogo” (7).

E. Os Valentes de Davi e suas façanhas, 23.8-23

Esta lista faz um paralelo com 1 Crônicas 11.11-25 (veja também os comentários). As diferenças parecem ocorrer principalmente devido a variações no processo de cópia, das Crônicas copiadas de Samuel, ou de ambos a partir de uma terceira fonte. Nenhuma variação é significativa a ponto de alterar qualquer verdade doutrinária. A partir do relato em Crônicas, parece que estes valentes (8), junto com trinta “valentes” listados posteriormente no capítulo, eram os principais colaboradores de Davi no estabelecimento de seu trono.

O chefe dos três primeiros era **Josebe-Bassebete, filho de Taquemoni** (8), identificado como **Jasobeão, hacmonita** em 1 Crônicas 11.11. **Adino, o eznita**, é um outro nome para este capitão, e poderia ser traduzido como “aquele que brandiu a sua lança”. **Depois dele, Eleazar** (9), cuja fama residia em sua valente

coragem em uma vitória sem ajuda sobre os filisteus depois que o povo de Israel havia fugido **(9-10)**. **Sama** era o terceiro, e também mudou o resultado da batalha contra os filisteus **(11,12)**. Esses três estavam entre os primeiros que se juntaram a Davi em Adulão. Ao desejar o futuro rei beber do poço em Belém, que na época se encontrava nas mãos dos filisteus, os soldados invadiram as linhas inimigas e carregaram a água para seu chefe. Tocado pelo risco de vida envolvido, Davi a derramou como uma libação ao Senhor **(13-17)**.

Tem-se aparentemente em vista um segundo grupo de três, com os nomes de dois deles citados: Abisai **(18,19)** e Benaia **(20-23)**. De cada um deles é dito que não chegaram a ser como os **primeiros três (19,23)**, embora tenham se destacado em importância **entre os trinta (23)**. Algumas versões alteram o texto no versículo 18 para se ler “dos trinta”, ao invés de **entre os três**. Contra isso pode ser citado o fato de que os versículos 24 a 39 listam trinta nomes além de Abisai e Benaia. O terceiro de seu grupo pode ter sido Amasa, que apesar de suas proezas não é citado, talvez devido ao seu envolvimento na rebelião de Absalão.

F. A Legião de Honra, 23.24-39

A lista dos **trinta (24)** faz um paralelo com 1 Crônicas 11.26-47 (veja também o comentário), onde as diferenças na ordem e nos nomes podem se dever ao fato de que esta corporação de elite era provavelmente alterada de tempos em tempos. Alguns dos nomes são familiares de outros contextos, tais como **Asael (24)**, e **Urias, heteu (39)**. Outros são encontrados somente aqui. **Trinta e sete por todos (39)** seriam todos os 30 da “legião de honra”, o primeiro e o segundo grupo de “três”, e o próprio Davi ou Joabe como comandante supremo, que não é citado aqui.

G. A Peste, 24.1-25

O último capítulo de 2 Samuel tem sido difícil para os comentaristas evangélicos em razão do antecedente incerto ao pronome na frase: **ele incitou a Davi contra eles (1)**.

O versículo, da forma como está, parece sugerir que o Senhor incitou Davi a um ato pecaminoso (10), a fim de punir a nação por pecados não denominados que tinham causado a ira divina contra o povo. No entanto, deve ser observado que na passagem paralela em 1 Crônicas 21.1 lê-se: “Então, Satanás se levantou contra Israel e incitou Davi a numerar a Israel”.

Também não está exatamente claro em que aspecto a tomada do censo seria considerada um pecado. Visto que o relatório foi dado em termos de força militar (9), isto poderia ter sido uma expressão de orgulho e auto-suficiência, um pecado por parte do rei. A resistência de Joabe à contagem (3) pode indicar uma desaprovação popular de uma medida criada para promover algum programa de trabalho forçado, ou uma cobrança de impostos. **Desde Berseba até Dã** (2), a expressão tradicional para toda a terra - Dã, o extremo norte, e Berseba na margem do extremo sul do deserto (cf. Jz 20.1; 1 Sm 3.20; 2 Sm 3.10; 17.11).

A atitude de Joabe é digna de louvor e mostra que juntamente com sua ambição, traição e crueldade desordenada, ele possuía algumas boas qualidades. Ele era evidentemente apoiado pelos outros líderes militares; **porém a palavra do rei prevaleceu** (4). Os recenseadores começaram no leste, do outro lado do Jordão, **Aroer e Gileade** (5-6), e trabalharam até o extremo norte, **Sidom** (6), desceram a costa, até **Tiro** (7), e terminaram no sul, em **Berseba**, e levaram ao todo quase dez meses (5-8). Os números relatados eram de 800.000 guerreiros em Israel e 500.000 em Judá (9). Os números diferentes em

1 Crônicas 21.5,6 podem ser o resultado de um método ligeiramente diferente de cálculo, e podem ter sido expressos em dois relatórios diferentes.

Tão logo o relatório foi recebido, **o coração doeu a Davi (10)**, a sua consciência se agitou, e ele confessou o seu pecado e buscou o perdão. **O profeta Gade (11)**, que havia tomado o lugar de Natã como o **vidente de Davi**, ou conselheiro espiritual, vem na manhã seguinte para oferecer uma escolha de consequências: **sete anos de fome**

(13), três meses de fuga diante dos inimigos, ou três dias de peste. A escolha de Davi foi feita com base em seu desejo de cair **nas mãos do Senhor (14)** e não **nas mãos dos homens.**

Setenta mil (15) morreram devido à peste, que só foi interrompida quando chegou a Jerusalém. **O Senhor se arrependeu (16),** cf. comentário sobre 1 Samuel 15.11. O anjo que simboliza ou direciona a praga foi interrompido junto **à eira de Araúna, o jebuseu (16),** descendente dos antigos habitantes de Jerusalém (cf. 5.6). Aqui Davi foi orientado a levantar um altar ao Senhor (18), onde o Templo foi mais tarde edificado.

Quando o rei foi ao local designado e pediu para comprar o lugar, Araúna o ofereceu como um presente sincero (19-23). **Araúna, como um rei (23)** pode indicar uma posição de realeza ou a nobreza de espírito do homem, ou ainda pode ser traduzido da seguinte forma: “Tudo isto, ó rei, Araúna oferece ao rei”. A resposta de Davi é uma das grandes declarações das Escrituras sobre a prioridade do sacrifício e a administração na obra do Senhor: **Não, porém por certo preço to comprarei, porque não oferecerei ao Senhor, meu Deus, holocaustos que me não custem nada (24).**

A diferença entre os 50 siclos de prata (24) e os 600 siclos de ouro oferecidos em 1 Crônicas 21.25 pode ser assim explicada: os 50 siclos teriam sido o valor do lugar imediato junto com os bois e os instrumentos da eira, ao passo que os 600 siclos teriam sido o custo de toda a área circundante sobre a qual o Templo deveria ser construído.

Os versículos 18-25 têm muita coisa a nos mostrar sobre “o alto preço da verdadeira adoração”. As palavras de Davi (24) apresentam uma grande verdade: (1) A adoração é exigida de todos, até mesmo de um rei, 18,19. (2) Pode haver um tipo de adoração sem custo, 20-23; (3) A adoração que não tem custo, também não tem valor, 24; (4) A adoração que envolve a disposição para sacrificar é recompensada com resultados, 25.

Notas

INTRODUÇÃO

¹ Cf. A. M. Renwick, "I and II Samuel: Appendix II, The Critical View of Sources and Documents";

The New Bible Commentary, ed. F. Davidson (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), pp. 293-99.

² Cf. K. A. Kitchen e T. C. Mitchell, "Chronology of the Old Testament"; *The New Bible Dictionary*,

ed. J. D. Douglas (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962), pp. 212-23; e W. T. Purkiser, *et al.*, *Exploring the Old Testament* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1955), pp. 422-23.

³ J. A. Thompson, *The Bible and Archaeology* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co.,

1962), pp. 94-95.

⁴ Cf. T. C. Mitchell, "Gibeá," NBD, pp. 466-67.

⁵ *Notes on the Hebrew Text and the Topography of the Books of Samuel* (2a. ed.; Oxford: Clarendon

Press, 1913), p. 260.

⁶ Cf. Thompson, *op. cit.*, p. 100.

SEÇÃO I

¹ George B. Caird, "The First and Second Book of Samuel" (Exegese), *The Interpreter's Bible*, ed. George A. Buttrick, et al., II (Nova York: Abingdon Press, 1953), 879.

² Cf. Merrill F. Unger, *Unger's Bible Dictionary* (Chicago: Moody Press, 1957), art. "Nazarite," pp.

779-80.

³ C. F. David Erdmann, "The Books of Samuel", *Commentary on the Holy*

Scriptures: Criticai,

Doctrinal and Homiletical, ed. J. P. Lange (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1905), V, 60.

⁴ Cf. Otto T. Baab, *Theology of The Old Testament* (Nova York: Abingdom-Cokesbury Press, 1949),

pp. 115-55.

⁵ Cf. Paul Heinisch, *Theology of the Old Testament* (Collegeville, Minesota: The Liturgical Press,

1950), p. 43.

⁶ John C. Schroeder, "The First and Second Books of Samuel" (Exposição), *The Interpreter's Bible*,

ed. George A. Buttrick, *et al.*, II (Nova York: Abingdon Press, 1953), 889-90.

⁷ Henry P. Smith, *A Criticai and Exegetical Commentary on the Books of Samuel* ("International Criticai Commentary"; New York: Charles Scribner's Sons, 1929), p. 25.

⁸ Caird, *op. cit.*, IB, II, p. 894.

⁹ W. G. Blaikie, *The First Book of Samuel* ("The Expositor's Bible", ed. W. Robertson Nicoll; Grand

Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1943), II, p. 20.

¹⁰ J. A. Thompson, *The Bible and Archaeology* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co.,

1962), pp. 78-81.

¹¹ Cf. A. M. Renwick, "I and II Samuel: Appendix I, The Ark of the Covenant"; *The New Bible*

Commentary, ed. F. Davidson (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), pp. 292-93.

¹² Cf. M. G. Kline, "Hebrews"; *The New Bible Dictionary*, ed. J. D. Douglas (Grand Rapids: Wm. B.

Eerdmans Publishing Co., 1962), pp. 511-12.

Erdmans, *op. cit.*, pp. 102-3.

¹³

¹⁴

¹⁵

^{16 17}

Renwick, *op. cit.*, NBC, p. 266.

John Bright, *A History of Israel* (Philadelphia: The Westminster Press, 1959), pp. 165-66. Erdmans, *op. cit.*, pp. 122-23.

Renwick, *op. cit.*, NBC, pg. 295ss.

SEÇÃO II

¹ John Bright, *A History of Israel* (Philadelphia: The Westminster Press, 1959), pp. 164-74.

² Cf. A. M. Renwick, "I and II Samuel"; *The New Bible Commentary*, ed. F. Davidson (Grand

Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), p. 268.

³ Cf. C. F. David Erdmann, "The Books of Samuel", *Commentary on the Holy Scriptures: Critical,*

Doctrinal and Homiletical, ed. J. P. Lange (New York: Charles Scribner's Sons, 1905), V, p. 142.

⁴ Cf. J. A. Motyer, "Anointing, anointed"; *The New Bible Dictionary*, ed. J. D. Douglas (Grand

Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962), p. 39.

⁵ A. M. Renwick, *op. cit.*, NBC, p. 298.

⁶ Erdmann, *op. cit.*, p. 158.

⁷ Cf a sua obra *Archaeology of Palestine* (London: Pelican, 1956), pp. 120-22; também J. A.

Thompson, *The Bible and Archaeology* (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962), pp. 95,96.

⁸ AASOR, IV, 51ss.; citado por Thompson, *op.cit.*, p. 96.

⁹ Cf. a discussão em Renwick, *op. cit.*, Apêndice II, pp. 295-97.

¹⁰ Erdmann, *op. cit.*, p. 174.

¹¹ *Ibid.*, pp. 189-90.

¹² Cf George B. Caird, "The First and Second Books of Samuel" (Exegesis), *The Interpreter's*

Bible, ed. George A. Buttrick *etal*, II (New York: Abingdon Press, 1953), pp. 953,54.

¹³ Cf. Erdmann, *op. cit.*, pp. 211,12.

SEÇÃO III

¹ Cf T. H. Jones, "David"; *The New Bible Dictionary*, ed. J. D. Douglas (Grand Rapids: Wm. B.

Eerdmans Publishing Co., 1962), pp. 294-96.

² Cf. a revisão destas questões por A. M. Renwick, "I and II Samuel", *The New Bible Commentary*,

ed. F. Davidson (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), pp. 271,72.

³ Cf J. D. Douglas, “Goliath”; NBD, p. 481.

⁴ Cf. C. F. David Erdmann, “The Books of Samuel”, *Commentary on the Holy Scriptures: Criticai,*

Doctrinal and Homiletical, ed. J. P. Lange (New York: Charles Scribner’s Sons, 1905), V, pp. 234,35.

⁵ Cf. George B. Caird, “The First and Second Books of Samuel” (Exegesis), *The Interpreter’s Bible*,

ed. George A. Buttrick, *et al.*, II (New York: Abingdon Press, 1953), p. 987.

⁶ Cf. a discussão em Renwick, NBC, p. 298.

⁷ Erdmann, *op. cit.*, p. 266.

⁸ Renwick, *op. cit.*, NBC, p. 273.

⁹ Cf. uma sugestão alternativa em Caird, *op. cit.*, IB, II, p. 1000.

¹⁰ Cf. J. A. Moyter, “Urim and Thummim”; NBD, p. 1.306.

¹¹ Cf Erdmann, *op. cit.*, pp. 299,300.

¹² Caird, *op. cit.*, IB, II, p. 1010.

¹³ Cf. Renwick, *op. cit.*, NBC, pp. 275,76.

¹⁴ A experiência de Saul. A história de Samuel e da feiticeira de En-Dor perturba muita gente

nestes dias em que o espiritismo está reavivado. Mas, para mim, qualquer uma das duas explicações é satisfatória: A primeira hipótese é a de que um ser realmente apareceu pela providência especial de Deus, e o seu surgimento foi um juízo sobre o rei ímpio e uma surpresa para a feiticeira, cujas reivindicações fraudulentas foram obscurecidas por esta inesperada intervenção divina. Ou, a segunda hipótese, a de que esta era somente mais uma reivindicação infundada da feiticeira à qual o coração perturbado do rei deu crédito. Penso que 90% das experiências no espiritismo podem ser explicadas com base na psicologia, inclusive a telepatia, e o que quer que não seja humano vem diretamente do diabo. - J. B. Chapman, *Herald of Holiness*, XVI, n^o 8 (18 de maio de 1927), 4.

¹⁵ Thompson, *op. cit.*, pp. 94,95.

SEÇÃO IV

¹ Cf. uma reconstrução diferente na obra de George B. Caird, “The First and Second Books of

Samuel” (Exegesis), *The Interpreters Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al.*, II (New York: Abingdon Press, 1953), pp. 1.041,42.

² Cf. W. T. Purkiser, *et al.*, *Exploring the Old Testament* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1955),

pp. 54,55.

³ *A History of Israel* (Filadélfia: The Westminster Press, 1959), pp. 176-78.

⁴ *Ibid.*, pp. 178-81.

⁵ Cf. A. M. Renwick, “I and II Samuel,” *The New Bible Commentary*, ed. F. Davidson (Grand

Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), p. 282.

⁶ Cf. D. F. Payne, “Jerusalem,” *The New Bible Dictionary*, ed. J. D. Douglas (Grand Rapids: Wm.

B. Eerdmans Publishing Co., 1962), pp. 614-20.

⁷ Cf. C. F. David Erdmann, “The Books of Samuel”, *Commentary on the Holy Scriptures: Criticai,*

Doctrinal and Homiletical, ed. J. P. Lange (New York: Charles Scribner’s Sons, 1905), V, pp. 417,18.

⁸ Renwick, *op. cit.*, NBC, pp. 287,88.

⁹ D. J. Wiseman, “Weights and Measures”; NBD, p. 1.320.

SEÇÃO V

¹ Cf. A. M. Renwick, “I and II Samuel”; *The New Bible Commentary*,

ed. F. Davidson (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1953), pp. 290-92.

² Cf. Ganse Little, “II Samuel” (Exposição), *The InterpreterCs Bible*, ed. George A. Buttrick, *et al.*, II (New York: Abingdon-Cokesbury Press, 1953), pp. 1,157,58.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

Blaikie, W. G. *The First Book of Samuel*, “The Expositor’s Bible”. Editado por W. Robertson Nicoll. Nova York: Eaton e Mains, s.d.

— *The Second Book of Samuel*, “The Expositor’s Bible”. Editado por W. Robertson Nicoll. Nova

York: Eaton e Mains, n.d.

Brockington, L. H. “I and II Samuel”. *Peake’s Commentary on the Bible*. H. H. Rowley, editor do Antigo Testamento. Londres: Thomas Nelson and Sons, Ltd., 1962.

Caird, George B. “The First and Second Books of Samuel” (Introduction). *The Interpreter’s Bible*. Editado por George A. Buttrick, *et al.*, Vol. II. Nova York: Abingdon Press, 1953.

— “The First and Second Books Of Samuel” (Exegesis). *The Interpretefs Bible*. Editado por George A. Buttrick, *Et AL*, Vol. II. Nova York: Abingdon Press, 1953.

Chapman, C. “I Samuel” (Homilética). *The Pulpit Commentary*. Editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Nova Edição. Chicago: Wilcox E Follett, s.d.

— “II Samuel” (Homilética). *The Pulpit Commentary*. Editado por H. D. M. Spence e Joseph S.

Exell. Nova Edição. Chicago: Wilcox e Follett, n.d.

Clarke, Adam. *The Holy Bible with a Commentary and Criticai Notes*, Vol. II. Nova York: Abingdon Press, s.d.

Clarke, W. K. Lowther. *Concise Bible Commentary*. Nova York: Macmillan Co., 1953.

Davis, G. Henton, Richardson, Alan, Wallis e Charles L. (Eds.). *The Twentieth Century Bible Commentary*. Edição Revisada. Nova York: Harper and Brothers, 1955.

Dummelow, J. R. (ed.). *A Commentary on the Holy Bible*. Nova York: Macmillan Co., 1946.

Eiselen, Frederick C., Lewis, Edwin, Downey e David G. (eds.). *The Abingdon Bible Commentary*. Nova York: Abingdon-cokesbury Press, 1929.

Elliott-binns, L. *From Moses to Elisha*. “The Clarendon Bible”. Old Testament, Vol. II. Oxford: The Clarendon Press, 1949.

Erdmann, C. F. David. “The Books Of Samuel”. *A Commentary on the Holy Scriptures: Critical, Doctrinal and Homiletical*. Editado por J. P. Lange. Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1905.

Gardiner, F. “II Samuel”. *Commentary on the Whole Bible*. Editado por Charles John Ellicott, Vol. II. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, s.d. (reimpressão).

Gore, Charles e Goudge, H. L., Guillaume, Alfred. *A New Commentary on the Holy Scriptures*. Nova York: Macmillan Co., 1945.

Harris, W. “Homiletical Commentary on the Books of Samuel”. *The Preachers Complete Homiletical Commentary on the Old Testament*. Nova York: Funk and Wagnalls, 1892.

Henry, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*, Vol. II. Nova York: Fleming H. Revell, n.d.

Huffman, Paul E. “First and Second Samuel”. *Old Testament Commentary*. Editado por H. C. Alleman e E. E. Flack. Filadélfia: The Muhlenberg Press, 1948.

Jamieson, Robert, Faussett, A. R., Brown, David. *A Commentary: Critical, Experimental and Practical*, Vol. II. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1948 (reimpressão).

Keil, C. F., e Delitzsch, F. *Biblical Commentary on the Books of Samuel*. Traduzido por James Martin. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1950 (reimpressão).

Kennedy, A. R. S. (ed.). *Samuel*. “The Century Bible”. Editor Geral, Walter F. Adeney.

Edinburgo: T. C. e E. C. Jack, 1905.

Kirkpatrick, A. F. *The First Book of Samuel*. “Cambridge Bible for Schools and Colleges”. Editor Geral, J. J. S. Perowne. Cambridge: University Press, 1894.

— *The Second Book of Samuel*. “Cambridge Bible for Schools and Colleges”. Editor Geral, J. J. S. Perowne. Cambridge: University Press, 1894.

Little, Ganse. “The Second Book of Samuel” (Exposição). *The Interpreter’s Bible*. Editado por George A. Buttrick, *et al.*, Vol. II. Nova York: Abingdon Press, 1953.

Maclaren, Alexander. *Expositions of Scriptures*, Vol. II. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1944 (reimpressão).

Martin, William J. “I Samuel; II Samuel”. *The Biblical Expositor*, Vol. I. Editado por Carl F. H. Henry. Filadélfia: A. J. Holman Co., 1960.

Morgan, George Campbell. *An Exposition of the Whole Bible*. Westwood, N. J.: Fleming H. Revell, 1959.

Neil, Wiliam. *Harper’s Bible Commentary*. Nova York: Harper and Row, 1962.

Renwick, A. M. “I and II Samuel” *The New Bible Commentary*. Editado por Francis Davidson, *et al.* Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1956.

Rust, Eric C. *The First and Second Book s of Samuel*. “The Layman’s Bible Commentary”, Vol. VI. Richmond, Va.: John Knox Press, 1961.

Schroeder, John C. “The First and Second Books of Samuel” (Exposição). *The Interpreter’s Bible*. Editado por George A. Buttrick, *et al.*, Vol. II. Nova York: Abingdon Press, 1953.

Simpson, A. B. *Samuel, Kings and Chronicles*. “Christ in the Bible”, Vol. V. Harrisburg, Pa.: Christian Publications, s.d.

Smith, Henry Preserved. *A Criticai and Exegetical Commentary on the Books of Samuel*. “International Criticai Commentary”. Nova York: Charles Scribner’s Sons, 1899.

Smith, R. Payne. “II Samuel” (Exposição). *The Pulpit Commentary*. Editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Nova Edição. Chicago: Wilcox and Follett, s.d.

Snaith, Norman H. *Notes on the Hebrew Text of Samuel 16-19*. Nova York: Abingdon Press, 1945.

Spence, H. D. M. "I Samuel". *Commentary on the Whole Bible*. Editado por Charles John Ellicott, Vol. II. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, n.d. (reimpressão).

Terry, M. S. "Books of Judges to II Samuel". *Commentary on the Old Testament*. Editado por D. D. Whedon. Vol. III. Nova York: Nelson and Phillips, 1877.

Williams, George. *The Students Commentary on the Holy Scriptures*. Grand Rapids, Michigan: Kregel Publications, 1949.

Young, Fred E. "I and II Samuel". *The Wycliffe Bible Commentary*. Editado por Charles Pfeiffer E E. F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.

II. OUTROS LIVROS

Albright, William F. *Archaeology and the Religion of Israel*. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1942.

— *The Archaeology of Palestine*. Londres: Pelican Books, 1956.

Baab, Otto F. *Theology of the Old Testament*. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1949.

Baeton, George A. *Archaeology and the Bible*. Filadélfia: American Sunday School Union, 1937. Blackwood, Andrew W. *Preaching from Samuel*. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1946. Bright, John. *A History of Israel*. Filadélfia: Westminster Press, 1959.

Driver, Samuel R. *Notes on the Hebrew Text and the Topography of the Books of Samuel*. Segunda Edição. Oxford: Clarendon Press, 1913.

Free, Joseph P. *Archaeology and Bible History*. Wheaton, IL: Van Kampen Press, 1950.

Geikie, Cunningham. *Hours with the Bible*, Vol. III. Nova York: James Pott, Publisher, 1883.

Hastings, James. *The Great Texts of the Bible: Deuteronomy to Esther*. Nova

York: Charles Scribner's Sons, 1911.

Heinisch, Paul. *Theology of the Old Testament*. Collegeville, Minn.: Liturgical Press, 1950.

Owen, G. Frederik. *Archaeology and the Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell, 1961.

Pritchard, James Bennett. *Archaeology and the Old Testament*. Princeton: Princeton University Press, 1958.

Purkiser, W. T., et al. *Exploring the Old Testament*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1955.

Short, Arthur Rendle. *Archaeology Gives Evidence: Bible History and Eastern Discovery*. Londres: Tyndale Press, 1951.

Sinclair, Lawrence A. *An Archaeological Study of Gibeah (Tell el-Ful)*. New Haven: American Schools of Oriental Research, 1960.

Thompson, J. A. *The Bible and Archaeology*. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962.

Unger, Merrill F. *Archaeology and the Old Testament*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1954.

Urquhart, John. *The New Biblical Guide*, Vol. V. Hartford: The S. S. Scranton Co., s.d.

Wright, G. Ernest. *Biblical Archaeology*. Filadélfia: Westminster Press, 1957.

III. ARTIGOS

Aalders, G. Ch. "The Historical Literature". NBC, pp. 31-37.

Burrows, Millar. "Jerusalem". IDB, Vol. *E-J*, pp. 843-66.

Chapman, J. B. "Editorial Comments". *Herald of Holiness*, XVI, No. 8 (18 de maio de 1927), p. 4. Douglas, J. D. "Goliath". NBD, p. 481.

Jones, T. H. "David". NBD, pp. 294-96.

Kitchen, K. A., e MITCHELL, T. C. "Chronology of the Old Testament". NBD, pp. 212-23.

Kline, M. G. "Hebrews". NBD, pp. 511-12.

Martin, W. J. "Samuel". NBD, pp. 1.134-39.

Moyter, J. A. "Anointing, Anointed". NBD, p. 29.

— "Urim and Thummim". NBD, p. 1.306.

Myers, J. M. "David". IDB, Vol. *A-D*, pp. 771-82.

- "Saul". IDB, Vol. *R-Z*, pp. 228-33.

Payne, D. F. "Jerusalem". NBD, pp. 614-20.

Szikszai, S. "I and II Samuel". IDB, Vol. *R-Z*, pp. 202-9.

Unger, Merrill F. "Nazarite". *Unger's Bible Dictionary*. Chicago: Moody Press, 1957, pp. 779,80. Wiseman, Donald J. "Weights and Measures". NBD, pp. 1.319-25.

Comentário Bíblico

n a n/AAT

Chester O. Mulder R. Clyde Kidall W. T. Purkiser Harvey E. Einley Robert L. Sawyer C. E. Demaray

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Josué a Ester

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

ISBN 85-263-0686-3

9788526 306868